

*Contribuições ao Estudo da Leitura
entre Estudantes Universitários*

*Análise empírica da leitura e do uso de bibliotecas
entre alunos do curso de graduação do
Instituto de Psicologia da USP.*

Elza Corrêa Granja

*São Paulo
1985*

ELZA CORRÊA GRANJA

CONTRIBUIÇÕES AO ESTUDO DA LEITURA
ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Análise empírica da leitura e do uso de
bibliotecas entre os alunos do curso de
graduação do Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo, co
mo parte dos requisitos para a obtenção do
título de Mestre.

Orientadora: Dra. Maria Helena C.F. Steiner

SÃO PAULO

1985

À minha mãe que me iniciou
na leitura e no convívio
com os livros, antes mesmo
que a escola o fizesse.

AGRADECIMENTOS

À Dra. MARIA HELENA C. DE FIGUEIREDO STEINER pela orientação plena que me proporcionou através de constante incentivo, da presença amiga e da convivência acadêmica sempre enriquecedora.

Ao Dr. Clovis de Araujo Peres, Diretor Científico do Setor de Estatística Aplicada do Instituto de Matemática e Estatística da USP, pela assessoria técnica prestada quando do planejamento do instrumento e da análise quantitativa dos dados, de fundamental importância nesta pesquisa.

À Maria da Conceição Farias Freitas, Auxiliar de Pesquisa do Setor de Estatística Aplicada do Instituto de Matemática e Estatística da USP, pela dedicação e interesse com que processou todos os programas necessários à análise quantitativa dos dados.

À Dra. Maria José de B. Fornari de Aguirre, ex-Diretora do Instituto de Psicologia, que tornou possível a realização desta pesquisa entre os estudantes daquela unidade.

À Dra. Maria Stella Orsini pelas sugestões valiosas que acrescentou a este trabalho no decorrer de seu desenvolvimento.

À Dra. Geraldina P. Witter, pela amizade com que sempre me distinguiu e tão presente neste trabalho.

À Prof^a Inês Maria de Moraes Imperatriz, com a qual partilhei os principais momentos deste trabalho, pela solidariedade constante que só fez por enriquecer ainda mais nossa amizade.

A Orly Shapiro toda a minha gratidão pela dedicação e zelo com que me substituiu no Instituto de Psicologia e pela inestimável ajuda que tornou possível a conclusão desta pesquisa no corrente ano.

A Helena Medeiros Fonseca Ribeiro devo todo o seu esforço e empenho de, com tanto sacrifício pessoal, datilografar os originais com correção, clareza e estética.

Ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da USP que me possibilitou realizar este trabalho no prazo exigido, reduzindo minha carga de horas/aula.

Aos estudantes do curso de graduação do Instituto de Psicologia da USP pela pronta e interessada participação que demonstraram quando da coleta de dados para esta pesquisa.

À professora e amiga Lilia Piccinelli que não pôde ver este trabalho concluído mas ao qual emprestou tanto do seu entusiasmo na fase inicial de sua realização.

A meus pais e meus irmãos pelo apoio irrestrito e inestimável que me dedicaram durante toda a realização deste trabalho.

Aos colegas e amigos pela presença e incentivo constantes.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I — INTRODUÇÃO	1
1. Considerações gerais sobre a leitura na vida do estudante de graduação do Instituto de Psicologia	1
1.1 - Relevância e atualidade do tema	1
1.2 - Contribuições da literatura sobre o assunto	6
2. Algumas considerações complementares ao estudo realizado	15
2.1 - Psicologia: ciência e profissão	15
2.2 - A biblioteca do Instituto de Psicologia da USP	21
3. Objetivos da pesquisa	25
4. Metodologia da pesquisa	28
4.1 - O instrumento utilizado	29
4.2 - Coleta de dados	30
4.3 - Dados obtidos e seu tratamento quantitativo	34
CAPÍTULO II — RESULTADOS	38
1. Perfil do aluno	38
2. Leitura e estudo	53
3. Leitura e lazer	65
4. Biblioteca e leitura	80

CAPÍTULO III - DISCUSSÃO 98

1. Em busca de um perfil do aluno do curso de graduação do Instituto de Psicologia 98

2. A leitura nas atividades desenvolvidas pelos estudantes 105

2.1 - Leitura e estudo 105

2.2. - Leitura e lazer 116

2.3 - A leitura vista através do uso da biblioteca do IP .. 128

CAPÍTULO IV - SÚMULA DAS CONCLUSÕES 139

ANEXOS 144

A - Questionário utilizado como instrumento de coleta de dados da pesquisa.

B - Tipos de material sugeridos para o acervo da biblioteca

C - Periódicos lidos regularmente pelos alunos do curso de graduação do IP/USP

D - Periódicos lidos regularmente pelos alunos do curso de graduação do IP/USP, segundo a natureza da publicação

E - Opinião do corpo discente do curso de graduação em psicologia sobre a biblioteca do Instituto de Psicologia da USP

F - Sugestões e comentários finais feitos pelos alunos do curso de graduação em psicologia do Instituto de Psicologia da USP

G - Leituras realizadas nas horas de lazer pelos alunos do curso de graduação do Instituto de Psicologia da USP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APÊNDICE

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Nível de escolaridade dos pais	45
FIGURA 2 - Frequência da leitura na família	62
FIGURA 3 - Atividades preferidas no lazer	68
FIGURA 4 - Obtenção da leitura no lazer	71

LISTA DE TABELAS

1 - Distribuição dos questionários entre os alunos do curso de graduação do IP/USP	33
2 - Situação quanto à matrícula e avaliação no curso dos alunos que não participaram da pesquisa	33
3 - Distribuição dos alunos do curso de graduação do IP/USP por sexo	38
4 - Distribuição dos alunos do curso de graduação do IP/USP por idade	39
5 - Distribuição dos alunos por objetivos que esperam alcançar através da graduação em psicologia	39
6 - Distribuição dos alunos por área pretendida para atuação profissional	40
7 - Distribuição dos alunos com opção para atuar em uma única área da psicologia	41
8 - Distribuição dos alunos do curso de graduação do IP/USP por renda familiar	42
9 - Distribuição dos alunos por tipo de recursos para manutenção pessoal.	42
10 - Distribuição dos alunos do curso de graduação do IP/USP por tipo de residência	43
11 - Distribuição dos alunos do curso de graduação do IP/USP por nível de escolaridade paterna e materna	44

12 - Distribuição dos alunos por graduação já concluída em outro curso superior	45
13 - Distribuição dos alunos por área de escolha e por sexo	46
14 - Distribuição dos alunos que pretendem atuar em uma única área da psicologia, por renda familiar	47
15 - Distribuição dos alunos por objetivo que esperam alcançar através do curso de psicologia	48
16 - Alunos já graduados, por idade e área da graduação	49
17 - Alunos já graduados por renda familiar mensal	49
18 - Alunos já graduados por tipo de recursos para manutenção pessoal	49
19 - Distribuição dos alunos por frequência a cursos não universitários	51
20 - Distribuição dos alunos com frequência a outros cursos não universitários, por faixa de renda	52
21 - Distribuição dos alunos por tempo ^{mensal} dedicado ao estudo, leitura e elaboração de trabalhos	53
22 - Distribuição dos alunos de acordo com sua posição em relação à leitura da bibliografia básica indicada pelos professores	54
23 - Distribuição dos alunos que lêem livros complementares por ano do curso	55
24 - Distribuição dos alunos por tempo dedicado semanalmente ao estudo e posição quanto à realização de leituras complementares	56

25 - Distribuição dos alunos por meios de acesso à bibliografia indicada nas disciplinas do curso	57
26 - Distribuição dos alunos por meios de acesso à bibliografia indicada nas disciplinas e ano do curso	58
27 - Distribuição dos alunos por meios de acesso à bibliografia indicada nas disciplinas do curso e faixa de renda (em salários mínimos)	59
28 - Tipos de materiais utilizados com maior frequência pelos alunos do curso de graduação do IP/USP	60
29 - Conhecimento de idiomas para a leitura de textos específicos na área, pelos alunos do curso de psicologia do IP/USP	61
30 - Distribuição dos alunos por nível de escolaridade materno e frequência da leitura entre os membros da família	63
31 - Distribuição dos alunos por nível de escolaridade paterno e frequência da leitura entre os membros da família	64
32 - Distribuição dos alunos por tempo médio semanal dedicado ao lazer	65
33 - Distribuição dos alunos por tempo médio semanal dedicado ao lazer e ano do curso de psicologia	66
34 - Distribuição dos alunos por tipo de atividade preferida no lazer	67
35 - Distribuição dos alunos por atividade preferida no lazer por tempo médio semanal dedicado ao lazer	69
36 - Distribuição dos tipos de leitura feitos com maior frequência no lazer pelos alunos do curso de graduação do IP/USP	70

37 - Distribuição, por sexo, da leitura de jornais, entre os alunos do curso de graduação do IP/USP	71
38 - Distribuição, por sexo, da leitura de revistas de atualidades entre os alunos do curso de graduação do IP/USP	72
39 - Distribuição, por sexo, da leitura de livros de ficção entre os alunos do curso de graduação do IP/USP	72
40 - Distribuição dos alunos por renda familiar e meios de acesso à literatura de lazer	75
41 - Distribuição, por gênero literário, dos livros lidos no lazer pelos alunos do curso de graduação em psicologia do IP/USP	77
42 - Motivos de escolha na leitura do último livro lido pelos alunos no lazer	78
43 - Motivos de escolha na leitura do último livro lido no lazer pelos alunos (alternativa outros da tabela nº44)	79
44 - Distribuição dos alunos do curso de graduação por frequência no uso da biblioteca do IP/USP	80
45 - Distribuição dos alunos por tempo médio dedicado semanalmente ao estudo e por frequência no uso da biblioteca do IP/USP	81
46 - Motivo de uso da biblioteca do IP/USP pelos alunos do curso de graduação em sua última visita	82
47 - Capacidade da biblioteca do IP/USP em corresponder às demandas do corpo discente do curso de graduação em sua última visita	85
48 - Dificuldades encontradas pelos alunos do curso de graduação no uso da biblioteca do IP/USP	85

49 - Utilização de outras bibliotecas pelo corpo discente do curso de graduação do IP/USP (N=159)	87
50 - Uso de bibliotecas pelos alunos do curso de graduação do IP/USP no período anterior ao curso universitário ...	88
51 - Bibliotecas utilizadas pelos alunos do curso de graduação do IP/USP no período anterior ao curso universitário	89
52 - Opinião dos estudantes do curso de graduação sobre a biblioteca do IP/USP	90
53 - Número de títulos de periódicos lidos ou consultados regularmente pelos alunos do curso de graduação do IP/USP	96
54 - Número de títulos de revistas consultadas pelos alunos do curso de graduação do IP/USP	97

GRANJA, Elza Corrêa. Contribuições ao estudo da leitura entre estudantes universitários: análise empírica da leitura e do uso de bibliotecas entre os alunos do curso de graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1985. 188p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia - USP

RESUMO

Análise da leitura dos alunos de graduação do Curso de Psicologia da Universidade de São Paulo. O aluno/leitor constitui o objeto central da análise que tem como pano de fundo diversos contextos sociais e culturais dos quais participa. A leitura é abordada de forma abrangente, buscando-se, basicamente, as variáveis interrelacionadas em três momentos que se mostram significativos na vida do estudante universitário enquanto leitor: a leitura na sua prática acadêmica, a leitura no lazer e, por fim, os possíveis reflexos de tais experiências no uso da biblioteca do Instituto de Psicologia.

A pesquisa abrange a população total de estudantes que frequentaram aquele curso no segundo semestre de 1984. Utiliza como instrumento de coleta de dados questionário semi-estruturado, pré-codificado e apresenta análise descritiva dos dados, com base nas distribuições de frequência das variáveis consideradas, utilizando o pacote estatístico BMDP. Aponta, entre outras, as seguintes características para a população analisada: a) tempo disponível para estudo e leitura individual de 11 horas semanais; b) comportamento, em relação à bibliografia recomendada para os cursos, dependente de algumas variáveis; c) leitura mais frequente de material bibliográfico complementar a partir do 3º ano do curso; d) preferência, no lazer, pela leitura da prosa de ficção, de revistas noticiosas e de divulgação científica; e) prática frequente da leitura no núcleo familiar em estreita relação com outras variáveis, entre outras, o nível de escolaridade dos pais; f) frequência de mais de uma vez por semana à biblioteca da instituição com demanda concentrada em material bibliográfico para os cursos, especialmente em português; g) utilização crescente da biblioteca da instituição à medida que avançam nas etapas do curso; h) atribuição de bom nível para o atendimento oferecido pela biblioteca da instituição.

O estudo procura ainda identificar o perfil do estudante de Psicologia e suas expectativas de atuação profissional e desenvolvimento cultural.

A análise das diversas variáveis permite constatar que o estudante focalizado na pesquisa mostra-se bastante influenciado por fatores psicossociais que determinam a maior ou menor presença da leitura nos vários contextos de que participam, suas preferências no lazer e o uso que faz de bibliotecas.

GRANJA, Elza Corrêa. Contribuições ao estudo da leitura entre estudantes universitários: análise empírica da leitura e do uso de bibliotecas entre os alunos do curso de graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1985. 188p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia - USP

RESUMO

Análise da leitura dos alunos de graduação do Curso de Psicologia da Universidade de São Paulo. O aluno/leitor constitui o objeto central da análise que tem como pano de fundo diversos contextos sociais e culturais dos quais participa. A leitura é abordada de forma abrangente, buscando-se, basicamente, as variáveis interrelacionadas em três momentos que se mostram significativos na vida do estudante universitário enquanto leitor: a leitura na sua prática acadêmica, a leitura no lazer e, por fim, os possíveis reflexos de tais experiências no uso da biblioteca do Instituto de Psicologia.

A pesquisa abrange a população total de estudantes que frequentaram aquele curso no segundo semestre de 1984. Utiliza como instrumento de coleta de dados questionário semi-estruturado, pré-codificado e apresenta análise descritiva dos dados, com base nas distribuições de frequência das variáveis consideradas, utilizando o pacote estatístico BMDP. Aponta, entre outras, as seguintes características para a população analisada: a) tempo disponível para estudo e leitura individual de 11 horas semanais; b) comportamento, em relação à bibliografia recomendada para os cursos, dependente de algumas variáveis; c) leitura mais freqüente de material bibliográfico complementar a partir do 3º ano do curso; d) preferência, no lazer, pela leitura da prosa de ficção, de revistas noticiosas e de divulgação científica; e) prática freqüente da leitura no núcleo familiar em estreita relação com outras variáveis, entre outras, o nível de escolaridade dos pais; f) frequência de mais de uma vez por semana à biblioteca da instituição com demanda concentrada em material bibliográfico para os cursos, especialmente em português; g) utilização crescente da biblioteca da instituição à medida que avançam nas etapas do curso; h) atribuição de bom nível para o atendimento oferecido pela biblioteca da instituição.

O estudo procura ainda identificar o perfil do estudante de Psicologia e suas expectativas de atuação profissional e desenvolvimento cultural.

A análise das diversas variáveis permite constatar que o estudante focalizado na pesquisa mostra-se bastante influenciado por fatores psicossociais que determinam a maior ou menor presença da leitura nos vários contextos de que participam, suas preferências no lazer e o uso que faz de bibliotecas.

GRANJA, Elza Corrêa. Contributions to the study of Reading among university students: an empiricist analysis of Reading among undergraduate students of Psychology in the University of São Paulo. São Paulo. 1985. 143p Dissertation (Master Science Degree) Institute of Psychology of the University of São Paulo.

SUMMARY

An analysis of Reading among undergraduate students of Psychology at the University of São Paulo. The student/reader constitutes the central object of the analysis which has at its base several social and cultural aspects the student has experienced during his lifetime. Reading is approached taking into consideration, basically, the varied interrelationship in three different moments which shows significantly in the life of the university student as a reader: academic reading, leisure reading and, finally, possible reflexes of these experiences in the use of the library of the Institute of Psychology as well as other libraries.

The research covers the total student population attending that course in the second semester of 1984 and uses a semi-structured, pre-coded questionnaire as a data collecting means including a descriptive analysis of this same data based on the distribution of frequency of the variables taking into consideration applying statistical package BMDP. The following main characteristics surface as pertinent to this student population: a) eleven weekly hours dedicated to individual study and reading; b) attitude in relation to the courses recommended bibliography depending on some variables; c) more frequent reading of complementing bibliographical material from third grade onwards; d) preference, as far as leisure reading is concerned, for fiction, news and scientific publications; e) frequent practice of reading at home strictly related to others variables, such as parent's level of education; f) more than once a week attendance to the institution's library with great demand of bibliographical material related to the various courses, particularly in the portuguese language; g) crescent use of the institution's library as they advance in their courses; h) good appreciation given by the students referring to the services rendered by the institution's library.

This study also tries to identify the psychology student's profile and their expectations as to professional life and cultural development.

Analysis of the variables allows to state that the student in view is very much influenced by psycho-social factors that determine their greater or lesser use of reading in their various activities, their leisure reading preferences and the use they make of libraries in general.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1. Considerações gerais sobre a leitura na vida do estudante de graduação do Instituto de Psicologia

1.1 Relevância e atualidade do tema

Já há algum tempo vimos nos preocupando com a prática da leitura em nosso meio e, em particular, entre a população estudantil. Sabemos que tal preocupação não é só nossa pois, estando o analfabetismo longe de ser erradicado em nosso país, o domínio generalizado do ato de ler pela população brasileira, há muito sensibiliza os educadores explicando a vigência do tema da leitura não só em discussões e investigações de caráter científico, mas também em vários depoimentos de jornais e revistas (ANGELO, 1980; MILANESI, 1982; MELO, 1983).*

Journal of Applied Psychology, Egypt + São Paulo

A leitura constitui um processo individual, inaugurado a partir da alfabetização e, conseqüentemente, aparece constantemente vinculada à aprendizagem da escrita. A sua prática é comumente associada à escola, vista como a principal responsável pela formação do hábito de ler. É evidente que a escola tem, no cenário da leitura um papel de destaque na medida em que é na escola que se aprende a ler e escrever. É também no período escolar que a leitura é feita de forma mais intensa. Entretanto, muito se tem discutido sobre o papel

* Ver ainda os artigos divulgados pela imprensa periódica: "Por que o jovem não lê?" e "O brasileiro não gosta de ler", ambos mencionados na lista de referências bibliográficas.

que a escola vem desempenhando no incentivo e consolidação do hábito da leitura.

A afirmação de que a leitura se encontra em crise na escola tem sido a tônica de vários depoimentos em jornais e revistas e é significativa a literatura publicada sobre o assunto sobretudo pelos estudiosos da área (SORIANO, 1972; MELO, 1982; ZILBERMAN, 1982; SILVA, 1983).

A maior parte dessas contribuições contestam esse papel tradicional da escola na disseminação do hábito de ler apontando que a prática da leitura, tal como se dá no contexto escolar, forma o leitor compulsório e temporário. A escolaridade, para estes autores, não implica necessariamente numa maior consolidação da prática da leitura.

"O estudo não é, como ao tempos dos gregos antigos, encarado como algo que por si mesmo possa satisfazer um coração, na medida em que serve de instrumento ao homem para seu progresso e o conhecimento a partir de si mesmo. Passa a ter um valor, a partir do momento que atende a uma expectativa externa de motivação materialista e de luta por melhoria da condição social do indivíduo. A motivação é de fora para dentro, não de dentro para fora" (ALFAYA, 1981).

A leitura feita, por sua vez, em função do cumprimento de um requisito escolar, tendo portanto uma natureza motivacional externa, exerceria um efeito inverso sobre o aluno cuja tendência seria dela se afastar tão logo seu objetivo fosse alcançado.

Sem dúvida a instrução é um fator importante para que a prática da leitura se verifique, entretanto, há necessidade de que outras condições estejam igualmente presentes. A prática da leitura entre os membros da família parece influenciar a atitude dos filhos. "Quando os pais lêem, sobe o nível de leitura dos filhos em todos os níveis de instrução..." (MEDINA, 1976, p.116).

Para ESCARPITT & BAKER "a fragilidade dos hábitos de leitura tem causas mais remotas, que recuam à idade pré-escolar. É pro-

Quando digo que vou abordar a leitura de maneira gestaltica quero dizer que esta atividade será analisada como um todo, de maneira global, enquanto uma unidade formada pela interrelação de diversas variáveis. O ponto é que diversas variáveis intervêm para a formação do hábito de ler, mas enfatizar é, nesta abordagem gestaltica não vou examinar cada uma destas variáveis de forma isolada, independente, mas sim é minha abordagem privilegiará o todo, o conjunto, a unidade, ou seja, estas variáveis tal como se apresentam integradas, em detrimento de sua mera soma.

Assim, o acesso ao material de leitura facilita a prática da leitura. Entretanto, a presença de outros fatores é igualmente importante. É preciso também ter tempo para ler. Mas, saber ler, ter acesso à leitura e dispor de tempo são fatores que, por si só, não criam o leitor. Assim, a leitura, só pode ser compreendida através de uma abordagem que envolva e interrelacione todas estas variáveis que, em conjunto, apresenta uma configuração, uma forma, uma gestalt que determina a prática que o indivíduo faz da leitura.

vavelmente nessa idade que se formam as atitudes fundamentais diante do livro". (1975, p.122)

Por outro lado, para que a leitura se consolide numa prática constante e conseqüente é preciso que ela encontre, na vida comunitária, organismos que lhe dêem sustentação.

"Minha terra natal — Santa Cruz do Rio Pardo — não possuía biblioteca pública e quase todo o incentivo para a leitura provinha do contexto escolar (Ezequiel Theodoro da Silva, 1982, p.5)

"Em nossa casa havia a boa biblioteca de meus pais. Morávamos no interior de Minas e desde pequeno me habituei a lidar com aqueles livros, mesmo antes de os ler" (Antonio Candido, 1982, p.6)

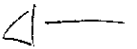
"Na minha juventude, em São Luiz do Maranhão, a maior parte dos livros que li foi na Biblioteca Pública. Filosofia, História, poesia e crítica literária constituíram o objeto de minha curiosidade que não encontrava onde saciar-se senão lá". (Ferreira Gular, 1984 p.23).

Estes depoimentos, bem demonstram algumas das várias influências provindas do contexto social e que se fazem sentir na prática da leitura: a escola, a família e as bibliotecas, estas últimas, principais organismos de sustentação no incentivo e na prática da leitura.

Se por um lado a leitura é sempre um assunto estimulante do ponto de vista intelectual, objeto de constantes estudos e debates, o que a torna sempre, relevante e atual, é preciso reconhecer que vários são os fatores que intervêm na sua prática. Esta prática só pode ser compreendida se a estudarmos através da interrelação de uma série de variáveis que constituem uma Gestalt.

Diante destas constatações pareceu-nos oportuno indagar como estaria ocorrendo a prática da leitura entre estudantes universitários. Se a leitura constitui habilidade fundamental no 1º e 2º Graus, a merecer a atenção contínua daqueles que se dedicam ao ensino,

Queremos dizer aqui que acreditamos haver uma relação entre a leitura na discipl. do IP com outros momentos ou situações de leitura vividas tanto no meio universitário quanto em outros contextos, como por ex. na escola secundária (leitura feita na discipl. da escola sec.)



que dizer de sua importância nos cursos superiores? É de se esperar que no terceiro ciclo, as exigências formais em termos de leituras e mesmo o uso de bibliotecas sejam maiores, solicitando do aluno preparo que lhe permita desempenhar, a contento, as atividades acadêmicas. Este preparo envolve a presença de atitudes positivas do aluno face à leitura, capacitação na exploração de fontes bibliográficas e leitura crítica, entre outras.

Entretanto, muito pouco se conhece, em nosso meio, sobre o espaço que a leitura ocupa na vida do estudante universitário; que uso fazem da leitura; qual a relação que a prática da leitura mantém com outras atividades desenvolvidas pelo aluno; que critérios utiliza para selecionar suas leituras; quais as dificuldades que encontra no acesso aos materiais de seu interesse; qual o contexto social, cultural e econômico de que participa.

Em vista disso aventamos a possibilidade de obter dados que nos permitissem investigar possíveis relações e verificar, a nível de pressupostos iniciais, como a leitura ocorre em três momentos da vida do universitário: a leitura que faz voltada para o curso universitário, a leitura que faz em função de lazer, a leitura na biblioteca do IP. Enfatizamos nossos pressupostos de uma eventual relação entre esta última com outros momentos ou outras situações de leitura na vida do estudante da população em foco, não apenas no seu meio universitário específico, mas em contextos vários como, por exemplo, na escola secundária.

Acreditamos que a realização de investigação sistemática e significativa que torne possível o conhecimento da prática da leitura entre universitários, com especial enfoque para os aspectos acima mencionados, contribuiria para o conhecimento mais objetivo e preciso do estudante universitário bem como permitiria ainda uma real avaliação do papel que a biblioteca universitária vem desempenhando junto à comunidade acadêmica como elemento de apoio ao estudo, ensino e à pesquisa.

A relativa familiaridade com a área de Psicologia decorrente de trabalho profissional desenvolvido já há algum tempo no Ins

tituto de Psicologia da USP, levou-nos a optar pela escolha de estudantes daquela área para a realização do presente estudo. Conhecedores do fato de que as características de certo grupo de estudantes nem sempre são idênticas ou semelhantes às aquelas observadas em outros grupos, ainda que pertencentes à mesma universidade, julgamos que o contato com universitários e professores do curso de graduação em Psicologia e a observação e experiência acumuladas em período relativamente longo, poderiam contribuir para a detecção dos principais fatores a serem abordados e na condução dos trabalhos.

A inexistência de pesquisas na área levou-nos a conjecturar, por exemplo, sobre o interesse que os estudantes de Psicologia teriam pela leitura: teriam interesses próprios ou dela se utilizariam para cumprir exigências decorrentes do próprio curso universitário? Considerando a própria formação profissional, como percebem e que uso fazem das bibliotecas em geral e da biblioteca do IP em particular? Por outro lado, em que medida a prática do estudo e da leitura são afetados pela natureza dos acervos e serviços de que se valem na busca de recursos informativos? Em que medida o meio social de que participam estes estudantes influencia cada uma dessas áreas aqui apontadas?

Estas indagações, fruto de observação, experiência na área e leituras, foram se transformando em pontos de reflexão que só poderiam ser aclarados se transformados numa investigação criteriosa, passível de contribuir, ainda que modesta e parcialmente, para a ampliação de conhecimento em área escassa de pesquisas.

1.2 Contribuições da literatura sobre o assunto

Vista como elemento fundamental da educação do indivíduo e, conseqüentemente, recebendo a atenção que merece, a leitura tem sido objeto de exploração científica sobretudo nos Estados Unidos, onde as revisões anuais da literatura revelam que no período de 1975 a 1979 foram publicadas 2780 pesquisas e estudos teóricos na área da leitura, quantidade esta veiculada por apenas uma única revista especializada.*

Este considerável número de investigações realizadas por psicólogos e educadores estrangeiros inclui tópicos variados como: a) motivação, atitudes e preferências em relação à leitura; b) posição da leitura em relação a outros interesses; c) relações entre livros e comunicação de massa; d) influência do lar, da escola e da comunidade no hábito de ler; e) análise do público leitor; f) interesses de leitura e ajustamento; g) preconceito, discriminação e estereótipos nos livros; h) uso terapêutico da leitura, para citar alguns.

O panorama da pesquisa sobre leitura no Brasil é, entretanto, bem diferente. Nos levantamentos sobre pesquisa educacional brasileira efetuados por GOUVEIA (1971; 1976) constatam-se apenas 50 pesquisas sobre leitura, estando a maior parte delas voltada para o processo de alfabetização.

Segundo PFROMM NETO, "é demasiado escassa a literatura de cunho psicológico sobre o livro e a leitura e há poucos indícios de mudança desse estado de coisas em futuro próximo" (PFROMM NETO, 1982, p.155).

A bibliografia brasileira de cunho psicológico sobre a leitura

compõe-se, em grande parte, dos trabalhos realizados por pesquisadores da USP, primeiramente

* Reading Research Quarterly. Delaware, International Reading Association, Volumes X, XI, XII, XIII, XIV.

te no antigo Instituto de Educação, depois nas cadeiras de Psicologia e Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e finalmente no Instituto de Psicologia (PFROMM NETO, 1982).

Abordam os problemas da psicologia da leitura (STREHLNECK 1944); análises de cartilhas (STREHLNECK, 1941; ANGELINI, 1955), análise psicanalítica de contos de fadas (POMPEU DE TOLEDO, 1957), leituras infantis (KATZENSTEIN e FREITAS, 1941), conceitos morais, preconceito racial e patriotismo em livros didáticos (LEITE, 1950a; 1950b) e, mais recentemente, trabalhos sobre o livro como meio de ensino (PFROMM NETO; DIB e ROSAMILHA, 1974), livros de leitura e interesses infantis (OLIVEIRA, 1972), interesses e preferências dos adolescentes em relação à leitura (PFROMM NETO, 1976), inteligibilidade de livros didáticos (MOLINA, 1979) e compreensão de textos entre universitários (DURAN, 1981; PEREIRA, 1983).

Verificamos, assim, que a despeito da contribuição significativa desses autores, o já pesquisado é ainda muito pequeno diante das possibilidades de estudos científicos ainda não desenvolvidos entre nós.

Em termos de resultados de pesquisa, pouco ou quase nada se sabe, por exemplo, sobre a leitura do universitário brasileiro. Neste nível,

onde estão presentes propostas mais frequentes e mais diretamente relacionadas com pesquisas bibliográficas e discussões de textos, ainda não houve nenhum inquérito sistemático e significativo que enfocasse a natureza do aluno-leitor e/ou a natureza dos livros a ele apresentados (SILVA, 1981).

Os poucos estudos realizados em nosso meio abordam a leitura entre universitários dentro de temas mais amplos trazendo informações apenas parciais sobre a prática da leitura entre esses estudantes. Citamos, por exemplo, o estudo realizado entre estudantes da Uni

MELO, José Marques

Objetivo: Conhecer os hábitos e preferências em relação aos usos dos MCM (jornais, revistas, livros, rádio, TV e cinema).
Teatro → por se tratar de público de elite

Metodologia: Quest. estruturadas
Aplicadas em entrevistas pessoais.

Escolas: Engenharia, Arq., Med. Odont., Vet., Farm., C. Econ., Fil., Direito
Amostragem: Amostra por quotas (5% do universo)

Resultados:

LIVROS

- As pessoas leem + livros (73%) do que ouvem (61%)
- Humanas lê + livros f os setores técnicos
- < índice → Poli (3 em 10)
- > índice → Direito (8 em 10)
- aprox o < índice é da Farmácia (3 em 10)
(pequeno n°, ent. de circunstâncias)

Rádio
(Média 65')

- O tempo médio dedicado à escuta do rádio cada dia, é de 1 hora (pouco - de hora) - atual.
- 6 a 7 de cad. 10 pessoas

TV
(Média 34')

- Professores (60%) e Funcionários (56%) apresentam
- > inclinações que os estudantes (48%) p/ assistir programas de TV.

O entrevistado, em média, dedica (34) minutos p/ ver TV.

O s funcionários → 48'

< índice → Arquitetura (16')

Direito e Veterinária → pouco - de hora

Média de frequência = 0.8%

Apenas 1/3 da amostra declarou ter ido ao teatro nos últimos meses.

Preferem teatro: Arq., Filo., Direito

Média de frequência → 0.5 vezes por mês
1x a cada 2 meses

De cad. 10 pessoas; 2 leem jornais diários

" " " " , 5 vêm TV

Variações de penetração: Revistas e TV

no contexto dos E valores de uso diário, os livros e os jornais ocupam a parte do tempo dedicado à comunicação, como a rádio (cerca de 2 horas)

versidade de São Paulo que situa a leitura entre os outros meios de comunicação. Os dados obtidos referiam-se ao "dia anterior" ao questionamento. Os resultados apontaram para: jornais (8%) livros (63%), revistas (45%). Constatou-se que para a leitura de jornal os alunos dedicam, em média, 40 minutos diários enquanto que para as revistas essa média é de 22 minutos. Quanto aos livros verificou-se que "em média cada entrevistado dedica 80 minutos diários à leitura de livros" (MELO, 1971). Na pesquisa não se perguntou, entretanto, que tipos de livros eram lidos nesse período.

(apud MEDINA, 1976)
 KORNERUP (1972) aplicou questionários a uma amostra de estudantes universitários das Universidades Católica e Federal de Goiânia. Nesta pesquisa foram incluídas perguntas sobre o uso dos meios de comunicação de massa entre os pais dos estudantes. Constatou-se que a leitura diária de jornais é feita pela maior parte dos pais desses alunos, entretanto, é maior o índice dessa leitura entre os homens (55% dos pais e 23% das mães lêem jornal diariamente). Quanto aos estudantes, a leitura de jornais também predominou entre os sujeitos do sexo masculino.

LIMA (1974) constatou, em estudo realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco que os estudantes de graduação têm interesses de leitura que não se restringem às suas áreas de estudo.

"Estudantes de Medicina indicaram cinema, música, pintura, literatura, poesia e fotografia como assuntos de interesse. Estudantes de engenharia assinalaram dinâmica de grupo, ginástica, metafísica, teatro, parapsicologia; alunos de ciências econômicas escolheram educação, gramática, previdência social, teoria do conhecimento" (p.103).

Embora inexistam entre nós pesquisas sobre a natureza do aluno-leitor de nível superior, encontramos alguns estudos que apontam para o aumento, nesta última década, do interesse pelo tema da leitura (LEWIS & TEALE, 1980). Destacam a importância de que no estudo da leitura as diversas variáveis que interferem na sua prática sejam consideradas (DECHANT, 1973; GARCIA, 1975; MEDINA, 1976; LOPES 1981).

Nos meses em que se realizou a pesquisa (out e nov) demos: \leftarrow

100 alunos leram em out. (36.5%)

34 " " " nov. (12.4%)

34 " leram em set. (12.4%)

\therefore , a > parte ^{61.3%} leu seu último livro no lugar nos
próprios mês da pesquisa ou nos 2 meses anteriores (set. e out.)

Apenas 8.4% declararam ter lido o último livro no 1º semestre de 1984.

" 10 alunos não mencionaram a data

274 (97.1%) responderam a questão.

(1975)

WHITEHEAD e um grupo de pesquisadores interessados no estudo dos hábitos de leitura concluíram que dentre as variáveis que interferem na leitura tem papel de destaque o acesso ao material. Concluíram que quanto maior a disponibilidade de material para leitura, mais intensa será a sua prática.

GREANEY (1980) enfatiza que aquelas variáveis que interferem na leitura e já identificadas em estudos realizados devem ser consideradas em qualquer pesquisa que pretenda uma abordagem compreensiva da leitura.

A literatura estrangeira sobre a leitura entre estudantes universitários é bastante diversificada tendo em vista a amplitude do tema. Nossa intenção será aqui destacar aquelas contribuições consideradas relevantes e pertinentes ao nosso trabalho.

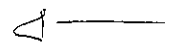
OPPENHEIM (1962) analisou os hábitos de leitura dos estudantes da London School of Economics em relação à leitura de livros textos e livros extra-curriculares. Verificou que 42% dos estudantes tinham lido na semana anterior à entrevista um livro não relacionado ao curso tendo constatado a preferência por ficção. Estava também interessado em verificar vários tipos de influências sobre os hábitos de leitura dos estudantes e, nesse sentido, procurou também conhecer a opinião dos estudantes sobre o uso das bibliotecas daquela escola. Constatou que os estudantes que não gostam da biblioteca também não gostam da leitura em geral. Possuem poucos livros, lêem pouco e são menos inclinados a ler um livro por inteiro. Usam o empréstimo com menor frequência e seu gosto para leitura no lazer incide em ficção especialmente estórias de crimes, policiais, faroestes e mistérios.

KNAPP (1968) na sua revisão sobre leituras de estudantes universitários aponta para o fato de que os estudantes sofrem grande influência dos professores bem como do tipo de disciplinas cursadas, na seleção de suas leituras. Quanto à leitura feita no lazer, conclui que: a) os estudantes leem muito, mas não têm tempo para leitura no lazer; b) leem poucos livros e mais revistas ilustradas; c) os hábitos de leitura não parecem se modificar com os anos de estudo na universidade, os graduandos leem as mesmas coisas que os calouros;

- a) não confere com o nosso estudo
- c) confere

Canadenses = 90% lê HQ

na USP (4) = 17 alunos apenas dentre 281



- UNICLA - A geração atual fez do livro de Simon Bond "101 Usos - 01 um gato morto" um best seller e pareceu ter tido quase que contatos com a razão, a emoção ou natureza (a excessão dos gatos)
- 1º da lista: "101 usos"
 - 2º da lista: "Uma cor é o seu paraquedas" (Richard N. Boles)
 - 3º " " : "Garfield engorda" (Jim Davis)
 - 4º " " : "A solução simples p/ o cubo de Rubik (Nourse)

whimsical book

Unicla observa que na sua revisão das listas que os hábitos de leitura sempre acompanharam the fads dos tempos, mas livros sobre f, "pop psicologia", dietas, saúde e sexo são best-sellers permanentes (perenes)

d) os universitários, uma vez formados, lêem mais do que o público em geral, mas manifestam preferência pelos best sellers e revistas de circulação de massa.

Importante
KNAPP comenta ainda que embora a leitura seja um comportamento individual, não podemos esquecer que a sua prática ocorre num contexto social. Assim, aquilo que o indivíduo lê é amplamente determinado por suas necessidades, pelas influências e oportunidades feitas ao leitor pela situação social na qual se encontra. Neste sentido, "o que desconhecemos ou pouco sabemos são os modos através dos quais elementos específicos do contexto social desses estudantes afetam sua leitura" (p.308).

LARSON (1973) identificou alguns interesses de leitura entre estudantes de Educação da University of Saskatchewan (Regina, Canadá). Apenas 45% liam os periódicos especializados da sua área; 90% liam revistas em quadrinhos e todos liam jornais.

DAVIS (1975) analisou as preferências dos estudantes sobre leitura de lazer, segundo a lista de livros mais vendidos pelas livrarias dos campi universitários, compilada pelo Chronicle of Higher Education (1970-72). Constatou que os estudantes lêem muitos dos best sellers lidos pelo público em geral mesmo aqueles considerados difíceis de ler. Os livros de poesia e religião, entretanto, obtêm pouca preferência entre esses estudantes.

UUMILA (1982) analisando novamente o Chronicle of Higher Education aponta para um acentuado contraste entre os livros lidos pelos estudantes universitários por volta de 1971 e a atual atração dos estudantes por uma literatura extremamente simples e de caráter predominantemente recreativo.

STUTMAN & CASSADY (1983) examinaram os efeitos dos hábitos de leitura nas habilidades para escrever de cem estudantes do curso universitário de jornalismo tendo concluído que não há relação entre a quantidade de leitura e a ~~finalidade~~ *qualidade* da escrita.

SMITHIES (1983) estudou os hábitos de leitura de estudan-

d) confere

tes universitários de Papua (Nova Guiné) tendo constatado que os alunos leem pouco material relacionado aos cursos a menos que as leituras sejam objeto de avaliação pelos professores. Quadrinhos e ficção são os materiais que obtiveram preferência entre estes estudantes. Conclui que, num país onde a tradição da escrita é recente, o incentivo aos hábitos de leitura deve ser recomendado.

See Greaney

Em relação à leitura realizada no lazer, aspecto também abordado em nosso trabalho, GREANEY (1980) aponta que enquanto o interesse pelos padrões e métodos de leitura continua a atrair a atenção de público considerável, observa-se uma falta de interesse da parte de professores, orientadores e pesquisadores na leitura de lazer. Embora os estudos já realizados não permitam análises comparativas, uma vez que as variáveis de interesse e os métodos de avaliação diferem, parece haver concordância quanto ao fato de ficção ser preferido a não ficção, no lazer (KNAPP, 1968; DAVIS, 1975; LeGRAND-BRODSKY, 1979; GUTHRIE, 1980) especialmente entre os jovens do sexo feminino e a poesia é menos popular que a prosa (YARLOTT & HARPIN, 1971; NAEP, 1973).

As variáveis identificadas como de influência na leitura de lazer foram: idade, sexo, nível sócio-econômico, alcance da leitura, acesso ao material de leitura e tempo dedicado a assistir TV.

A leitura no lazer e a leitura de livros, em particular, exige um certo nível de habilidade para ler, por parte do leitor. MAXWELL (1977) observou que aqueles leitores considerados fracos no curso secundário, parecem abandonar o hábito de ler. Pesquisas realizadas com leitores mais velhos indicam que o nível educacional está relacionado à quantidade de leitura realizada (SHARON, 1973-74) e ao prazer obtido com a leitura (HIMMELWEIT & SWIFT, 1976).

Para GREANEY (1980) o tempo gasto com leitura no lazer parece estar relacionado à facilidade de acesso ao material de leitura. Este material pode ser proveniente de várias fontes, incluindo as bibliotecas públicas, a compra pessoal ou aquele recebido como presente. Nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, em decorrência da ex

pansão do livro brochura de boa qualidade para os jovens há evidência para sugerir, pelo menos quanto à Escócia, que uma quantidade considerável de material de leitura pessoal provém de outras fontes que não a biblioteca pública ou escolar (MAXWELL, 1977).

Na medida em que procuramos incluir a biblioteca universitária em nosso estudo, por considerá-la elemento de importância para ^{esta} nossa análise, apontaremos alguns estudos sobre o uso de bibliotecas universitárias por estudantes, pela contribuição que podem oferecer à abordagem do tema.

Em quase todas as pesquisas com usuários de bibliotecas universitárias, os estudantes formam, naturalmente, o maior grupo. Entretanto, a maior parte dessas pesquisas se limita aos usuários reais da biblioteca. São de maior interesse aquelas pesquisas que incluem todos os estudantes da universidade pesquisada, para os quais a biblioteca pode ou não ser útil. Entre essas pesquisas destacamos a de TUCKER (1961), a de LINE & TIDMARSH (1966), PEBUL (1969) e MANN (1974).

Os resultados obtidos por Line (1963) em estudo realizado na Southampton University tornou possível àquele autor concluir que os estudantes usavam pouco as obras de referência e não se valiam de toda a ajuda que o pessoal da biblioteca poderia prestar-lhes constatando a falta de um canal adequado de comunicação entre a biblioteca e os estudantes. Três anos mais tarde, após ter tomado medidas para sanar os problemas apontados, Line repetiu o estudo com Tidmarch (1966) chegando à conclusão que a orientação no uso de bibliotecas, através de cursos, pode reduzir as barreiras de comunicação.

TUCKER (1961) em estudo realizado na biblioteca da Leeds University constatou que os estudantes evitam o catálogo na procura de um livro e preferem ir direto às estantes. O mesmo procedimento foi constatado por OPPENHEIM (1962) na London School of Economics.

Valendo-se da técnica do questionário, JAIN (1966) indagou sobre os motivos de uso da biblioteca da Purdue University pe-

pansão do livro brochura de boa qualidade para os jovens há evidência para sugerir, pelo menos quanto à Escócia, que uma quantidade considerável de material de leitura pessoal provém de outras fontes que não a biblioteca pública ou escolar (MAXWELL, 1977).

Na medida em que procuramos incluir a biblioteca universitária em nosso estudo, por considerá-la elemento de importância para ^{esta} nossa análise, apontaremos alguns estudos sobre o uso de bibliotecas universitárias por estudantes, pela contribuição que podem oferecer à abordagem do tema.

Em quase todas as pesquisas com usuários de bibliotecas universitárias, os estudantes formam, naturalmente, o maior grupo. Entretanto, a maior parte dessas pesquisas se limita aos usuários reais da biblioteca. São de maior interesse aquelas pesquisas que incluem todos os estudantes da universidade pesquisada, para os quais a biblioteca pode ou não ser útil. Entre essas pesquisas destacamos a de TUCKER (1961), a de LINE & TIDMARSH (1966), PEBUL (1969) e MANN (1974).

Os resultados obtidos por Line (1963) em estudo realizado na Southampton University tornou possível àquele autor concluir que os estudantes usavam pouco as obras de referência e não se valiam de toda a ajuda que o pessoal da biblioteca poderia prestar-lhes constatando a falta de um canal adequado de comunicação entre a biblioteca e os estudantes. Três anos mais tarde, após ter tomado medidas para sanar os problemas apontados, Line repetiu o estudo com Tidmarsh (1966) chegando à conclusão que a orientação no uso de bibliotecas, através de cursos, pode reduzir as barreiras de comunicação.

TUCKER (1961) em estudo realizado na biblioteca da Leeds University constatou que os estudantes evitam o catálogo na procura de um livro e preferem ir direto às estantes. O mesmo procedimento foi constatado por OPPENHEIM (1962) na London School of Economics.

Valendo-se da técnica do questionário, JAIN (1966) indagou sobre os motivos de uso da biblioteca da Purdue University pe-

los estudantes. Constatou os seguintes motivos para ida à biblioteca: estudar com material próprio (60%); usar material da biblioteca (54%) e tomar material emprestado (20%).

BALAY & ANDREW (1975) constataram que os alunos de graduação têm dificuldade no uso da biblioteca, necessitam de orientação para conseguir o que desejam e desconhecem os procedimentos mesmo elementares no uso de uma biblioteca.

ORTON & WISEMAN (1977) em estudo realizado na QUEEN'S UNIVERSITY e TRENT UNIVERSITY (Canadá) constataram o pouco uso das bibliotecas universitárias pelos alunos. Entre as dificuldades apontadas destacam: falta de tempo, encontrar materiais, distância das bibliotecas universitárias, desconhecimento do uso correto dessas bibliotecas considerando o pouco uso que fazem sobretudo dos serviços de referência e intercâmbio.

Dentre os problemas encontrados pelos estudantes de bibliotecas universitárias pesquisados por WILLIAMS (1979) em Serra Leoa, Zâmbia e Nigéria, destacamos: coleções desatualizadas, morosidade na entrega de obras pelo correio e subutilização de coleções devido à pouca familiaridade dos estudantes com livros e bibliotecas. O uso tende a se concentrar em pequeno número de obras com pouco uso da maior parte do acervo.

Ao analisar as opiniões dos estudantes da Arts & Social Studies Library do University College (Cardiff) sobre a biblioteca, MOSS & GREEN (1980) constataram maiores comentários para: barulho ocasionado por outros estudantes, encontrar lugar para estudar na biblioteca, necessidade de ampliação do horário aos sábados, abertura da biblioteca aos domingos e adequação da coleção de livros.

Os estudos sobre uso de bibliotecas em nosso meio são em pequeno número, constituindo-se a maior parte de dissertações de mestrado e trabalhos apresentados em congressos.

MELO (1978) estudou o uso da Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco por professores e alunos dos Centros de

Artes e Comunicação, de Ciências Exatas e da Natureza, e de Filosofia e Ciências Humanas. Constatou que entre os alunos a frequência à biblioteca Central é regular mas é alta a porcentagem daqueles que não utilizam seus serviços. Neste sentido alegam que se valem de anotações de aulas como fonte principal de informações. Têm boa disponibilidade de horário para leitura e procuram a biblioteca sobretudo para empréstimo e consulta.

OBERHOFER & SILVA (1978) em estudo realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro verificou a pouca utilização de periódicos científicos e obras de referência e que o idioma mais utilizado era o português. *verificação*

KREMER (1984) realizou estudo de usuários das Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Concluiu que o principal motivo de uso das bibliotecas é estudar com material próprio e o segundo motivo é consultar material da biblioteca. A biblioteca atendeu satisfatoriamente às demandas do corpo discente, com nível de satisfação geral de 78,5%. A frequência a outras bibliotecas fora da PUC/RJ é fraca quando comparada ao uso de bibliotecas da própria PUC. O percentual de estudantes que não utiliza periódicos é alto (54,3%).

É esta autora que destaca, ainda, que o uso das bibliotecas universitárias

"é determinado pelos métodos de ensino adotados, tipos de cursos oferecidos pelas universidades, fatores econômicos, sociológicos e psicológicos dos usuários potenciais, opiniões dos usuários a respeito do acervo, instalações e atendimento bibliotecário". (p.35)

Acreditamos que esses e outros estudos aqui apontados se revelem úteis à abordagem e análise de nosso tema.

2. Algumas considerações complementares ao estudo realizado

2.1 Psicologia: ciência e profissão

Ciência relativamente recente, cuja consolidação como disciplina autônoma data do século XIX, a Psicologia vem registrando, nos países mais desenvolvidos, crescimento significativo em sua literatura científica, o que tornou possível a expansão de suas áreas de aplicação e o desempenho de papel preponderante em diversos setores da atividade humana. Este seu desenvolvimento veio de encontro a muitas necessidades geradas pela complexa sociedade em que hoje vivemos.

As mudanças das condições de vida decorrentes do progresso industrial e urbano, as transformações da sociedade, resultantes da aplicação de novas tecnologias, obtidas graças aos progressos verificados nos domínios de todas as ciências, vêm acentuando, cada vez mais, a necessidade da aplicação dos conhecimentos oferecidos pela psicologia como um dos meios para se conseguir a plena expressão das potencialidades do homem em todas as fases do seu desenvolvimento e melhor adaptação a um mundo cujas alterações se processam de modo rápido e permanente (ANGELINI, 1975).

Este desenvolvimento alcançado pela ciência psicológica, sobretudo nos países mais avançados, tem atrás de si um longo passado que aqui abordaremos de forma muito breve, assinalando apenas três eventos que permitem avaliar o evoluir da psicologia através dos séculos e, sua longevidade, por assim dizer, enquanto área de interesse do conhecimento humano: a) a palavra psicologia aparece pela primeira vez no século XVI, empregada por Felipe Melanchton (1497-1560), teólogo, educador e humanista; b) em 1816 é publicado o primeiro livro com o termo psicologia em seu título (Lehrbuch zur Psychologie de Johann Friedrich Herbart); c) Wilhelm Wundt cria, em 1879 na Uni-

Ver

São Martinho de Dume, monge, abade e depois bispo de Braga (sec. VI) - Idade Média, autor de "DA IRA" livro no qual aborda a natureza e os motivos que provocam a Ira, seus efeitos e o seu controle.

Antecipa a teoria das emoções de W. James ("A gente zangar-se também porque faz gestos de cólera")

versidade de Leipzig, o primeiro laboratório "exclusivamente destinado a pesquisas psicológicas empíricas e ao ensino da Psicologia científica" (PFROMM NETO, 1981, p.237).

O passado da psicologia no Brasil está ligado à tradição do pensamento ocidental e, mais precisamente, europeu, transmitido através da cultura luso-européia. Ainda que as primeiras reflexões de caráter psicológico no Brasil procedam da cultura religiosa-filosófica portuguesa anterior aos descobrimentos, o século XIX será o grande transformador do quadro cultural brasileiro em decorrência das profundas modificações políticas e econômicas que terão lugar no país.

O ensino - até então limitado aos colégios de artes liberais como única fonte de instrução acima do nível elementar - passará a contar, neste século, com as primeiras escolas profissionais de nível superior (medicina, direito, engenharia e outras).

Várias contribuições de natureza psicológica aparecem, neste século, nos livros de filosofia escritos pelos teólogos professores dos Seminários, por professores de escolas secundárias leigas e principalmente por médicos, alguns dos quais também professores de filosofia em ginásios.

"Preleções filosóficas" de autoria de Silvestre Pinheiro Ferreira, professor do Real Colégio de São Joaquim, constitui o primeiro livro de Filosofia impresso no Brasil entre 1813 e 1816, sob a forma de publicação seriada e incluindo em seu conteúdo temático, considerações de natureza psicológica.

A criação das escolas normais para preparar professores primários data igualmente deste período: a de Niterói em 1830 e São Paulo em 1846.

A Psicologia, enquanto disciplina, é lecionada apenas nas cadeiras de Filosofia das escolas secundárias e nos cursos anexos preparatórios às Faculdades de Direito. As atividades de ensino, pesquisa e aplicação da Psicologia são então exercidas por pessoas que

provêm dos cursos normais, destinados à preparação do ensino elementar e secundário. Só em 1912, particularmente em São Paulo, as cadeiras de Pedagogia do ensino normal serão divididas em cadeiras de Pedagogia e Psicologia surgindo, assim, nas escolas normais, cadeiras autônomas de Psicologia. É nestas escolas normais, da era republicana, que se formarão os primeiros núcleos de estudiosos das teorias psicológicas e onde serão criados, nas primeiras décadas do século XX os primeiros laboratórios de Psicologia.

Ainda que se tenha aqui apenas esboçado a história da Psicologia, é possível verificar que a conquista da autonomia de que hoje goza esta ciência está muito ligada à contribuição oferecida por outras áreas do conhecimento. A contribuição por exemplo, da área médica "é ampla e valiosa e se concentra, como é natural, nos campos ligados à prática médica e à psicopatologia"... (CABRAL, 1950 p.31).

Os educadores particularmente interessados em Psicologia tiveram, por sua vez, papel de destaque no desenvolvimento de certas áreas de aplicação da Psicologia no Brasil. Através de sua atuação formaram inúmeros discípulos que passaram a desempenhar atividades profissionais de Psicologia na área da educação, do trabalho e da clínica, nos principais centros de desenvolvimento do país. (ANGELINI, 1975).

Se estas aplicações da Psicologia se circunscreveram, de início, ao âmbito de algumas clínicas médicas e escolas, aos poucos foram se ampliando em função do próprio desenvolvimento sócio-político-econômico do país. Assim, verificamos, já no século XX, a contribuição de outra área — a Engenharia — no desenvolvimento dos primeiros estudos e aplicações da Psicologia do trabalho.

Surgem assim, no país, os primeiros centros de seleção e orientação profissional e os primeiros estudos psicotécnicos, orientados pelo engenheiro suíço, professor da Escola Politécnica, Roberto Mange (1885-1955). A criação em São Paulo de serviços como o SENAI e o SENAC e de institutos de seleção e orientação profissional como o ISOP, este último no Rio de Janeiro, em 1947, em muito contribuiu

para o desenvolvimento da Psicologia do Trabalho.

Os vinte anos que se estendem a partir da revolução de 1930 são talvez os de maior importância no desenvolvimento da Psicologia e de suas aplicações no país. Em 1931, a disciplina *4 Aplicada aos Problemas da Educação e Introspecção*, pela primeira vez, no currículo de um curso universitário (Lei 4119 - os profissionais de seu *seu formados em cursos sup.*) Se no século XIX as faculdades profissionais, independentes entre si, dominavam o quadro cultural brasileiro, em 1934, com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, a Psicologia deixará os quadros do ensino secundário e normal para integrar uma das cadeiras daquela Faculdade que, para ministrar os seus primeiros cursos, contará com a participação de intelectuais estrangeiros, sobretudo franceses, italianos e alemães.

Em 1938, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP passa a oferecer o curso de Pedagogia e dele fará parte a Cadeira de Psicologia Educacional.

Apenas ao final da década de 50 têm início na USP, PUC de São Paulo e na Universidade do Rio Grande do Sul, os primeiros cursos superiores exclusivamente destinados à formação em Psicologia e à profissão de psicólogo.*

A nova orientação impressa aos cursos e o treinamento em pesquisa conferiram à Psicologia considerável desenvolvimento que pode ser confirmado através de numerosas teses apresentadas bem como dos vários trabalhos científicos publicados.** Registre-se, ainda, "a crescente influência ou participação de psicólogos brasileiros no cenário internacional" (PFROMM NETO, 1981, p.267-269).

Na Universidade de São Paulo, a Psicologia passa a cons-

* Para uma visão global, ainda que esquemática das origens e evolução do ensino da Psicologia na USP ver o Apêndice *incluído ao final deste volume.*

** Para maior conhecimento dos trabalhos e pesquisas produzidos naquele período, sobretudo na USP, ver PFROMM NETO, 1981, p.268-69.

tituir uma unidade universitária em 1970, conforme planejamento da Reforma Universitária. Agrupando as cadeiras de Psicologia, Psicologia Educacional e Psicologia Clínica, então existentes na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, forma-se, naquele ano, o Instituto de Psicologia da USP. O ensino e a pesquisa foram ampliados e diversificados, tendo sido introduzidos cursos de pós-graduação com mestrado e doutorado, aos quais se têm candidatado profissionais oriundos de todo o país.

A Psicologia hoje

A Psicologia contemporânea não apresenta um quadro de desenvolvimento uniforme e se distribui, tal como outras ciências empíricas, por grande número de áreas, campos de aplicação e especializações. Sua produção, sobretudo nos países mais avançados, se distribui entre centenas de publicações. Este estado atual da ciência psicológica está bem retratado na publicação *PSYCHOLOGICAL ABSTRACTS*, tanto através de sua tabela de conteúdo, em que as principais áreas de pesquisa acham-se representadas, como através da lista de publicações científicas selecionadas para análise temática e inclusão naquele índice.

Assim é que

realizando tarefas acentuadamente diversificadas e com objetivos também variados, o psicólogo pode, hoje em dia, ser encontrado em certos países como nos Estados Unidos, por exemplo, exercendo atividade profissional, não apenas no consultório particular, na clínica ou no hospital, mas igualmente nas instituições educacionais de todos os níveis e de diversas naturezas, nos laboratórios das universidades, na indústria, nas empresas comerciais e de prestação de serviços em geral, nas forças armadas, nas organizações religiosas e assistenciais, nos estabelecimentos penais e da justiça, nas

repartições públicas, nos organismos internacionais, etc. (ANGELINI, 1975, p.34).

Não obstante as considerações aqui apresentadas no que se refere às diferentes áreas e campos de aplicação da Psicologia e o variado quadro das atividades dos psicólogos, apresentados por ANGELINI, alguns autores estrangeiros ao descreverem as principais áreas de especialização profissional da atualidade apontam a Psicologia Clínica, Industrial, Social, Educacional, Escolar e Experimental* (EVANS & SMITH, 1970, p.4-7).

No Brasil, a situação da Psicologia nas suas várias áreas de aplicação é bem diversa. A produtividade científica nacional apresenta pequeno crescimento se contraposta à extraordinária expansão dos cursos de Psicologia no país, sobretudo após a Lei nº 4119 de 1962 que regulamentou os cursos de formação de psicólogo e o exercício da profissão no país.** Até então "apenas três ou quatro cursos de Psicologia se achavam em funcionamento no Brasil" (PFROMM NETO, 1981, p.268).

A literatura científica na área é ainda bastante incipiente contando a Psicologia com apenas três ou quatro periódicos de continuidade regular e obedecendo a padrões científicos no que diz respeito ao aceite de contribuições e normas para publicação. Tem se revelado expressivo, entretanto, o número de livros de Psicologia publicados em língua portuguesa nos últimos dez anos, sejam estes compêndios especializados ou mesmo obras de divulgação.

Quanto às áreas que vêm despertando maior interesse de pesquisa, SANTOS (1973) ao fazer uma breve avaliação dos trabalhos apresentados no XIV Congresso Interamericano de Psicologia, realiza

* Para melhor esclarecimento quanto às atividades de que se ocupa o psicólogo com atuação nessas áreas ver ANGELINI (1975), p.31-39.

** Até 31.8.83 havia 84 cursos de graduação em Psicologia no Brasil dos quais 29 em São Paulo, 10 no Rio de Janeiro, 9 em Minas Gerais e 7 no Rio Grande do Sul.

Fonte: MEC. Delegacia Regional de SP

Pesquisa realizada por P. Gelman e Ajalti

50% dos psicólogos formados até 1970, na cidade de SP dedicam-se, ao menos em parte, a atividades clínicas (profissional, autônomo, clínica particular)

do em São Paulo, faz considerações sobre as tendências da pesquisa psicológica atual apontando as seguintes áreas: Psicologia Clínica, Modificação do Comportamento, Psicologia Social e do Trabalho, Psicologia da Religião, Psicologia da Linguagem e Psicologia da Reabilitação, entre os principais. Embora a contribuição de SANTOS tenha sido apresentada há já uma década atrás, não nos foi possível localizar uma revisão mais atual que nos permitisse constatar a manutenção ou uma possível mudança nessas áreas de maior interesse para pesquisa.

Receptividade das técnicas psicológicas apenas na área clínica

Quanto à área de atuação profissional, a preferência dos psicólogos brasileiros é pela clínica particular o que vem chamando a atenção daqueles estudiosos voltados para a análise das tendências da profissão em nosso meio (MELLO, 1978; CARVALHO, 1982; CARVALHO, & KAVANO, 1982). Ainda que esta mesma preferência seja observada em países mais desenvolvidos, em particular nos Estados Unidos, é necessário notar que a profissão, do ponto de vista global, apresenta, naquele país, uma ampla configuração no que diz respeito à diversificação de atividades e objetivos, o mesmo não acontecendo no Brasil.

É de se esperar que a ciência psicológica se desenvolva de forma ampla e equilibrada nas suas mais diversas áreas de aplicação, sem se prender a tendências, teorias ou técnicas que possam levá-la a distorções ou mesmo retardar a ampla contribuição que pode oferecer ao homem e à sociedade contemporâneos.

2.2. A biblioteca do IP/USP

Para uma melhor compreensão da prática da leitura entre os estudantes pesquisados julgamos fundamental conhecer também a opinião dos alunos sobre a biblioteca do Instituto de Psicologia, aquela com a qual têm, no geral, mais familiaridade. Mas para que estas opiniões pudessem ser aqui devidamente avaliadas, era preciso introduzir uma descrição desta biblioteca que, embora sucinta, permitisse ao leitor conhecer alguns de seus aspectos fundamentais situando-a, inclusive, no conjunto das bibliotecas da Universidade de São Paulo.

USP

- 79 bibliotecas incluindo as departamentais
- 47 Bibliotecas (36 no campus da C. Universitária)
- 41 Unidades de Defesa

A diferença está na Luis de Queiroz que eram 3;

Bibl. do Instituto de Genética
" " " Zimotécnico
" da Escola de Agricultura L. de Queiroz

Foram integradas

reas de conhecimento tão interrelacionadas. Esta decisão permitiu a organização de uma coleção especializada mais abrangente e tornou possível reunir, numa só biblioteca, os esforços profissionais, técnicos e administrativos então existentes.

Em 1973, a biblioteca teve seu espaço ampliado para permitir a expansão do acervo e da prestação de serviços, entretanto, mantinha-se em instalações consideradas provisórias e inadequadas.

Por se tratar de unidade nova, criada com a Reforma Universitária, sua expansão foi bastante atingida pelas dificuldades orçamentárias dos últimos anos. A insuficiência de recursos materiais e humanos afetou a atualização do acervo e reduziu em muito o ritmo de desenvolvimento de alguns serviços técnicos. A prestação de serviços à comunidade, embora sem possibilidade atual de expansão, vem sendo mantida tanto para os estudantes da universidade como para aqueles provenientes de vários estados brasileiros.

Por ocasião da coleta de dados para esta pesquisa a biblioteca se achava instalada em área provisória, construída por ocasião da Reforma Universitária para abrigar o novo Instituto de Psicologia. Ocupando uma área total de 385 m², em construção de tipo pré-fabricado, mostrava-se bastante inadequada à uma permanência prolongada no ambiente sobretudo nos dias de verão. Não contando com janelas para entrada de luz natural, sua iluminação era totalmente artificial e insuficiente e o ambiente em geral abafado.

A expansão da matrícula nos cursos de graduação e pós-graduação foi tornando a área cada vez mais acanhada para atender às necessidades de uma população que crescia. As mesas para leitura, já muito próximas, dividiam o espaço reservado à leitura, com o balcão de circulação e a portaria para guarda de material. O acervo já tomava grande parte da área (160m²) e a interferência de ruídos provenientes de áreas contíguas era grande. Embora adotando o livre acesso às estantes esta facilidade achava-se prejudicada pelos corredores estreitos entre as estantes e pela iluminação insuficiente. A inexistência de salas para estudo individual ou em grupo impedia a privacidade na leitura e uma maior liberdade no estudo em grupo.

Serviço :

Aquisição e Intercâmbio

Processo Técnico

Circulações

Referência (assist^{ta} direta e pessoal do usuário
na busca de inf. existentes, tanto
no acervo da pp. biblioteca como
em outras instituições)

Treinagem informal do usuário

Disseminação da Informação

Serviço de Alerta

Estas instalações eram frequentadas primordialmente pelos estudantes da própria USP que buscam na biblioteca do Instituto de Psicologia os subsídios necessários às disciplinas específicas do curso de Psicologia, tanto a nível de graduação como de pós-graduação. A biblioteca é também procurada por aqueles alunos oriundos de outras faculdades da USP, da área de Ciências Biológicas e de Ciências Humanas que vão cursar, durante um ou dois semestres, as disciplinas básicas da área de Psicologia, essenciais aos cursos em que estão matriculados.

Professores e pesquisadores acorrem igualmente à biblioteca do IP para fins de estudo e pesquisa, uma vez que esta dispõe, ainda que com limitações, da mais completa coleção de periódicos da área, existente no país (467 títulos).

Durante a realização desta pesquisa foram concluídas as novas instalações da biblioteca do Instituto de Psicologia que não apresentam qualquer semelhança com a descrição que aqui apresentamos. Talvez por essa razão tenha sido recebida com tanto entusiasmo pela comunidade universitária. Esperamos que a nova biblioteca se transforme num espaço de convivência propício à leitura, ao estudo e às atividades culturais.

Materiais :

	livros:	12 171 volumes	
	Periódicos	467 títulos em	9.120 volumes
	- Teses	841	volumes
2.776	} Separatas	1006	
vol.		Folhetos	360
		Teclas	566

Recursos Humanos :

14 funcionários

3 bibl.

7 aux.

1 secret.

3 pessoal de apoio

3. Objetivos da pesquisa

Uma vez apresentado o tema, as razões que nos levaram a torná-lo objeto de pesquisa e a literatura referente ao assunto, cabe-nos estabelecer o objetivo de nossa própria pesquisa e as indagações que pretendemos formular.

O objetivo de nossa pesquisa é perceber, de maneira mais abrangente, o aluno do curso de graduação do Instituto de Psicologia da USP, como leitor. Este conhecimento pressupõe uma análise centrada neste aluno-leitor tendo como pano de fundo os diversos contextos sociais e culturais dos quais participa, como a família, os amigos, as escolas por que passou, além de valores mais amplos assimilados por eles. Esclarecemos que esta forma de abordar o tema nos pareceu mais adequada na medida em que a leitura pode ocupar um maior ou menor espaço na vida do estudante, conforme os padrões de seu meio ambiente e os fatores variados que o influenciam através de sua escolarização.

Além disso, não podemos deixar de apontar que o acesso à leitura pode, em grande parte, facilitar a sua prática, embora outros fatores não possam estar ausentes. Não basta apenas possuir o material de leitura, por exemplo, pois é preciso ter tempo para ler. Mas, saber ler, ter acesso à leitura e dispor de tempo são fatores que também, em si mesmos, não criam o leitor. É preciso que um fator motivacional esteja presente, ou seja, que o indivíduo tenha interesse pela leitura. Outros fatores, não menos importantes, são certas condições mínimas necessárias à leitura (iluminação, silêncio, isolamento) relacionadas, na maioria das vezes, à condição sócio-econômica do leitor.

Quer nos parecer, assim, que o estudante de Psicologia, enquanto leitor, só pode ser compreendido através de uma análise que envolva uma série de variáveis que se interrelacionam e, em conjunto, determinam a prática que faz da leitura durante o seu curso superior.

Pretendemos, assim, abordar a leitura de maneira "gues-

Preteritas:

Abordar a leitura de maneira "gestáltica", buscando as variáveis interrelacionadas principais em 3 níveis: o curso de ϕ e suas exigências; as atividades de lazer e o espaço atribuído à leitura nessa prática; o uso ϕ faz das int. em geral e do IP em particular, como reflexo do espaço ϕ confere à leitura H. na sua formação acadêmica ϕ na at. ϕ desenvolve em função de interesse próprio.

Como identificar estas variáveis

tática", buscando, basicamente, as variáveis interrelacionadas, principalmente em três momentos que nós parecem bastante significativos: o curso de Psicologia e suas exigências em termos de leitura; as atividades de lazer e o espaço atribuído à leitura nessa prática; o uso que faz de bibliotecas em geral, e da biblioteca do Instituto de Psicologia em particular, como reflexo do espaço que confere à leitura, tanto na sua formação acadêmica quanto nas atividades que desenvolve em função de interesse próprio.

Tal abordagem, como ponto central de *nostras* indagações exigiria ir além, por assim dizer, do levantamento das leituras na biblioteca do IP, respondendo aos seguintes pontos:

- Qual o perfil da população objeto de nosso estudo no que se refere às variáveis: sexo, idade, escolaridade dos pais, renda familiar, área de atuação profissional pretendida, objetivos que pretendem alcançar através do curso e interesses que expressam na aquisição de conhecimentos?
- A leitura integra o conjunto das atividades habitualmente desenvolvidas pelos alunos?
- Qual a participação, nesse conjunto, das leituras que faz em função das exigências do curso de Psicologia? A prática da leitura vai além destas exigências?
- Qual o espaço que a leitura ocupa entre as atividades habitualmente desenvolvidas no lazer?
- Que fatores do meio social parecem exercer maior influência sobre a prática da leitura?
- Como se apresenta a prática da leitura no núcleo familiar do aluno?
- Qual a experiência do estudante de Psicologia em relação ao uso de bibliotecas no período anterior ao seu ingresso na Universidade?

- Qual a participação da biblioteca do IP nas atividades de estudo e leitura dos alunos? E quanto às demais bibliotecas do campus?
- Os recursos bibliográficos existentes na biblioteca do IP são utilizados pelos estudantes de Psicologia?
- Qual a opinião do estudante de Psicologia sobre a biblioteca do Instituto de Psicologia?

4. Metodologia da pesquisa

1. População/participantes

Para melhor esclarecimento quanto à população estudada, fator importante para a compreensão desta pesquisa, faz-se necessário descrever alguns aspectos do Curso de Graduação em Psicologia oferecido pelo Instituto de Psicologia da USP.

O Instituto de Psicologia recebe, anualmente 70 alunos que, em uma única turma (o curso funciona em período integral) iniciam sua formação cuja duração total é de cinco anos. Os três primeiros anos são dedicados à formação geral do aluno e os dois últimos à formação profissional. Cada ano está dividido em dois semestres, de forma que, ao terminar o Curso de Psicologia, o aluno cursou dez semestres ao todo.

No segundo semestre de 1984, ocasião em que coletamos os dados desta pesquisa, 380 alunos integravam a lista de alunos do curso de graduação do Instituto de Psicologia fornecida pelo Centro de Computação Eletrônica da USP, órgão responsável pelo processamento das matrículas, transferências e cancelamentos efetuados na unidade.

Deste total de 380 alunos, 30 registravam "matrícula cancelada" na referida lista, um solicitou transferência e um outro constava como aluno especial.

Assim, no segundo semestre de 1984 a população objeto de nossa pesquisa era constituída de 348 alunos matriculados no curso de graduação em Psicologia. No sentido de estudar este grupo da maneira mais abrangente possível, optamos por envolver em nossa pesquisa, não apenas amostra deste grupo, mas o universo de estudantes.

Organização do instrum. e Procedim.

2. O instrumento utilizado e Procedim.?

Com o propósito de atingir os objetivos estabelecidos neste estudo e, levando em consideração a decisão de trabalharmos com o universo de estudantes, julgamos ser o questionário, a técnica de pesquisa mais adequada.

Assim, construímos um questionário para ser utilizado como instrumento de coleta de dados (Anexo nº A).

Para fins de elaboração desse instrumento, foram definidas três áreas: a primeira, visando caracterizar a população pesquisada, abrangendo idade, sexo, ano do curso, área da Psicologia em que o estudante pretende atuar profissionalmente, objetivo que pretende atingir através do curso, recursos para sua manutenção pessoal, nível de escolaridade dos pais, renda familiar e cursos frequentados; a segunda, procurando reunir dados que pudessem configurar o espaço que a leitura ocupa enquanto atividade de lazer entre esses estudantes; a terceira, buscando identificar a posição dos estudantes quanto à leitura voltada para os cursos e o padrão de utilização de bibliotecas, com ênfase especial para a biblioteca do próprio Instituto de Psicologia.

Tentamos, assim, elaborar questões que pudessem fornecer indicações acerca desses três conjuntos.

O questionário, semi-estruturado, é constituído, na sua maioria, de questões de múltipla escolha e algumas questões abertas. Procuramos, sempre que possível, nas questões com alternativas fechadas incluir uma que permitisse a apresentação de opinião pessoal, se isso fosse desejado pelos alunos.

Incorporamos ainda ao questionário, a técnica do "incidente crítico" para verificar as experiências prévias dos estudantes no que diz respeito a leituras efetuadas e uso de bibliotecas.

A técnica do incidente crítico vem sendo aplicada desde a década de 1960 (FLANAGAN, 1973) e sua introdução nas pesquisas que en

volvemos o estudo das atividades humanas tem emprestado maior confiabilidade aos resultados alcançados. Os dados coletados através dessa técnica são provenientes de incidentes "do mundo real" e devem constituir uma amostra adequada de comportamento para permitir inferências ou predições a respeito dos indivíduos envolvidos. Assim, em vez de perguntar ao sujeito o que costuma fazer numa determinada situação, o pesquisador identifica uma determinada situação e pergunta ao sujeito como procedeu naquela situação. Esta técnica facilita a lembrança dos informantes na medida em que é mais fácil para as pessoas lembrarem com maior clareza do que fizeram numa determinada ocasião, do que lembrarem do que fazem em geral. Nesse sentido, costumam lembrar-se do último incidente de um tipo particular: esse último evento torna-se o "incidente crítico".

Quando utilizada em questionário, o observador do incidente é o indivíduo que testemunhou o evento ou o que foi o próprio agente desse evento. Desta forma, o informante (sujeito) descreve seu próprio comportamento diante de uma determinada situação, por exemplo, durante buscas de informação em bibliotecas.

No questionário por nós elaborado a técnica do incidente crítico foi utilizada nas perguntas de nº 8, 16 e 17.

Quando da construção do instrumento procuramos elaborar as questões da forma mais clara e simples possível e os questionários só foram aplicados após um pré-teste bem sucedido.

Os questionários foram planejados visando a utilização de computadores quando da análise dos dados. Assim sendo, foram pré-codificados de forma a permitir a entrada dos dados diretamente no computador.

3. Coleta de dados e Procedim.

O questionário elaborado foi aplicado em sala de aula mediante consulta prévia aos professores que, uma vez de acordo, nos cediam um horário em que seria possível abordar os alunos e proceder à coleta de dados.

Conforme mencionamos anteriormente, o Curso de Psicologia abrange um período de cinco anos, dividido em dez semestres. As disciplinas ministradas aos alunos nesse período são, igualmente, semestrais; algumas delas devem ser necessariamente cursadas (as obrigatórias) e outras podem ser escolhidas pelo aluno ao longo do curso (as optativas). O total de disciplinas obrigatórias cursadas do 1º ao 10º semestres, mais as optativas, devem perfazer 4050 horas, equivalente a 270 créditos, número necessário para que o aluno obtenha o grau de psicólogo.

Dentre as disciplinas obrigatórias há aquelas consideradas "pré-requisito", isto é, somente após ter obtido aprovação no pré-requisito o aluno pode efetuar sua matrícula em determinada disciplina, oferecida no semestre seguinte. Estas disciplinas "pré-requisitos" caracterizam, num certo sentido, a passagem do aluno de um semestre para outro. Assim, no primeiro semestre do curso, a disciplina Psicologia Experimental I é considerada pré-requisito para que o aluno possa efetuar matrícula na disciplina Psicologia Experimental II oferecida no segundo semestre. Levando em consideração este fato julgamos que as disciplinas obrigatórias consideradas pré-requisitos para cada ano do curso, seriam as mais adequadas para fins de aplicação do questionário em sala de aula. Dentre estas disciplinas pré-requisitos selecionamos aquelas que seriam oferecidas no segundo semestre de 1984, ocasião prevista para a coleta de dados.

Consideramos o segundo semestre mais adequado para a realização da coleta de dados uma vez que este período possibilitava aos alunos do primeiro ano — "os calouros" — uma vivência mínima de seis meses no curso estando, portanto, mais familiarizados para opinarem sobre os temas abordados no questionário.

As disciplinas selecionadas para aplicação dos questionários em sala de aula foram: Psicologia Experimental II (1º Ano), Psicologia do Desenvolvimento II (2º ano), ^{Psicopatologia Geral II} Psicologia Geral II (3º Ano), Métodos de Exploração e Diagnóstico em Psicologia Clínica II (4º A-

no) e Ética Profissional.

Em horário cedido pelos professores responsáveis por essas disciplinas consultamos os alunos sobre seu interesse em participar da pesquisa esclarecendo-os sobre os objetivos do estudo, a importância de sua colaboração e o fato do questionário não ser identificado.

A coleta de dados teve início em fins de outubro e prolongou-se até o mês de novembro. Os alunos gastaram, em média, quinze minutos, para responder ao questionário e, ao término do seu preenchimento, solicitávamos que assinassem a folha de participação na pesquisa oferecida pelo pesquisador. Pedíamos, então, que procurassem o próprio nome datilografado na listagem e que, logo à sua frente, colocassem sua assinatura. Desta forma, foi possível identificar os alunos ausentes e solicitar sua colaboração, se o desejassem, em outra oportunidade. Neste sentido, voltamos mais uma vez às salas de aula para contactar aqueles alunos que, em nossa primeira abordagem, achavam-se ausentes. Combinamos, então, que o questionário seria preenchido nos quinze minutos finais da aula quando estaríamos presentes para qualquer orientação que fosse necessária e para apresentar a folha de participação para assinatura.

As poucas perguntas que surgiram durante a aplicação do questionário foram ouvidas. Quando a pergunta se referia a uma dificuldade em se decidir por uma resposta ou outra, era feita uma pergunta ao aluno para verificar se sua dúvida dizia respeito à forma de responder ou ao conteúdo; se a dúvida fosse de forma, ela era respondida, se fosse de conteúdo, pedíamos a ele para responder do modo que fosse o mais próximo possível de seu pensamento.

Os alunos revelaram interesse significativo pela pesquisa tendo 46 deles demonstrado esse interesse no próprio questionário (comentários finais) enquanto outros cinco declararam que gostariam de conhecer os resultados do estudo.

Ao término da coleta de dados dispúnhamos de 282 questionários respondidos, ou seja, 81,0% do total de estudantes matriculados no curso de graduação.

TABELA Nº 1

DISTRIBUIÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS ENTRE OS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP

ALUNOS MATRICULADOS EM 1984

PARTICIPANTES		NÃO PARTICIPANTES		TOTAL	
F	%	F	%	F	%
282	81	66	19	348	100

Tendo em vista que nosso objetivo era abranger o universo de estudantes do curso de graduação, interessávamos indagar o porquê da não localização de 18,9% desta população (66 estudantes) que não nos foi possível abordar. 19%

No início de 1985 solicitamos ao CCE a lista de alunos matriculados no segundo semestre de 1984, com as disciplinas em que efetuaram matrículas bem como a frequência e notas obtidas.

TABELA Nº 2

SITUAÇÃO QUANTO À MATRÍCULA E AVALIAÇÃO NO CURSO DOS ALUNOS QUE NÃO PARTICIPARAM DA PESQUISA

ALUNOS	F	%	PORCENTUAL DA POPULAÇÃO TOTAL (N=348)
Sem notas nas disciplinas em que efetuaram matrículas	47	71,2	13,5
Matriculados em uma única disciplina	4	6,1	1,1
Com frequência e notas em algumas das disciplinas em que efetuaram matrícula	8	12,1	2,3
Com frequência e notas em todas as disciplinas em que efetuaram matrícula	7	10,6	2,0
TOTAL	66	100,0	18,9

Ao término da coleta de dados dispúnhamos de 282 questionários respondidos, ou seja, 81,0% do total de estudantes matriculados no curso de graduação.

TABELA Nº 1

DISTRIBUIÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS ENTRE OS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP

ALUNOS MATRICULADOS EM 1984

PARTICIPANTES		NÃO PARTICIPANTES		TOTAL	
F	%	F	%	F	%
282	81	66	19	348	100

Tendo em vista que nosso objetivo era abranger o universo de estudantes do curso de graduação, interessávamos indagar o porquê da não localização de 18,9% desta população (66 estudantes) que não nos foi possível abordar. 19%

No início de 1985 solicitamos ao CCE a lista de alunos matriculados no segundo semestre de 1984, com as disciplinas em que efetuaram matrículas bem como a frequência e notas obtidas.

TABELA Nº 2

SITUAÇÃO QUANTO À MATRÍCULA E AVALIAÇÃO NO CURSO DOS ALUNOS QUE NÃO PARTICIPARAM DA PESQUISA

ALUNOS	F	%	PORCENTUAL DA POPULAÇÃO TOTAL (N=348)
Sem notas nas disciplinas em que efetuaram matrículas	47	71,2	13,5
Matriculados em uma única disciplina	4	6,1	1,1
Com frequência e notas em algumas das disciplinas em que efetuaram matrícula	8	12,1	2,3
Com frequência e notas em todas as disciplinas em que efetuaram matrícula	7	10,6	2,0
TOTAL	66	100,0	18,9

Através do exame detalhado desta listagem constatamos que 47 alunos, ou seja, 71,2% dos estudantes que não pudemos abordar, não apresentavam notas e mesmo frequência nas disciplinas em que se matricularam, o que nos leva a supor que tenham abandonado ou temporariamente interrompido o curso. Através daquela listagem, pudemos igualmente constatar que outros 4 alunos (6,1%) cursaram apenas uma disciplina, no segundo semestre de 1984 o que tornou difícil a sua localização em sala de aula. Finalmente, 8 alunos (12,1%) apresentaram frequência e notas em apenas algumas das disciplinas em que efetuaram matrícula.

Considerando a situação escolar um tanto irregular deste grupo de 59 alunos acima descritos, quer me parecer que, na realidade, apenas 289 alunos frequentavam regularmente o Curso de Psicologia no 2º semestre de 1984. Tendo sido abordados 282 alunos, nosso índice de não respostas seria de apenas 2,0% constituído por 7 alunos que, independentemente de terem obtido frequência e notas nas disciplinas em que se matricularam, não participaram da pesquisa.

A situação escolar dos alunos que não pudemos abordar quando da coleta de dados pode ser analisada através da Tabela nº 2.

4. Dados obtidos e seu tratamento quantitativo

Os questionários, uma vez reunidos foram então numerados e as respostas assinaladas receberam a codificação correspondente que, uma vez digitada, possibilitou rápida entrada dos dados no computador.

As atividades de organização e manipulação do arquivo de dados e sua análise estatística foram realizadas através do conjunto de sub-rotinas BMDP (versão 1982) implantado no Centro de Computação Eletrônica da USP.

Os programas utilizados para tabulação geraram listagens de frequência com porcentuais (BMDP-2D). Outras listagens foram geradas de acordo com algumas variáveis por nós selecionadas para cruzamento (BMDP-4F), as quais serão apresentadas e discutidas mais adian

Análise de conteúdos utilizada :

a de tipo tradicional, baseada no fracção,
da fase em unidades de conteúdos significativos.

Na foi feita uma análise pormenorizada, a nível de
particulas de ~~símbolos~~
palavras, ~~mas sim~~, uma análise + geral, segundo
os aspectos apontados no comentário

te. Essas listagens forneceram quantidade significativa de dados estatísticos, tendo sido necessário proceder a uma seleção do que deveria ser apresentado neste trabalho. Neste sentido tivemos por critério a relevância dos dados obtidos para as questões estudadas.

Algumas questões, entretanto, foram processadas manualmente. Entre essas, incluem-se as alternativas "Outros.Especifique", colocadas em boa parte das questões de múltipla escolha e as questões abertas de números 8, 21, 22, 26 e 35.

Quanto aos dados, ou melhor, informações provenientes das questões abertas verificamos que vários autores têm recomendado a análise de conteúdo (McDAVID e HARARI, 1980; MUCCHIELLI, 1979; GOODE & HATT, 1975 e outros). A análise de conteúdo vai além dos dados (BARDIN, 1979) procurando significados subjacentes às mensagens. Não foi este, entretanto, o procedimento por nós adotado neste trabalho em relação às informações geradas por essas questões. Procuramos nos ater sempre aos dados tendo em vista a natureza do próprio estudo.

Na análise das questões abertas, deixamos de considerar o aluno como uma unidade de resposta e adotamos o procedimento que passamos a descrever.

Num primeiro momento fizemos uma listagem de todas as opiniões, comentários ou sugestões mencionados em cada resposta a fim de obter uma visão geral das opiniões.

A partir desta listagem, elaboramos uma relação provisória de categorias, com a qual iniciamos a tabulação dos dados. Novas categorias foram acrescentadas à medida em que se mostravam necessárias. Como o objetivo principal da análise destas questões abertas era examinar detalhadamente cada uma das respostas, sem introduzir nenhum critério externo à opinião registrada pelo aluno, adotamos o critério de classificar cada resposta em tantas categorias quantas fossem necessárias para esgotar o seu conteúdo. A opinião de um mesmo aluno podia pertencer, desta forma, a uma, duas, três ou várias categorias, desde que seu conteúdo apresentasse comentários sobre essas categorias. Em vista disso, a tabulação não exprime o número de alunos que apontou uma determinada opinião, ou sugestão, mas sim o

número de vezes que cada categoria de opinião foi mencionada.

Terminada a tabulação, a lista de categorias foi novamente examinada com o objetivo de agrupar as categorias menos significativas em termos de frequência e que apresentassem semelhança de conteúdo. Assim, por exemplo, as categorias "Maior número de exemplares dos livros de leituras obrigatórias" e "Maior número de exemplares dos livros da coleção de reserva" foram agrupadas em "Maior número de exemplares dos livros indicados pelos professores".

Ao final, as categorias resultantes foram subagrupadas, em função de semelhança de referencial, em categorias gerais.

Na questão de número 26 por exemplo, (Gostaríamos de saber sua opinião sobre a biblioteca do Instituto de Psicologia) identificamos cinco categorias gerais que podiam abrigar aquelas outras, geradas a partir da classificação dos comentários e sugestões dos alunos.

O Anexo F aponta essas cinco categorias gerais (AVALIAÇÃO DA BIBLIOTECA EM GERAL; ACERVO; ATENDIMENTO PRESTADO; SERVIÇOS OFERECIDOS; AMBIENTE/INSTALAÇÕES) sob as quais foram subagrupadas categorias de referencial semelhante. Por exemplo, ACERVO, enquanto categoria geral abriga aquelas categorias criadas a partir das respostas dos alunos que enfatizavam a quantidade ou qualidade do material reunido na biblioteca.

As questões 21, 26 e 35 do questionário foram tabuladas segundo o procedimento acima descrito.

Para a questão aberta de número oito na qual perguntávamos ao aluno qual o último livro cuja leitura fez em função de interesse pessoal, procedemos à compilação dos livros mencionados e elaboramos uma classificação desse material com vistas à apresentação de um quadro global da literatura e interesse entre os estudantes (Anexo G).

A questão de número 22 recebeu tratamento semelhante ain

da que a relação dos títulos de periódicos consultados tenha sido or
denada segundo o número de citações que cada um dos títulos recebeu
entre os estudantes (Anexo C).

CAPÍTULO II

RESULTADOS

1. PERFIL DO ALUNO

Na busca de um perfil da população por nós estudada serão consideradas as variáveis sexo, idade, benefício principal oferecido pelo curso, área em que pretendem atuar profissionalmente, renda familiar, nível de escolaridade paterna e materna, residência, recursos financeiros para manutenção própria, interesse na realização de outros cursos, sejam de nível universitário ou não.

Considerando os dados referentes às variáveis acima apontadas e obtidos através do questionário aplicado, que perfil poderíamos traçar da população estudada?

Entre estes estudantes é predominante a presença feminina.

TABELA Nº 3

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE
GRADUAÇÃO DO IP/USP, POR SEXO

MASCULINO	FEMININO	TOTAL
59	222	281
21%	79%	100%

O percentual de alunos do sexo masculino matriculados no curso é de apenas 21%.

TABELA Nº 4

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP, POR IDADE (anos)

IDADE	F	%
17 a 18	26	(9,3)
19 a 20	77	(27,5)
21 a 23	127	(45,4)
24 a 26	34	(12,2)
27 a 29	8	(2,8)
30 a 32	6	(2,1)
33 a 35	1	(0,4)
Mais de 35	1	(0,4)
TOTAL	280	(100,0)

A idade mínima registrada foi 17 anos (apenas 3 estudantes) e a máxima 49 anos. A idade média é de 22 anos com um desvio padrão de 3,2 anos. A maior parte dos alunos (73%) pertencem à faixa etária de 19 a 23 anos.

TABELA Nº 5

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR OBJETIVOS QUE ESPERAM ALCANÇAR ATRAVÉS DA GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

OBJETIVO	F	(%)
Status social	1	(0,4)
Bons rendimentos	2	(0,7)
Aprimoramento Pessoal	24	(8,5)
Atuar como profissional e cidadão na sociedade	243	(86,5)
Outro	11	(3,9)
TOTAL	281	(100,0)

Diante dos benefícios que o Curso de Psicologia poderia lhes oferecer no futuro 86,5% dos alunos manifestou a expectativa de, por seu intermédio, atingir condições para atuar como profissional e como

cidadão na sociedade. Apenas 8,5% do total de alunos declarou almejar aprimoramento pessoal. O objetivo de obter bons rendimentos ou alcançar status através da graduação foi assinalado por parcela mínima da população (1,1%) revelando-se pouco significativo.

Ante a expectativa predominante de participação profissional e social, pareceu-nos interessante conhecer quais as áreas da Psicologia que seriam de maior interesse para o estudante no Planejamento de sua atuação profissional futura.

↳ p

TABELA Nº 6
DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR ÁREA PRETENDIDA PARA
ATUAÇÃO PROFISSIONAL

ÁREA PRETENDIDA	F
Psicologia Clínica	182
Psicologia Organizacional	49
Psicologia Escolar	84
Psicologia Social	82
Ensino de Psicologia	46
Outro. Especifique	51

NOTA: Podia ser indicada mais de uma área.

Esta questão foi respondida por 279 alunos, entre os 282 alunos participantes, cabendo observar que podia ser indicada mais de uma área. A Psicologia Clínica foi a área que recebeu o maior número de indicações seguida da área da Psicologia Escolar e da Psicologia Social. A Tabela nº 6 mostra ainda que a Psicologia Organizacional ou do Trabalho recebeu 49 indicações enquanto a atuação profissional através do Ensino foi considerada a menos atraente. A alternativa outros foi assinalada por 51 alunos dos quais 32 declararam não ter ainda se decidido por qualquer uma das áreas. Devemos levar em consideração que estes 32 alunos freqüentam atualmente o 1º ou 2º anos do curso.

Considerando que quando da escolha da área para futura atuação os alunos podiam indicar mais de uma alternativa, procuramos

indagar quantos alunos optaram por uma única área de atuação e como se mostraria a preferência por área entre esses alunos.

A Tabela nº 7 apresenta os resultados obtidos.

TABELA Nº 7
DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS COM OPÇÃO PARA ATUAR EM UMA
ÚNICA ÁREA DA PSICOLOGIA

ÁREA PRETENDIDA	F	%
Psicologia Clínica	59	(69,6)
Psicologia Organizacional	4	(4,7)
Psicologia Escolar	7	(8,1)
Psicologia Social	11	(12,9)
Outra	4	(4,7)
TOTAL	85	(100,0)

É possível verificar que a área clínica é também a mais atraente entre os 85 estudantes (30,4% da população) que optaram por uma única área para atuar futuramente.

Segundo pesquisa realizada pelo DIEESE (Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos) através de solicitação do Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo, a atuação na área clínica se faz em clínicas principalmente de natureza privada (83,7%) exigindo, do recém formado, investimento alto sem retorno imediato ou mesmo a curto prazo.

Assim, parece oportuno apresentar os dados relativos à renda familiar dos estudantes do curso de graduação do IP.

TABELA Nº 8
DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP
POR RENDA FAMILIAR

RENDA (SALÁRIOS MÍNIMOS)	F	(%)	% ACUMULADA
1 a 5	18	(6,0)	(6,5)
6 a 10	13	(5,0)	(11,2)
11 a 15	66	(24,0)	(35,1)
16 a 20	64	(23,0)	(58,3)
mais de 20	119	(42,0)	(100,0)
TOTAL	276	(100,0)	-

Podemos observar, através da Tabela nº 8 que 11,2% dos alunos possuem renda familiar de 1 a 10 SM enquanto 47% possuem renda de 11 a 20 SM. Outros 42% pertencem a famílias com renda mensal superior a 20 SM.

A renda familiar média é de 22,5 salários mínimos e a mediana de 18 SM.

No que diz respeito ao ganho familiar, consideramos oportuno apontar os dados relativos aos recursos financeiros de que se valem os estudantes para sua manutenção pessoal.

TABELA Nº 9
DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR TIPO DE RECURSOS PARA
MANUTENÇÃO PESSOAL

RECURSOS	N = 280 Nº DE ALUNOS
Recursos do pai ou responsável	221
Bolsa de estudos	11
Atividade profissional remunerada	68
Próprios	8
Trabalhos eventuais	58
Outros	17

NOTA: Podia ser indicada mais de uma fonte de recursos.

Constatamos, através da Tabela nº 9 que 221 destes estudantes dependem, no mínimo, de recursos do pai para sua manutenção. A obtenção de recursos através de atividade profissional remunerada foi apontada 68 vezes enquanto a execução de trabalhos eventuais obteve 58 citações. Apenas 11 estudantes contam com bolsa de estudos.

No que diz respeito à moradia, a maior parte dos alunos (66,7%) reside com a própria família ou com parentes (3,2%).

TABELA Nº 10

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP
POR TIPO DE RESIDÊNCIA

RESIDÊNCIA	Nº DE ALUNOS	
	F	%
Residem com os pais	188	(66,7)
Residem com parentes	9	(3,2)
Residem em alojamento para estudantes	26	(9,2)
Outros	59	(20,9)
TOTAL	282	(100,0)

Considerando que o acesso aos diferentes níveis de educação formal é em parte responsável, em nosso meio, por uma diferenciação na renda mensal, é oportuno aqui apresentarmos os dados relativos ao nível de escolaridade dos pais dos estudantes de nossa população.

TABELA Nº 11

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE
PATERNA E MATERNA

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	PATERNA			MATERNA		
	F	(%)	% ACUMULADA	F	(%)	% ACUMULADA
Até o 1º Grau (1ª a 8ª Série)	79	(28,2)	(28,2)	94	(33,6)	(33,6)
Colegial	48	(17,2)	(45,4)	97	(34,6)	(68,2)
Superior Incompleto	12	(4,2)	(49,6)	6	(2,2)	(70,4)
Superior Completo	141	(50,4)	(100,0)	83	(29,6)	(100,0)
TOTAL	280	(100,0)	-	280	(100)	-

Observamos que 45% dos alunos indicaram que o pai tem no máximo o nível colegial, enquanto 4% têm o superior incompleto. Entretanto 50% são filhos de casais onde o pai tem o curso superior completo.

Quanto à escolaridade materna constatamos que 68,2% dos alunos indicaram que a escolaridade materna alcança no máximo o nível colegial enquanto 2,0% têm o superior incompleto. Entre as mães, a escolaridade de nível superior acusa percentual de 30,0%.

É possível concluir que entre os pais é significativa a formação a nível superior enquanto entre as mães predomina a educação formal de nível médio.

Gráficos

Obedecidos

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO TABULAR E GRÁFICA
publicadas pelo Departamento Estadual de
Estatística da Secretaria de Estado de
Planejamento do Governo do Estado do Paraná
publicadas em 1983, 2. ed.

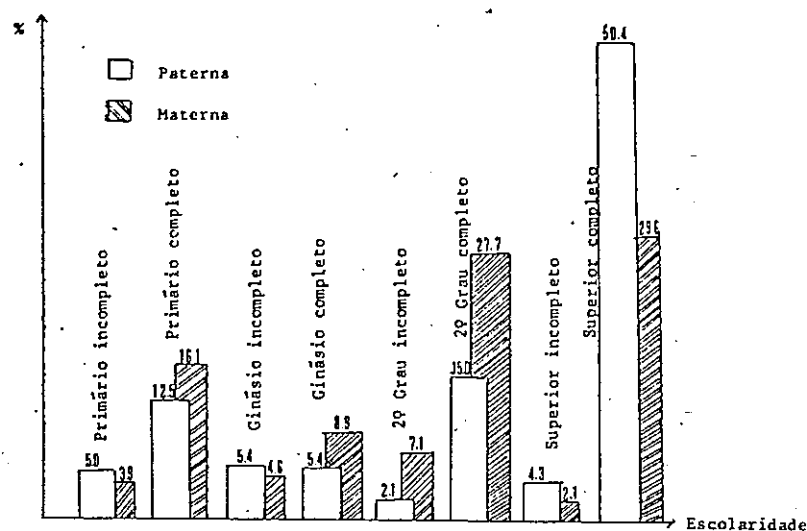


FIGURA 1 - NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS PAIS

Conforme observamos anteriormente, a maior parte dos alunos (73%) pertencem à faixa etária de 19 a 23 anos. Encontramos, entretanto, entre estes alunos, um percentual de 6,7% de indivíduos já graduados em outro curso superior para os quais a Psicologia é, portanto, o segundo curso universitário (Ver tabela abaixo apresentada).

TABELA Nº 12

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR GRADUAÇÃO
JÁ CONCLUÍDA EM CURSO SUPERIOR

SITUAÇÃO	F	(%)
Já graduados	19	(6,7)
Não graduados	263	(93,3)
TOTAL	282	(100,0)

Com o intuito de tratar os dados de forma a obter mais elementos para análise procedemos ao cruzamento de algumas variáveis que produziram os resultados que apresentaremos a seguir.

É de nosso interesse verificar se as áreas da Psicologia

apontadas pelos alunos apresentam igual preferência entre moças e rapazes. A Tabela nº 13 apresenta os resultados obtidos através do cruzamento área de escolha x sexo.

TABELA Nº 13
DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP POR
ÁREA DE ESCOLHA E POR SEXO

ÁREA DE ESCOLHA	ALUNOS				
	M (N = 56 = 100%)		F (N = 222 = 100%)		TOTAL M + F
	F	(%)	F	(%)	
Psicologia Clínica	35	(62,5)	146	(65,8)	181
Psicologia Organizacional	9	(16,1)	39	(17,6)	48
Psicologia Escolar	8	(14,3)	76	(34,2)	84
Psicologia Social	19	(33,9)	63	(28,4)	82
Ensino de Psicologia	15	(26,8)	30	(13,5)	45
Outro	14	(25,0)	37	(16,6)	51

NOTA: PODIA SER INDICADA MAIS DE UMA ÁREA.

Observamos que as áreas de escolha, à exceção da Psicologia Clínica, não se manifestam com igual preferência entre rapazes e moças. A Tabela nº 13 aponta que entre os jovens do sexo masculino as áreas de Psicologia Clínica, Psicologia Social e Ensino foram objeto de preferência enquanto entre as moças, o interesse maior recaiu sobre as áreas de Psicologia Clínica, Psicologia Escolar e Psicologia Social.

Os que optaram por uma única área

Considerando o interesse manifesto pela Psicologia Clínica também entre aqueles alunos que assinalaram uma única área para atuação (ver Tabela nº 7) e a necessidade de investimento alto, sem retorno imediato, que esta área exige, conforme mencionamos anteriormente, cruzamos os dados obtidos na Tabela nº 7 com a variável renda familiar, obtendo os resultados apresentados na Tabela nº 14.

TABELA Nº 14

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS QUE PRETENDEM ATUAR EM UMA ÚNICA ÁREA DA PSICOLOGIA, POR RENDA FAMILIAR

ÁREA PRETENDIDA	RENDA FAMILIAR MENSAL (EM SALÁRIOS MÍNIMOS)											
	1 A 5		6 A 10		11 A 15		16 A 20		MAIS DE 20		TOTAL	
	F	(%)	F	(%)	F	(%)	F	(%)	F	(%)	F	(%)
Psicologia Clínica	4	(4,7)	4	(4,7)	9	(10,6)	9	(10,6)	33	(39,0)	59	(69,6)
Psicologia Organizacional	-	-	-	-	3	(3,5)	-	-	1	(1,2)	4	(4,7)
Psicologia Escolar	2	(2,3)	-	-	2	(2,3)	1	(1,2)	2	(2,3)	7	(8,1)
Psicologia Social	1	(1,2)	-	-	6	(7,0)	1	(1,2)	3	(3,5)	11	(12,9)
Outra	-	-	2	(2,3)	-	-	1	(1,2)	1	(1,2)	4	(4,7)
TOTAL	7	(8,2)	6	(7,0)	20	(23,4)	12	(14,2)	40	(47,2)	85	(100,0)

TABELA Nº 14

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS QUE PRETENDEM ATUAR EM UMA ÚNICA ÁREA DA PSICOLOGIA, POR RENDA FAMILIAR

ÁREA PRETENDIDA	RENDA FAMILIAR MENSAL (EM SALÁRIOS MÍNIMOS)											
	1 A 5		6 A 10		11 A 15		16 A 20		MAIS DE 20		TOTAL	
	F	(%)	F	(%)	F	(%)	F	(%)	F	(%)	F	(%)
Psicologia Clínica	4	(4,7)	4	(4,7)	9	(10,6)	9	(10,6)	33	(39,0)	59	(69,6)
Psicologia Organizacional	-	-	-	-	3	(3,5)	-	-	1	(1,2)	4	(4,7)
Psicologia Escolar	2	(2,3)	-	-	2	(2,3)	1	(1,2)	2	(2,3)	7	(8,1)
Psicologia Social	1	(1,2)	-	-	6	(7,0)	1	(1,2)	3	(3,5)	11	(12,9)
Outra	-	-	2	(2,3)	-	-	1	(1,2)	1	(1,2)	4	(4,7)
TOTAL	7	(8,2)	6	(7,0)	20	(23,4)	12	(14,2)	40	(47,2)	85	(100,0)

Constatamos que 49,6% dos estudantes que optaram por trabalhar exclusivamente na área da Psicologia Clínica pertencem a famílias com renda mensal superior a 16 SM. Verificamos, entretanto, que ainda que o porcentual seja bem menor, 9,4% destes alunos pretendem atuar em clínica e contar^m com renda familiar de 1 a 10 salários. A Psicologia Social merece a preferência de 12,9% destes estudantes, a maior parte deles (7,0%) com renda familiar de 11 a 15 salários.

Atingir condições, através do curso, para participar como profissional e como cidadão na sociedade, apresentou-se como um objetivo almejado tanto pelos jovens do sexo masculino quanto os do sexo feminino.

TABELA Nº 15
DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR OBJETIVO QUE ESPERAM ALCANÇAR ATRAVÉS DO
CURSO DE PSICOLOGIA

OBJETIVO	SEXO		MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	F	(%)	F	(%)	F	(%)	F	(%)
Status social	-	-	1	(0,5)	1	(0,4)	1	(0,4)
Bons rendimentos	1	(1,7)	1	(0,5)	1	(0,7)	2	(0,7)
Aprimoramento pessoal	10	(17,2)	14	(6,3)	24	(8,6)	24	(8,6)
Atuar como profissional e cidadão na sociedade	42	(72,4)	200	(90,1)	242	(86,4)	242	(86,4)
Outro	5	(8,6)	6	(2,7)	11	(3,9)	11	(3,9)
TOTAL	58	(100,0)	222	(100,0)	280	(100,0)	280	(100,0)

Através do cruzamento de diversas variáveis construímos as três tabelas apresentadas abaixo, com as quais tentaremos caracterizar o grupo de alunos já graduados em outro curso superior e atualmente frequentando Psicologia no IP/USP.

TABELA Nº 16
ALUNOS JÁ GRADUADOS, POR IDADE E ÁREA DA GRADUAÇÃO

IDADE (EM ANOS)	ÁREA DA GRADUAÇÃO			
	HUMANAS	BIOLÓGICAS	EXATAS	TOTAL
22 a 24	5	-	3	8
25 a 27	3	1	-	4
28 a 30	2	-	-	2
Mais de 30	1	1	2	4
TOTAL	11	2	5	18

TABELA Nº 17
ALUNOS JÁ GRADUADOS, POR RENDA FAMILIAR MENSAL

RENDAS FAMILIAR (EM SALÁRIOS MÍNIMOS)			
1 A 10	11 A 20	MAIS QUE 20	TOTAL
3	7	8	18
16,7%	38,9%	44,4%	100,0%

TABELA Nº 18
ALUNOS JÁ GRADUADOS POR TIPO DE RECURSOS PARA MANUTENÇÃO PESSOAL

PAI OU CÔNJUGE	ATIVIDADE PROFISSIONAL EVENTUAL OU RECURSOS PRÓPRIOS	TOTAL
12	6	18
66,7%	33,3%	100,0%

Constatamos que estes estudantes já graduados em outro curso superior têm entre 22 e 28 anos com apenas quatro alunos com mais de 30 anos. Entre os cursos que mencionaram ter realizado predominam aqueles provenientes das Ciências Humanas (61,2%) sendo significativamente menores os percentuais para a área das Ciências Exatas (27,7%)

e para a área das Ciências Biológicas (11,0%).

Estes alunos pertencem, em sua maioria, a famílias com renda mensal superior a 20 salários mínimos (44,4%) ou entre 11 e 20 salários (38,9%). Poucos — apenas 33,3% — exercem atividade profissional remunerada ou fazem trabalhos eventuais, porquanto a maior parte (66,7%) depende do pai ou responsável para sua manutenção pessoal.

A tendência é que este grupo de estudantes de Psicologia já graduados em outro curso superior se amplie, na medida em que identificamos um outro grupo de 24 estudantes (8,5%) que fazem, simultaneamente à Psicologia, outro curso superior, em geral na própria USP. Da mesma forma, predomina neste grupo o interesse por cursos na área das Ciências Humanas, sobretudo Filosofia, Pedagogia e Letras. Ao que tudo indica o curso de Psicologia para alguns destes estudantes seria de caráter complementar tendo em vista que, simultaneamente, fazem cursos tais como Odontologia, Comunicação Social, Jornalismo, Fonoaudiologia, entre outros. Neste grupo predominam estudantes provenientes de famílias em que 54,2% dos pais e 41,7% das mães têm curso superior completo. Cabe acrescentar que a despeito de 37,5% destes estudantes pertencerem a famílias com renda mensal superior a 20 salários mínimos, outros 16,7% contam com renda familiar de 1 a 5 salários e escolaridade paterna de nível primário.

O interesse por uma formação pluridisciplinar parece ser uma característica, ainda que parcial, dos psicólogos na medida em que 16,0% da categoria no Estado de São Paulo, em pesquisa realizada pelo Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo, declarou ter feito outro curso superior. Dentre estes, 14,2% freqüentaram este outro curso concomitantemente à Graduação em Psicologia (SPESP, p. 25). Este percentual em muito se aproxima do índice apresentado pelos estudantes do curso de Psicologia da USP (6,4% já graduados e 8,5% por graduar-se).

OUTROS CURSOS DE INTERESSE

Almejar uma formação mais ampla, sobretudo na área das humanidades e interessar-se pelo desenvolvimento global da própria personalidade são dois aspectos que parecem merecer a atenção dos estudantes de Psicologia. Fazemos este comentário em função dos resultados obtidos na questão número 29 na qual perguntamos aos alunos sobre a realização ou não de outros cursos não universitários e, em caso afirmativo, que cursos seriam esses.

TABELA Nº 19
DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR FREQUÊNCIA A
CURSOS NÃO UNIVERSITÁRIOS

SITUAÇÃO	F	(%)
Freqüenta	106	(37,8)
Não freqüenta	174	(62,1)
TOTAL	280	(100,0)

Entre os alunos que fazem outros cursos não universitários verificamos que 19,2% (54 estudantes) se interessam por cursos de língua estrangeira. Constatamos também a freqüência a cursos de arte (desenho, pintura, música, ballet e jardinagem, entre outros). A prática da cultura física também está presente através da freqüência a cursos de natação, ginástica, dança moderna e expressão corporal). A freqüência a cursos em áreas ou técnicas específicas da Psicologia, se manifestou entre 11 (10,4%) destes estudantes que realizam cursos para formação de coordenadores de grupos operativos, psicanálise, psicologia hospitalar, treinamento autôgeno e grafologia.

Constatamos, ainda, algum interesse por cursos sobre temas ligados à religião (atualização teológica, evangelização, espiritismo), Astrologia, Mitologia e Filosofias Orientais (Budismo, Zen Budismo, entre outros).

Tendo em vista que 174 estudantes, ou seja, 62,1% dos alu-

nos declararam não freqüentar qualquer outro curso de nível não superior, pareceu-nos de interesse verificar se a realização destes cursos estaria associada à renda familiar, uma vez que os cursos freqüentados são, em sua maioria, oferecidos por institutos ou escolas de natureza particular, sobretudo os cursos de línguas. A Tabela abaixo, apresenta a distribuição dos alunos que realizam estes cursos segundo a renda familiar mensal.

TABELA Nº 20
DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS COM FREQUÊNCIA A OUTROS CURSOS,
NÃO UNIVERSITÁRIOS, POR FAIXA DE RENDA

RENDA (EM SALÁRIOS MÍNIMOS)	F	[%]
De 1 a 5	4	(3,9)
De 6 a 10	1	(1,0)
De 11 a 15	22	(21,3)
De 16 a 20	25	(24,3)
Mais de 20	51	(49,5)
TOTAL	103	(100,0)

Os dados apontam que os alunos com freqüência a estes cursos, a maior parte de natureza complementar à formação, pertencem a famílias situadas nas faixas de renda de maior poder aquisitivo. É possível, portanto, que a despeito do interesse que possam despertar entre os estudantes, a freqüência a estes cursos, de caráter particular, seja determinada sobretudo pelos recursos financeiros de que o estudante possa dispor.

2. LEITURA E ESTUDO

A leitura representa uma habilidade importante para o estudante universitário, se considerarmos a contribuição que traz para o bom desempenho do aluno, constituindo-se no veículo por excelência de ampliação dos conhecimentos necessários à sua formação.

A partir desta expectativa, até há alguns anos existente no próprio curso secundário, resolvemos verificar se a leitura se coloca como uma atividade imprescindível, integrada à vida universitária e ao lazer da população objeto deste trabalho.

Por esse motivo, formulamos várias questões específicas para nos elucidar sobre esse tema, aliás comumente colocado pelos próprios mestres a seus alunos, dadas as dificuldades crescentes, de ano a ano, para que a leitura se incorpore ou reincorpore aos hábitos de estudo dos estudantes.

As respostas obtidas no questionário e apresentadas na Tabela nº 21 dão-nos informações relativas ao tempo que o estudante dedica ao estudo, à elaboração de trabalhos e à leitura para o seu curso universitário, especificamente.

TABELA Nº 21
DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR TEMPO DEDICADO ^{SEMANAL} AO
ESTUDO, LEITURA E ELABORAÇÃO DE TRABALHOS

TEMPO MÉDIO <i>SEMANAL</i>	F	[%]
Menos de 1 hora	2	(0,7)
De 1 a 5 horas	44	(15,7)
De 6 a 10 horas	101	(36,1)
De 11 a 15 horas	79	(28,2)
De 16 horas ou mais	54	(19,3)
TOTAL	280	(100,0)

Verificamos que 36,1% dos estudantes pesquisados dedicam de 6 a 10 horas semanais, em média, à atividade de estudo e leitura, o que equivale a de 50 minutos a 1h:42 minutos diários para tal fim. Constatamos a existência de um outro grupo de estudantes (28,2%) que dispõe de 11 a 15 horas semanais, o que corresponde de 2 horas a 2h:15 minutos diários para essa atividade. Encontramos apenas 19,3% de estudantes que dedicam à mesma mais de 16 horas semanais (2h:30 minutos diários). Contrastando com essa parcela da população analisada, encontramos outra, constituída de 15,7% dos estudantes, na qual é extremamente restrito o tempo dedicado ao estudo e à leitura — apenas de 1 a 5 horas semanais.

Resumindo, podemos constatar que os alunos dispõem, em média de 11 horas semanais para estudo, leitura e elaboração de trabalhos sendo que 52,5% dispõe no máximo, de 10 horas por semana para aquelas atividades.

Prosseguindo a pesquisa neste item, consideramos necessário avaliar as leituras dos alunos relativas à bibliografia indicada pelos professores nas diferentes disciplinas que compõem o curso. (Ver Tabela nº 22).

TABELA Nº 22

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DE ACORDO COM SUA POSIÇÃO EM RELAÇÃO À LEITURA DA BIBLIOGRAFIA INDICADA PELOS PROFESSORES

BIBLIOGRAFIA	F	(%)
Leu/consultou a bibliografia básica e alguns itens complementares	91	(32,3)
Leu/consultou todos os itens	4	(1,4)
Leu/consultou apenas os itens obrigatórios	140	(49,6)
Pretende ler nas férias	15	(5,3)
Outros	32	(11,3)
TOTAL	282	(100,0)

↳ interesse

Verificamos, assim, que 49,6% da população leu ou consultou apenas os itens obrigatórios da bibliografia. O percentual de alunos que ampliou esta leitura chegando a ler ou consultar também a bibliografia complementar foi de 32,3%.

A Tabela nº22 apresenta ainda um grupo de 11,3% de estudantes que assinalaram a alternativa "outros". A tabulação deste item permitiu verificar que 5,6% destes estudantes declararam ter lido apenas alguns dos itens obrigatórios, aqueles que consideraram essenciais ou mais interessantes. O interesse nas leituras indicadas parece ser um fator importante para este grupo na medida em que outros seis estudantes (2,1% deste grupo) declararam que a leitura da bibliografia básica variou conforme o interesse despertado pelos textos indicados.

Este interesse se manifesta igualmente na leitura de livros não indicados pelos professores, leitura esta feita por 66,3% dos alunos. Entretanto, 33,7% destes estudantes, não costuma ler livros não indicados pelos professores para complementar seus estudos, preparar trabalhos ou realizar seminários.

Procuramos verificar se o interesse por leituras não indicadas pelo professor apresentava algum relacionamento com o estágio de desenvolvimento do aluno no curso, ou seja, com o ano do curso freqüentado. Os dados apresentados na Tabela nº 23 foram gerados a partir do cruzamento destas duas variáveis: ano do curso e leitura de livros não indicados pelo professor para complementar os estudos.

TABELA Nº 23

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS QUE LÊM LIVROS COMPLEMENTARES POR ANO DE CURSO

LEITURA COMPLEMENTAR	ANO DO CURSO		1º		2º		3º		4º		5º		TOTAL	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Não faz	21	(38,2)	35	(58,4)	19	(30,6)	14	(25,6)	6	(12,5)	95	(34,0)		
Faz	34	(61,8)	25	(41,6)	43	(69,4)	41	(74,6)	42	(87,5)	185	(66,0)		
TOTAL	55	(100,0)	60	(100,0)	62	(100,0)	55	(100,0)	48	(100,0)	280	(100,0)		

Evidencia-se aqui que o maior porcentual de alunos que não faz leituras complementares é do 1º e 2º anos do curso. Entre os alunos de 3º, 4º e 5º anos os índices revelam maior freqüência dos que fazem leituras complementares. Cabe observar que a partir do 3º ano do curso, aumenta progressivamente o porcentual de alunos que fazem leituras complementares.

Parece-nos ainda interessante verificar se a leitura de textos complementares estaria relacionada a uma maior ou menor disponibilidade de tempo dedicado ao estudo e à leitura pelos estudantes. O cruzamento destas duas variáveis produziu os dados que apresentamos na Tabela nº 24.

TABELA Nº 24

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR TEMPO DEDICADO SEMANALMENTE AO ESTUDO E POSIÇÃO QUANTO À REALIZAÇÃO DE LEITURAS COMPLEMENTARES

TEMPO (HORAS)	LEITURA COMPLEMENTAR		SIM		NÃO		TOTAL	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Menos de 1	2	(100,0)	-	-	-	-	2	(100,0)
1 a 5	23	(52,3)	21	(47,7)	21	(47,7)	44	(100,0)
6 a 10	60	(59,4)	41	(40,6)	41	(40,6)	101	(100,0)
11 a 15	59	(74,7)	20	(25,3)	20	(25,3)	79	(100,0)
16 ou mais	41	(75,9)	13	(24,1)	13	(24,1)	54	(100,0)
TOTAL	185	(66,0)	95	(34,0)	95	(34,0)	280	(100,0)

O porcentual de estudantes que buscam leituras complementares aumenta à medida que se dilata o tempo dedicado ao estudo e à leitura, o que parece denotar que o aluno não vê, nas leituras que faz em função do curso, um caráter eminentemente obrigatório. Entretanto, o tempo dedicado ao estudo parece ser um fator relevante na realização destas leituras. Assim é que entre aqueles que dispõem de menos de 5 horas semanais para estudo e leitura, 52,3% fazem leituras para complementar os seus estudos enquanto entre aqueles que dedicam 16 horas ou mais este porcentual é de 75,9%.

O acesso ao material indicado pelos professores nas várias disciplinas do curso pareceu-nos um fator igualmente importante para os objetivos deste estudo. A Tabela nº 25 apresenta os dados referentes aos meios de que se valem os alunos para obterem a bibliografia recomendada.

TABELA Nº 25

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR MEIOS DE ACESSO À BIBLIOGRAFIA INDICADA NAS DISCIPLINAS DO CURSO

Por compra	48	(17,1)
Na biblioteca do IP	194	(69,0)
Em outra biblioteca da USP	5	(1,8)
Através de empréstimo de colega	12	(4,3)
Outros	22	(7,8)
TOTAL	281	(100,0)

Como se vê, o acesso à bibliografia indicada se faz, sobretudo, através de empréstimo da biblioteca do IP (69,0%). A obtenção através de compra é feita por apenas 17,1% dos alunos. A participação de outras bibliotecas da USP na obtenção da bibliografia básica é pouco significativa considerando o percentual alcançado (1,8%).

A obtenção da bibliografia indicada através de empréstimo da biblioteca do IP predomina nos cinco anos do curso e se mostra progressiva a partir do 1º ano conforme os dados apresentados na Tabela nº 26.

TABELA Nº 26

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR MEIOS DE ACESSO À BIBLIOGRAFIA INDICADA NAS DISCIPLINAS E ANO DO CURSO

OBTENÇÃO DA BIBLIOGRAFIA	ANO DO CURSO											
	1º		2º		3º		4º		5º		TOTAL	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Por compra	6	(11,1)	9	(15,0)	14	(22,2)	7	(12,7)	12	(24,5)	48	(17,1)
Na biblioteca do IP	36	(66,7)	42	(70,0)	42	(66,7)	43	(78,2)	31	(63,3)	194	(69,0)
Em outra biblioteca da USP	1	(1,9)	3	(5,0)	0	(0,0)	1	(1,8)	0	(0,0)	5	(1,8)
Através de empréstimo de colega	4	(7,4)	5	(8,3)	1	(1,6)	1	(1,8)	1	(2,0)	12	(4,3)
Outros	7	(13,0)	1	(1,7)	6	(9,5)	3	(5,5)	5	(10,2)	22	(7,8)
TOTAL	54	(100,0)	60	(100,0)	63	(100,0)	55	(100,0)	49	(100,0)	281	(100,0)

Através da Tabela nº 26 podemos observar que o acesso à bibliografia através da biblioteca é predominante nos cinco anos do curso descrecendo apenas no 5º ano quando o porcentual registrado para compra nesse ano atinge o mais alto índice (24,5%). A obtenção do material bibliográfico através da compra mostra-se crescente do 1º ao 3º ano. No 4º ano, entretanto, o índice de compra cai, sendo curioso notar que, neste ano, a obtenção do material através da biblioteca atinge o seu mais alto índice. (78,2%)

O acesso à bibliografia através de empréstimo de colegas é, no geral, pouco significativo tendo em vista o porcentual alcançado (4,3%). Entretanto, observamos que esse meio de acesso é maior nos dois primeiros anos do curso.

TABELA Nº 27

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR MEIOS DE ACESSO À BIBLIOGRAFIA INDICADA NAS DISCIPLINAS DO CURSO E FAIXA DE RENDA (EM SALÁRIOS MÍNIMOS)

ACESSO À BIBLIOGRAFIA	RENDA FAMILIAR										TOTAL	
	De 1 a 5SM		De 6 a 10SM		De 11 a 15SM		De 16 a 20SM		Mais de 20SM			
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Por compra	4	(22,2)	1	(8,3)	10	(15,2)	13	(20,3)	18	(15,2)	46	(16,7)
Na biblioteca do IP	9	(50,0)	8	(66,7)	47	(71,2)	43	(67,2)	83	(72,2)	190	(69,1)
Em outra biblioteca da USP da USP	-	-	1	(8,3)	3	(4,5)	1	(1,6)	-	-	5	(1,8)
Através de empréstimo de colega	3	(16,7)	-	-	3	(4,5)	2	(3,1)	4	(3,5)	12	(4,4)
Outros	2	(11,1)	2	(16,7)	3	(4,5)	5	(7,8)	10	(8,7)	22	(8,0)
TOTAL	18	(100,0)	12	(100,0)	66	(100,0)	64	(100,0)	115	(100,0)	275	(100,0)

A Tabela nº 27 resultou do cruzamento de duas variáveis: acesso à bibliografia e renda familiar. Os dados permitem observar que a obtenção do material através da biblioteca do IP é o meio prioritário, independentemente da faixa de renda familiar a que pertença o aluno. A compra apresenta-se como uma segunda alternativa no acesso à bibliografia sobretudo entre os alunos pertencentes a famílias com renda mensal superior a 11 salários mínimos. Estes alunos são os que compram o material indicado mas são também os que mais se valem da biblioteca do IP para emprestar o material.

Entre os alunos representados na faixa de renda familiar de 1 a 5 SM o acesso ao material se faz sobretudo através de empréstimo da biblioteca do IP.

Considerando o alto percentual alcançado pela obtenção da bibliografia indicada através da biblioteca do IP torna-se oportuno indagar sobre os tipos de materiais que utilizam com maior frequência durante o curso.

TABELA Nº 28

TIPOS DE MATERIAIS UTILIZADOS COM MAIOR FREQUÊNCIA PELOS ALUNOS DO
CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP

TIPO DE MATERIAL UTILIZADO	F
Dicionários	17
Enciclopédias	2
Livros didáticos em português	267
Livros didáticos estrangeiros	37
Revistas especializadas brasileiras	11
Revistas especializadas estrangeiras	11
Teses, Dissertações	35
"Abstracts"	2
Outros	8

Verificamos através da leitura da Tabela nº 28 o destaque conferido pelos alunos ao livro didático em português, como o material a que recorre com maior frequência (267 citações) durante o curso de graduação. Ainda que se valha também do livro didático estrangeiro, o faz com bem menor frequência (37 citações). A leitura de teses e dissertações obteve uma frequência de 35 citações, total bastante semelhante àquele alcançado pelos livros didáticos estrangeiros (37 citações). Considerando a preferência, na procura, pelos livros didáticos em português entre os estudantes, faz-se oportuno aqui abordar os dados relativos à compreensão de outros idiomas, além do português, entre os alunos.

TABELA Nº. 29

CONHECIMENTO DE IDIOMAS PARA A LEITURA DE
TEXTOS ESPECÍFICOS NA ÁREA PELOS ALUNOS
DO CURSO DE PSICOLOGIA DO IP/USP

N= 282

IDIOMAS	F
Inglês	163
Alemão	8
Espanhol	198
Francês	38
Outros	16

Os dados apresentados na tabela acima revelam que, o espanhol é o idioma mais apontado (198 citações) quanto à compreensão para a leitura de textos de Psicologia, entre os estudantes. A compreensão do idioma inglês é alcançada por 163 alunos da população. Este dado é em parte confirmado pelo fato de já termos observado anteriormente que 19,2% dos alunos frequentam atualmente cursos de língua estrangeira, dos quais, 12,5% mencionam cursos de língua inglesa.

O cultivo da leitura exige a existência de condições ambientais que favoreçam a sua prática, quer seja no ambiente escolar ou de residência. Ao indagar sobre a existência ou não dessas condi-

ções entre os ^{estudantes} estudados pesquisados verificamos que 87,2% declararam dispor de condições favoráveis à leitura no seu ambiente familiar ou de residência. A falta de privacidade, silêncio ou iluminação adequada são fatores que prejudicam a prática da leitura e foram apontados por 12,8% de nossa população (36 sujeitos).

A leitura, enquanto atividade incorporada aos hábitos de vida da pessoa, não tem seu aprendizado introduzido de forma compulsória. Ao contrário, é algo que faz parte dos padrões culturais de determinado meio, comunidade ou país. É, portanto, uma atividade que tem seu início no próprio núcleo de educação informal que é a família. A escola às vezes contribui para sedimentar o seu cultivo mas a leitura tem, no meio familiar a sua maior fonte de incentivo.

Diante dessas considerações julgamos conveniente indagar aos alunos sobre a frequência da atividade de leitura entre os membros de sua família. A tabulação dos dados revelou que entre 45,6% destes estudantes a leitura entre os membros da família é uma atividade freqüente enquanto 22,8% declararam ser esta leitura muito freqüente. O cultivo da leitura na família mostrou-se pouco freqüente entre 26,0% e raro entre 16 estudantes (5,7% da população).

A Figura nº 2 apresenta a frequência da atividade de ler entre os membros das famílias dos sujeitos da nossa pesquisa.

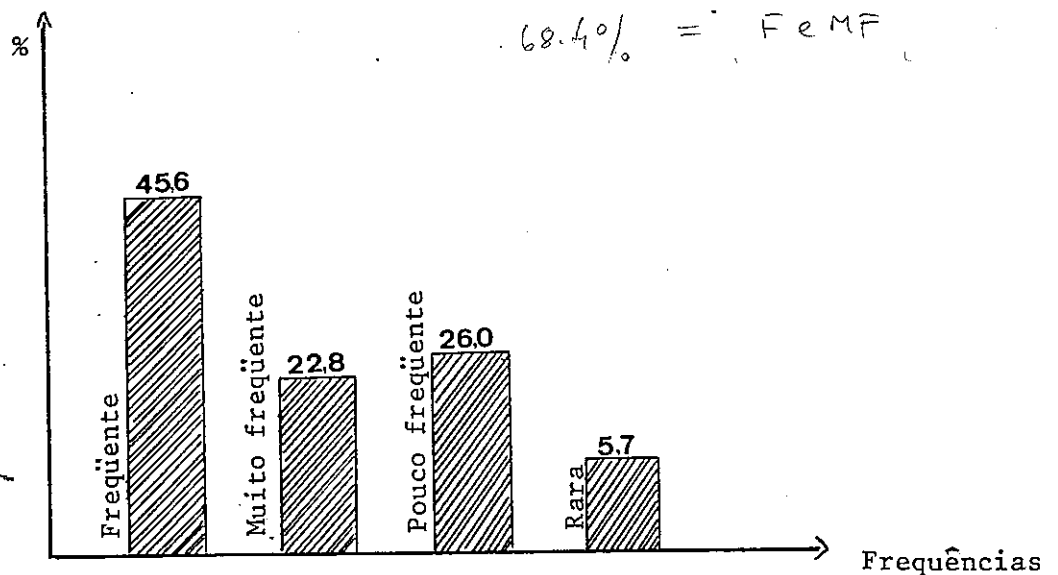


FIGURA Nº 2 — FREQUÊNCIA DA LEITURA NA FAMÍLIA

Procedemos à relação entre freqüência da atividade de leitura entre os membros da família e o nível de escolaridade dos pais, o que nos possibilitou extrair os resultados apresentados na Tabela nº 30.

TABELA Nº 30
DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE MATERNA E FREQUÊNCIA DA LEITURA ENTRE OS MEMBROS DA FAMÍLIA

ESCOLARIDADE MATERNA	LEITURA									
	MUITO FREQUENTE		FREQUENTE		POUCO FREQUENTE		RARA		TOTAL	
	F	Z	F	Z	F	Z	F	Z	F	Z
Até o ginásial	11	(11,8)	31	(33,3)	41	(44,1)	10	(10,8)	93	(100,0)
Colegial	20	(20,6)	51	(52,6)	23	(23,7)	3	(3,1)	97	(100,0)
Superior incompleto	3	(50,0)	3	(50,0)	-	-	-	-	6	(100,0)
Superior completo	29	(35,0)	42	(50,6)	9	(10,8)	3	(3,6)	83	(100,0)
TOTAL	63	(22,6)	127	(45,5)	73	(26,2)	16	(5,7)	279	(100,0)

Observamos que entre as famílias cuja escolaridade materna alcança no máximo até o curso ginásial (1º grau) a leitura entre os membros da família é pouco freqüente (44,1%) notando-se que à medida que este nível de escolaridade ascende, também aumenta o interesse na leitura no núcleo familiar. É o que constatamos, por exemplo, ao verificar que em 85% das famílias onde a escolaridade materna é de nível superior completo, a prática da leitura é freqüente (50%) ou muito freqüente (35%).

A Tabela nº31 apresenta os dados obtidos através do cruzamento das variáveis "nível de escolaridade do pai" e "freqüência da leitura entre os membros da família".

TABELA Nº 31

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE PATERNA E FREQUÊNCIA DA LEITURA ENTRE OS MEMBROS DA FAMÍLIA

ESCOLARIDADE PATERNA	LEITURA									
	MUITO FREQUENTE		FREQUENTE		POUCO FREQUENTE		RARA		TOTAL	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Até o ginásial	14	(17,7)	27	(34,2)	30	(38,0)	8	(10,1)	79	(100,0)
Colegial	6	(12,8)	23	(48,9)	16	(34,0)	2	(4,3)	47	(100,0)
Superior incompleto	1	(8,3)	7	(58,3)	4	(33,3)	-	-	12	(100,0)
Superior completo	43	(30,5)	71	(50,4)	23	(16,3)	4	(2,8)	141	(100,0)
TOTAL	64		128		73		14		279	(100,0)

A análise descrita anteriormente também se estende aos dados acima apontados. Entre as famílias cuja escolaridade paterna alcança no máximo até o curso ginásial (1º Grau) a leitura é frequente entre 34% dos membros da família e pouco frequente entre 38,0%. No entanto, 81% das famílias onde a escolaridade paterna é de nível superior completo, a prática da leitura é muito frequente.

3. Leitura e lazer

1. Qual o tempo de que dispõem para o lazer?

A leitura ainda é considerada entre nós uma prática sofisticada e muito relacionada à existência de tempo livre, ou seja, só há leitura onde há tempo do qual o indivíduo possa dispor para utilizar em atividades de seu próprio interesse.

Nesse sentido, pareceu-nos de interesse verificar o número de horas semanais de que dispõe, em média, o estudante de Psicologia, para o lazer, ou seja, para realizar atividades de livre escolha. O lazer é definido, nos dias de hoje, sobretudo, "por oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana. É, antes de tudo, um tempo criativo ou não, no qual o indivíduo escolhe uma atividade, através de critério prioritário, o do seu interesse pessoal." (DUMAZEDIER, 1980, p.108,109)

A Tabela nº 32 apresenta a distribuição da população segundo o tempo médio semanal de lazer.

TABELA Nº 32

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR TEMPO MÉDIO SEMANAL DEDICADO AO LAZER

TEMPO MÉDIO SEMANAL DE LAZER (EM HORAS)	F	(%)	% ACUM.
Menos de 1	3	(1,1)	(1,1)
De 1 a 7	57	(20,4)	(21,4)
De 8 a 14	79	(28,2)	(49,6)
De 15 a 21	74	(26,4)	(76,1)
De 22 a 28	42	(15,0)	(91,1)
Mais de 28	25	(8,9)	(100,0)
TOTAL	280	(100,0)	

Observamos que 50% dos alunos dispõem no mínimo de 14 horas semanais para o lazer, 26,4% dispõem de 15 a 21 horas e os 24% restantes dispõem de mais de 21 horas de lazer semanal. Os estudantes por nós pesquisados dispõem, em média, de 15 horas semanais para lazer.

No sentido de verificar uma possível relação entre o tempo que o aluno dispõe para lazer e o ano do curso que frequenta, cruzamos estas duas variáveis que produziram a tabela que abaixo transcrevemos.

TABELA Nº 33

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR TEMPO MÉDIO SEMANAL DEDICADO AO LAZER E ANO DO CURSO DE PSICOLOGIA

ANO DO CURSO	HORAS DE LAZER		MENOS DE 7 HORAS		8 A 14 HORAS		15 A 21 HORAS		MAIS DE 22 HORAS		TOTAL	
	F	Z	F	Z	F	Z	F	Z	F	Z	F	Z
	1º ano	8	(14,5)	12	(21,8)	15	(27,3)	20	(36,4)	55	(100,0)	
2º ano	14	(23,3)	18	(30,0)	13	(21,7)	15	(25,0)	60	(100,0)		
3º ano	15	(24,2)	18	(30,0)	14	(22,6)	15	(24,2)	62	(100,0)		
4º ano	15	(27,3)	15	(27,3)	16	(29,1)	9	(16,4)	55	(100,0)		
5º ano	8	(16,7)	16	(32,3)	16	(33,3)	8	(16,7)	48	(100,0)		
TOTAL	58	(20,7)	79	(28,2)	74	(26,4)	67	(24,0)	280	(100,0)		

Nota: Porcentuais extraídos por total de alunos em cada ano do curso. 54,6%

É possível verificar que entre os alunos localizados na maior faixa de tempo para lazer (mais de 21 horas), o percentual mais alto é representado por alunos do 1º ano (36,4%) com diferenças significativas para os dos demais anos na mesma faixa de tempo.

Constatamos, através da leitura da Tabela nº 33 que 24% da população está representada na faixa de maior tempo médio semanal para lazer (mais de 22 horas semanais). Dentre estes alunos 17,8% cur

sam do 1º ao 3º ano e apenas 6,1% frequentam o 4º e 5º anos.

Assim, a maior parte dos alunos (54,6%) está representada na faixa entre 8 e 21 horas de tempo médio semanal de lazer. Entre estes, é maior o número de alunos que frequentam os primeiros anos do curso (17,6% do 1º ano; 20,3% do 2º ano e 21% do 3º ano).

A tabulação dos dados obtidos pelas respostas à questão de número 5 nos permitiu conhecer os tipos de atividades que os estudantes de nossa população preferem desenvolver nas suas horas de lazer.

TABELA Nº 34

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR TIPO DE ATIVIDADE PREFERIDA NO LAZER

ATIVIDADE PREFERIDA NO LAZER	F	[%]
Esportivas	32	(11,4)
Manuais	5	(1,8)
Intelectuais	43	(15,3)
Artísticas	52	(18,5)
Sociais	110	(39,1)
Descansar	12	(4,3)
Ver TV	12	(4,3)
Outra	15	(5,3)
TOTAL	281	(100,0)

Verificamos, à tabela acima, que 39,1% de nossa população prefere a prática de atividades sociais, configuradas em reuniões, visitas, conversas e jogos de salão entre outros. Após as atividades sociais, a preferência dos alunos se divide em três outras atividades de interesse: artísticas (18,5%); intelectuais (15,3%) e esportivas (11,4%).

A Tabela nº 34 permite verificar ainda que descansar e ver TV contaram respectivamente com 8,6% de preferência entre os alunos, enquanto apenas 1,8% declarou praticar atividades manuais em suas horas de lazer.

As atividades que obtiveram a preferência dos estudantes nas suas horas de lazer acham-se representadas na Figura nº 3.

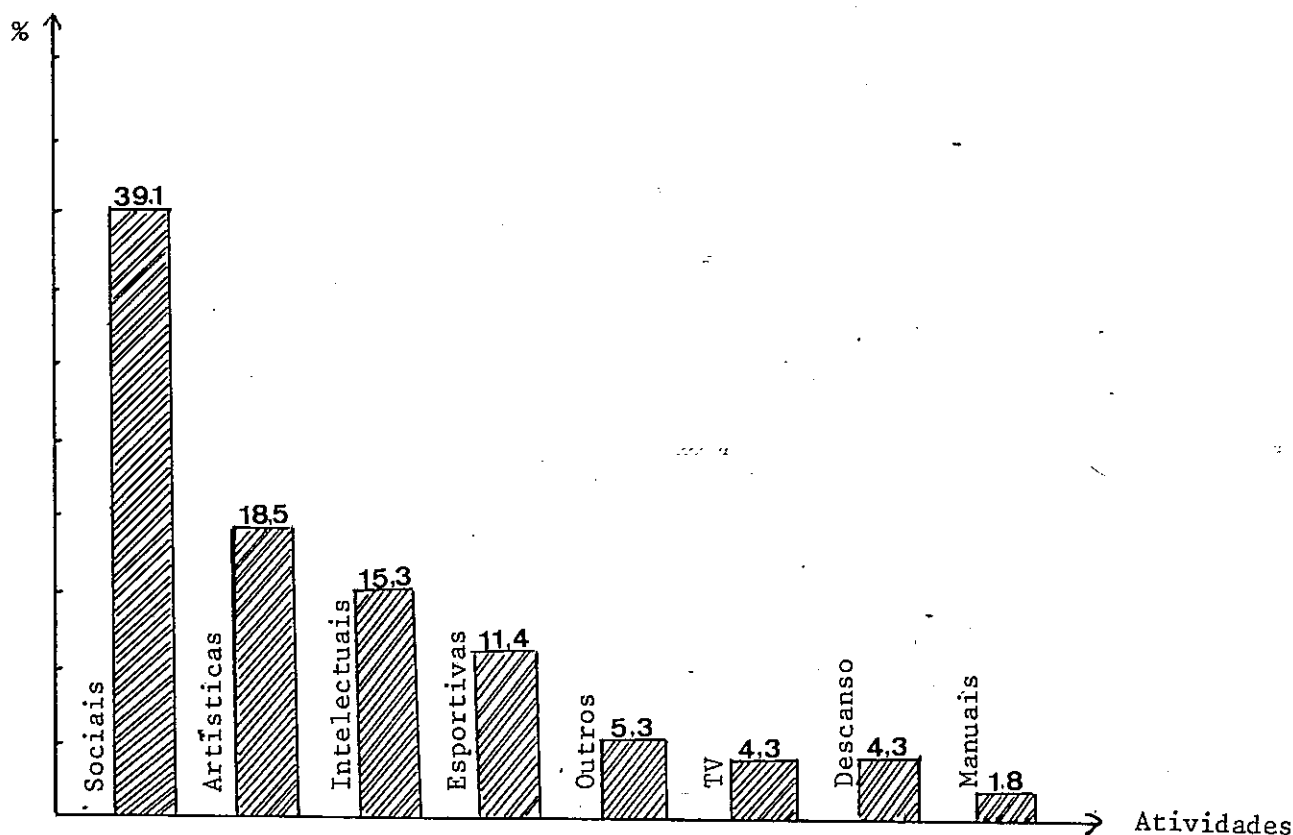


FIGURA Nº 3 — ATIVIDADES PREFERIDAS NO LAZER

Consideramos de interesse cruzar as variáveis "tempo dedicado ao lazer" e "atividade preferida no lazer" para indagar se alguma destas atividades se apresentaria associada a uma maior ou menor disponibilidade de tempo. A tabela abaixo mostra a tabulação dos dados obtidos.

TABELA Nº 35

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR ATIVIDADE PREFERIDA NO LAZER POR TEMPO MÉDIO SEMANAL DEDICADO AO LAZER

TEMPO PARA LAZER (EM HORAS)	ATIVIDADE PREFERIDA NO LAZER														TOTAL	
	ESPORTIVAS		MANUAIS		INTELECTUAIS		ARTÍSTICAS		SOCIAIS		DESCANSAR		OUTROS			
	F	Z	F	Z	F	Z	F	Z	F	Z	F	Z	F	Z	F	Z
Menos de 7	6	(2,1)	2	(0,7)	16	(5,7)	7	(2,5)	21	(7,5)	4	(1,4)	4	(1,4)	60	(21,4)
De 8 a 14	7	(2,5)	2	(0,7)	9	(3,2)	18	(6,4)	29	(10,4)	12	(4,3)	2	(0,7)	79	(28,2)
De 15 a 21	10	(3,6)	-	-	9	(3,2)	14	(5,0)	28	(10,0)	7	(2,5)	6	(2,1)	74	(26,4)
Mais que 22	8	(2,9)	1	(0,4)	9	(3,2)	13	(4,6)	32	(11,4)	1	(0,4)	3	(1,1)	67	(23,9)
TOTAL	31	(11,1)	5	(2,0)	43	(15,0)	52	(18,6)	110	(39,3)	24	(8,6)	15	(5,4)	280	(100,0)

Dentre os alunos que declararam preferência em desenvolver atividades intelectuais no lazer (43 alunos, ou seja, 15% da população), 58% (25 dentre os 43 alunos) dispõem, em média, de menos de 14 horas semanais para o lazer.

As atividades esportivas tiveram maior índice de preferência entre aqueles estudantes que dispõem de 8 a 21 horas semanais de lazer (17 entre 31 estudantes) assim como as atividades artísti-

livros de f	---	38
" de Fil.	..	8
" Religiosos	...	3
Ficção		11
Livros em geral		11
Outros		10
		<u> </u>
		T 81

↳ Livros diversos, Fotografia, livros em inglês, livros planejados com maior interesse no mof. 1. Peças de teatro
 Livros de vários estilos, outros livros
 Trabalhos técnicos, Tudas (~ peças e publicações)

cas e sociais também apresentaram índices mais altos entre os estudantes representados nas faixas de mais tempo para lazer semanal (15 a 21 horas e mais de 22 horas semanais).

Ver TV e descansar parece ser uma atividade mais apreciada entre os estudantes que contam com menos horas para o lazer. A Tabela nº 36 nos mostra que entre 24 estudantes que preferem descansar ou ver TV, 16 deles dispõem de menos de 14 horas semanais de lazer.

Dentre aqueles que declararam preferir outras atividades, que não as mencionadas, no lazer, num total de 15 alunos, destacamos as atividades viajar, passear e namorar. Três alunos declararam igual preferência por todas as atividades mencionadas.

Quanto à prática da leitura nas horas de lazer, 92% de nossa população afirmou dedicar habitualmente algum tempo a essa leitura. *ou 99,6%*

A tabela abaixo apresenta os tipos de leitura que fazem com maior frequência no lazer.

TABELA Nº 36

DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE LEITURA FEITOS COM MAIOR FREQUENCIA
NO LAZER PELOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP

TIPOS DE LEITURA	(N = 281) F
Jornais	147
Revistas de atualidades	141
Revistas em quadrinhos	17
Revistas de esportes	7
Livros de ficção	136
Livros policiais	21
Poesias	48
Outros	21 → 81

Nota: podia ser indicado mais de um tipo de leitura

Observou-se que a maior parte das citações recaiu na leitura de jornais (147) seguida por revistas de atualidades (141 citações) e livros de ficção com 136 citações.

Tendo em vista o índice ^{81 páginas} relativamente significativo registrado na alternativa "outros" julgamos necessário fazer aqui algumas considerações sobre as respostas registradas neste item.

Dentre estas respostas chamou-nos a atenção que 38 alunos deste grupo declararam ler livros de Psicologia no lazer sendo que 11 destes alunos enfatizaram tratar-se de livros de psicologia "selecionados por interesse próprio" e, portanto, "não indicados pelo curso". As demais respostas distribuíram-se entre as opções por livros de Filosofia (8 alunos), livros religiosos (3 alunos) e livros em geral (11 alunos). Alguns alunos preferiram especificar o gênero literário à classificação mais geral "livros de ficção" por nós utilizada. Estes alunos, em número de 11 declararam ler romances, o que, neste sentido, aumenta o número de 136 citações — registrado na Tabela nº 36 para ficção — para 147 citações.

Pareceu-nos de interesse ainda, analisar se estas preferências se manteriam levando-se em consideração a variável sexo. Os dados, resultantes do cruzamento das variáveis são apresentados nas Tabelas nº 37, 38 e 39.

TABELA Nº 37

DISTRIBUIÇÃO, POR SEXO, DA LEITURA DE JORNAIS, ENTRE OS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP

SEXO	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	(N=59=100%)		(N=221=100%)			
LEITURA DE JORNAIS	F	%	F	%	F	%
Não lêem	20	(33,9)	114	(51,6)	134	(47,9)
Lêem	39	(66,1)	107	(48,4)	146	(52,1)
TOTAL	59	(100,0)	221	(100,0)	280	(100,0)

TABELA Nº 38

DISTRIBUIÇÃO, POR SEXO, DA LEITURA DE REVISTAS DE ATUALIDADES ENTRE OS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP

LEITURA DE REVISTAS DE ATUALIDADES	SEXO	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
		(N=59=100%)		(N=221=100%)			
		F	%	F	%	F	%
Não lêem		35	(59,3)	105	(47,5)	140	(50,0)
Lêem		24	(40,7)	116	(52,5)	140	(50,0)
TOTAL		59	(100,0)	221	(100,0)	280	(100,0)

TABELA Nº 39

DISTRIBUIÇÃO, POR SEXO, DA LEITURA DE LIVROS DE FICÇÃO ENTRE OS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP

LEITURA DE LIVROS DE FICÇÃO	SEXO	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
		(N=59=100%)		(N=221=100%)			
		F	%	F	%	F	%
Não lêem		31	(52,5)	114	(51,6)	145	(51,8)
Lêem		28	(47,8)	107	(48,4)	135	(48,2)
TOTAL		59	(100,0)	221	(100,0)	280	(100,0)

A leitura de jornais mostrou-se mais freqüente entre os rapazes (66,1%) do que entre as moças (48,4%). Já as revistas de atualidades obtiveram maior índice de leitura entre as moças (52,5%); para os rapazes este índice foi de 40,7%.

A leitura de livros de ficção apresentou acentuado interesse tanto entre os sujeitos do sexo masculino (47,8%) quanto entre os do sexo feminino (48,4%), com diferença entre ambos pouco significativa. O mesmo podemos dizer quanto à leitura de poesias. Ainda que realizada por apenas 48 alunos, esta leitura desperta igual interesse entre os dois sexos (16,9% para os rapazes e 16,7% entre as moças. Os demais tipos de leitura, ainda que assinalados, apresentaram pequenos índices de preferência entre os alunos, conforme demonstra a Tabela nº 36.

Considerando a natureza do material lido com maior frequência no lazer pelos estudantes, qual seja, jornais, revistas de atualidades e livros de ficção e tendo conhecimento de que este material não é prioritário na política de aquisições das bibliotecas da universidade, pareceu-nos de interesse indagar por que meios os estudantes teriam acesso a este material que utilizam nas horas de lazer. Constatamos que a obtenção destas leituras se faz, sobretudo através de compra. De um total de 273 alunos, 49,5% declararam adquirir o material. O empréstimo de amigos e o fato de possuir o material em casa foram alternativas assinaladas por 18,3% e 17,6% respectivamente. As bibliotecas têm uma participação pequena no acesso a este material pois apenas 8,6% declararam obter a maior parte desse material através de empréstimo de bibliotecas. Apenas 2,5% dos alunos declarou ler apenas o que encontra por acaso, não tendo qualquer programa para as leituras efetuadas nas horas de lazer.

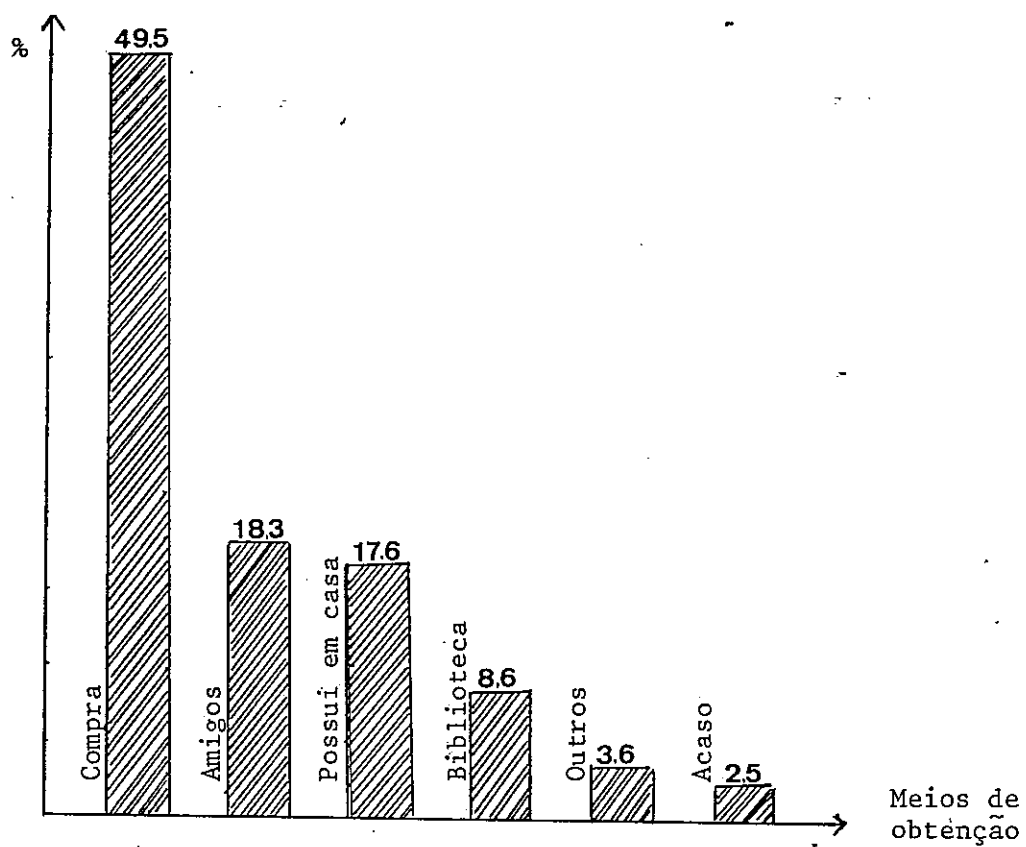


FIGURA Nº 4 — OBTENÇÃO DA LEITURA DE LAZER

Visando um maior esclarecimento desta questão resolvemos indagar sobre uma possível relação entre as formas de obtenção do material selecionado com preferência para leitura no lazer e a renda familiar destes estudantes.

TABELA Nº 40

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR RENDA FAMILIAR E MEIOS DE ACESSO À LITERATURA DE LAZER

RENDA FAMILIAR (EM SALÁRIOS MÍNIMOS)	FORMAS DE ACESSO AO MATERIAL													
	COMPRA		EMPRESTA DE AMIGOS		POSSUI EM CASA		EMPRESTA DE BIBLIOTECAS		ENCONTRA POR ACASO		OUTRO		TOTAL	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
1 a 5	5	(29,4)	5	(29,4)	1	(5,9)	4	(23,5)	-	-	2	(11,8)	17	(100,0)
6 a 10	4	(30,8)	6	(46,2)	-	-	1	(7,7)	1	(7,7)	1	(7,7)	13	(100,0)
11 a 15	28	(43,8)	15	(23,4)	8	(12,5)	10	(15,6)	1	(1,6)	2	(3,1)	64	(100,0)
16 a 20	34	(53,1)	9	(14,1)	12	(18,8)	6	(9,4)	1	(1,6)	2	(3,1)	64	(100,0)
Mais de 20	64	(55,7)	14	(12,2)	28	(24,3)	3	(2,6)	3	(2,6)	3	(2,6)	115	(100,0)
TOTAL	135	(49,5)	49	(17,9)	49	(17,9)	24	(2,2)	6	(3,7)	10	(3,7)	273	(100,0)

Nota: Os percentuais foram calculados sobre o total de sujeitos em cada uma das faixas de renda.

Foi possível constatar que os índices para acesso ao material através de compra se elevam à medida em que igualmente ascende a faixa de renda familiar. A partir da faixa de renda que abrange de 11 a 15 salários mínimos, a obtenção através de compra supera todos os outros meios de acesso ao material.

Os estudantes que integram a faixa de renda de 6 a 10 SM são os que mais se valem do empréstimo de material através de amigos. Este recurso é pouco utilizado (apenas 12,2% o fazem) entre os estudantes de renda familiar superior a 20 salários. Vale acrescentar que entre aqueles pertencentes a famílias com renda familiar de 1 a 5 sa

lários é igual o índice de obtenção através de compra e através de amigos (29,4%).

A Tabela nº 40 revela que a posse de livros aumenta na razão direta da elevação na faixa de renda. O índice de estudantes que possuem, em sua própria casa, a leitura de lazer preferida, é maior entre aqueles que pertencem a famílias com renda entre 16 e mais de 20 SM.

Entre os que dispõem de renda familiar entre 1 e 5 SM o índice para "possui em casa" é pouco significativo (5,9% apenas) e entre os que contam com renda familiar entre 6 e 10 SM o índice é zero. Verificamos, assim, que a posse de material para leitura no lazer está bastante relacionada ao fator renda familiar. Por outro lado, a participação de bibliotecas no atendimento à leitura de lazer entre estes universitários é mínima (2,2%) sendo, portanto, pouco significativa.

A leitura de livros de ficção por 48,4% dos estudantes de Psicologia (N=281) pode ser comparada à Tabela nº 41 construída a partir do registro feito pelos alunos quanto ao último livro cuja leitura realizaram em função de interesse pessoal (Questão nº 8). Apresenta-se com destaque a literatura de ficção entre as leituras realizadas por livre vontade e em função de interesse pessoal, configurando, portanto, uma opção no lazer. Vale ressaltar que, na Tabela nº 41, os percentuais para literatura brasileira e estrangeira somam 64,7% do total de livros lidos.

Ver p. 8 (Verso)

34 alunos leram em set.	(12.4%)
100 alunos leram em out.	(36.5%)
34 " " " nov.	(12.4%)



A maior parte (61.3%) leu seu último livro no lugar
no próprio mês. da pesquisa ou nos 2 meses anteriores

TABELA Nº 41

DISTRIBUIÇÃO, POR GÊNERO LITERÁRIO, DOS LIVROS LIDOS NO LAZER PELOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO -IP/USP

GÊNERO LITERÁRIO	F	%
Literatura brasileira	43	(15,7)
Literatura estrangeira	134	(49,0)
Ensaíes	25	(9,1)
Livros didáticos, paradidáticos e de informação científica	72	(26,2)
TOTAL	274	(100,0)

Constatamos que a prosa ^{de ficção} é o gênero literário mais apreciado pelos alunos constituindo 14,6% do total de leituras da literatura brasileira e 42,4% da literatura estrangeira. Tanto a literatura brasileira quanto a estrangeira estão representadas entre os alunos sobretudo pelos romances clássicos e modernos, estes últimos através de traduções para o português.

No que diz respeito aos livros didáticos, paradidáticos e de informação científica verificamos que destas obras 17,8% pertencem ao campo da psicologia e da psicanálise.

Ao final deste trabalho, em anexo, incluímos a relação de livros referentes à Tabela nº 41.

A última leitura de lazer foi concluída no 2º semestre de 1984 (julho a novembro) por 91,6% dos estudantes e apenas 8,4% destes a concluíram no 1º semestre daquele ano.

Procuramos também indagar sobre as fontes que estes alunos utilizaram quando da escolha do último livro que leram em função de interesse pessoal. Nosso objetivo era, desta forma, descobrir pos

síveis tendências ou fontes, mais ou menos constantes, de que os alunos talvez se valessem na escolha de livros para leitura de lazer.

Nesse sentido verificamos que 33,0% destes estudantes fizeram suas escolhas com base em sugestão de amigo enquanto 13,5% já possuíam a obra em casa. A Tabela nº42 demonstra que o percentual de estudantes que assinalaram a alternativa "outros" foi de 26,5%.

TABELA Nº 42

MOTIVOS DE ESCOLHA NA LEITURA DO ÚLTIMO LIVRO LIDO PELOS ALUNOS NO LAZER

MOTIVOS DE ESCOLHA	F	%
Sugestão de amigo	92	(33,0)
Recomendação de professor	19	(6,8)
Sugestão de membro da família	23	(8,2)
Divulgação em jornal	12	(4,3)
Propaganda na TV	1	(0,4)
Seleção ao acaso em livraria	13	(4,7)
Seleção em biblioteca	10	(3,6)
Já o tinha em casa	35	(12,5)
Outro	74	(26,5)
TOTAL	279	(100,0)

escolha independente de outro

interesse pelo autor
" " assunto

A tabulação da alternativa outros revelou que entre estes 74 alunos predominou a escolha do livro em função do interesse pelo autor (25,7%) ou pelo assunto (23,0%). Outros 5 estudantes (6,8%) declararam ter lido o livro em decorrência de comentários feitos no curso. A Tabela nº43 aponta as várias fontes de sugestão na leitura de livros feita pelos alunos.

TABELA Nº 43

MOTIVOS DE ESCOLHA NA LEITURA DO ÚLTIMO LIVRO LIDO NO LAZER PELOS ALUNOS

MOTIVOS DE ESCOLHA	F	%
Interesse pelo autor	19	(25,7)
Interesse pelo assunto	17	(23,0)
Crítica favorável ao livro	3	(4,0)
Comentários sobre o livro	4	(5,4)
Comentários feitos no curso	5	(6,8)
Ganhou de presente	5	(6,8)
Divulgação em revista	3	(4,0)
Citação em outro livro	2	(2,7)
Divulgação na TV	2	(2,7)
Sugestão de amigo	2	(2,7)
Outros	12	(16,2)
TOTAL	74	(100,0)

→ independentes

4. Biblioteca e Leitura

A atividade de leitura, ainda que constitua um processo individual, depende para a sua continuidade do apoio oferecido pela estrutura social à promoção, incentivo e sustentação da prática da leitura em nosso meio. Neste sentido, a biblioteca ocupa lugar de destaque na contribuição que pode prestar ao ensino e à consolidação e disseminação da leitura.

Procuramos formular aos participantes de nossa pesquisa, questões relativas à sua experiência com bibliotecas em geral e, em particular, com a biblioteca do Instituto de Psicologia, à qual se acham mais diretamente ligados, em função do próprio curso que realizam.

Assim, iniciaremos a descrição dos dados referentes a este tópico, com a apresentação da frequência do uso da biblioteca do IP pelos alunos do curso de graduação.

- TABELA Nº 44

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO
POR FREQUÊNCIA NO USO DA BIBLIOTECA DO IP/USP

FREQUÊNCIA À BIBLIOTECA	Nº DE ALUNOS	(%)	% ACUM
Diariamente	33	(11,7)	(11,7)
Mais de uma vez por semana	136	(48,2)	(59,9)
Semanalmente	66	(23,4)	(83,3)
Quinzenalmente	17	(6,0)	(87,9)
Mensalmente	13	(4,6)	(94,0)
Raramente ou nunca	17	(6,0)	(100,0)
TOTAL	282	(100,0)	

Verificamos que do total de alunos que responderam à ques

tão, 48,2% frequentam a biblioteca mais de uma vez por semana enquanto 23,4% destes alunos a frequentam semanalmente. Apenas 11,7% a procuram diariamente. É possível constatar, assim, que 83,3% dos alunos frequentam a biblioteca nas faixas de maior assiduidade enquanto 10,6% distribuem-se pelas frequências mais espaçadas (quinzenal e mensal). Apenas 6,0% dos alunos declararam raramente frequentar a biblioteca.*

Mostra-se oportuno indagar se esta maior ou menor frequência estaria relacionada ao tempo de que dispõem os alunos para estudo, leitura e elaboração de trabalhos.

TABELA Nº 45

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR TEMPO MÉDIO DEDICADO SEMANALMENTE AO ESTUDO E POR FREQUÊNCIA NO USO DA BIBLIOTECA DO IP/USP

TEMPO MÉDIO DEDICADO AO ESTUDO (HORAS POR SEMANA)	FREQUÊNCIA NO USO DA BIBLIOTECA							
	Diária e mais de uma vez por semana		Semanal e quinzenal		Mensal e rara		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Menos de 5 horas	22	(47,8)	15	(32,6)	9	(19,5)	46	(100,0)
De 6 a 18 horas	108	(60,0)	56	(31,1)	16	(8,9)	180	(100,0)
16 horas ou mais	39	(72,2)	11	(20,4)	4	(7,4)	54	(100,0)
TOTAL	169	(60,3)	82	(29,3)	23	(10,3)	280	(100,0)

Os dados apontam para um estreito relacionamento — nas faixas de maior assiduidade (diária e mais de uma vez por semana) — entre a frequência à biblioteca e o tempo disponível para estudo e leitura. A relação pode ser observada através da Tabela nº45 na qual verificamos que os percentuais de frequência à biblioteca aumentam na medida em que o tempo dedicado ao estudo e à leitura se amplia

* A frequência à biblioteca deve ser aqui compreendida como número de vezes que o estudante procura a biblioteca, independentemente do tempo que lá permanece e do motivo que o leva a procurá-la.

Exemplificando: verificamos que entre os alunos que estudam 16 horas ou mais por semana, 72,2% consultam a biblioteca no mínimo uma vez por semana e somente 7,4% a consultam mensalmente ou raramente. Entre os alunos que estudam menos de 5 horas por semana, 47,8% freqüentam a biblioteca no mínimo uma vez por semana enquanto 19,5% a freqüentam mensalmente ou raramente.

A freqüência dos alunos à biblioteca do Instituto de Psicologia nos parece, assim, bastante relacionada ao tempo que os alunos dispõem, em média, para dedicar ao estudo e à leitura.

Considerando o dado anteriormente mencionado de que 83,3% de nossa população frequenta a biblioteca do IP nas faixas de maior assiduidade, quais seriam os principais objetivos desses alunos em suas visitas à biblioteca? Que motivos os levariam a procurá-la freqüentemente?

Para estudar o comportamento de nossa população quanto aos motivos que os levam a frequentar a biblioteca usamos — conforme relatamos no capítulo referente à metodologia deste trabalho — a técnica do incidente crítico. Os dados apresentados na Tabela nº46 foram obtidos através da questão nº 16 dos questionários (Anexo A)

TABELA Nº 46

MOTIVO DE USO DA BIBLIOTECA DO IP/USP PELOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM SUA ÚLTIMA VISITA

MOTIVO DE USO	(N = 282 F)
Consultar material da biblioteca	87
Retirar ou devolver material por empréstimo	170
Tirar xerox	35
Verificar material novo da biblioteca	3
Estudar com material próprio	59
Estudar com colega	18
Fazer trabalho em grupo	12
Encontrar amigo(a)	15
Outro motivo	9

Nota: Podia ser indicado mais de um motivo.

Podemos concluir que os alunos estão constantemente buscando ou devolvendo material bibliográfico (170 citações), provavelmente em função da leitura dos textos indicados nas várias disciplinas do curso, ou seja, a bibliografia básica de consulta que, como verificamos anteriormente é lida por 49,6% de nossa população no que diz respeito aos itens obrigatórios.

Para a consulta de material existente no acervo da biblioteca, constatamos apenas 87 citações apontadas como o motivo que levou o aluno à biblioteca em sua última visita.

Os dados revelam que a respeito das limitações impostas pelo espaço físico da biblioteca, por ocasião desta pesquisa, e das condições pouco favoráveis à leitura que suas instalações proporcionavam, 59 estudantes, em sua última visita à biblioteca, a ela se dirigiram para estudar com material próprio. Vale lembrar aqui que apenas 36 estudantes de nossa população (12,8%) declararam não dispor de condições favoráveis ao estudo e à leitura no ambiente familiar.

A reprodução de textos através de cópia xerox assumiu proporção tal, a ponto de suscitar não poucos problemas entre autores, editores e bibliotecários, preocupados com a questão dos direitos autorais diante do comércio das coletâneas de textos transformados nas famosas apostilas.*

Entre os estudantes de nossa pesquisa constatamos que 35 alunos procuraram a biblioteca com a finalidade de "tirar xerox", número que julgamos relativamente baixo considerando a "popularidade" deste recurso no meio universitário, onde poucos estudantes iniciam a formação de sua biblioteca; ao contrário, ao se graduarem não sabem que fim ou arranjo dar à sua coleção de apostilas ou cópias xerox de capítulos.

Não nos surpreendeu o total de apenas 3 citações para o motivo "verificar material novo da biblioteca" uma vez que em 1984, ano em que realizamos a coleta de dados, não houve qualquer dotação

* Leia-se por exemplo as contribuições de Osman Lins e da Câmara Brasileira do Livro sobre o assunto, indicadas nas referências bibliográficas deste trabalho.

orçamentária para a compra de livros quer estrangeiros ou nacionais, estes últimos, conforme confirmamos em nossa pesquisa (ver Tabela nº 28) o material de maior interesse entre os estudantes do curso de graduação. Não havia, portanto, estímulo para procurar a biblioteca com a finalidade de examinar novos lançamentos.

O estudo partilhado ou mesmo a elaboração de trabalhos em grupo não se apresentaram como atividades para as quais a biblioteca colabore de forma expressiva. O total de 18 e 12 citações, respectivamente, não pareceu muito significativo diante do número total de estudantes pesquisados (282). Acreditamos que para tal também concorram fatores ligados às condições ambientais e às instalações da biblioteca, sobretudo no que diz respeito à inexistência de salas para estudo em grupo, fundamentais para que o estudante se sinta livre para trocar idéias com seus colegas sem gerar descontentamento entre aqueles outros que, estudando isoladamente, esperam encontrar na biblioteca, um ambiente de silêncio. Neste sentido verificamos que a biblioteca não constitui ponto de encontro entre os estudantes, como seria talvez desejável num ambiente universitário, próprio à troca de idéias.

↳ propósito

O número de estudantes que declararam ter procurado a biblioteca em sua última visita, com a finalidade de encontrar amigo(a) foi de apenas 15.

Não bastava apenas perguntar ao aluno o motivo de sua última visita à biblioteca mas indagar igualmente se a biblioteca conseguiu atendê-lo quando de sua última solicitação ou busca. Neste sentido, obtivemos um porcentual de 79,1% de respostas afirmativas, contra 20,9% da população que declarou não ter sido atendida em sua solcitação.

TABELA Nº 47

CAPACIDADE DA BIBLIOTECA DO IP/USP EM CORRESPONDER ÀS DEMANDAS DO CORPO DISCENTE DO CURSO DE GRADUAÇÃO, COM BASE EM SUA ÚLTIMA VISITA

ALUNO OBTVEU O QUE DESEJAVA	F	%
Sim	223	(79,1)
Não	59	(20,9)
TOTAL	282	(100,0)

A Tabela nº48 apresenta as dificuldades encontradas pelos alunos (n = 59) quando de sua última visita à biblioteca, e que os impediu de obterem o que desejavam.

TABELA Nº 48

DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO NO USO DA BIBLIOTECA DO IP/USP

DIFICULDADES	(N = 59) F
Barulho	10
Não encontrou lugar para sentar	2
Material que queria estava emprestado	24
Biblioteca não possui o material que desejava	30
Pessoal da biblioteca não atendeu bem	1
Horário de funcionamento não é conveniente	6
Outra dificuldade	11

Nota: Podia ser indicada mais de uma dificuldade.

Os dados indicam maior número de citações para as dificuldades relacionadas à coleção da biblioteca (não possuir o material solicitado ou o material estar emprestado) revelando, ao que parece, uma insuficiência no sentido de atender integralmente à demanda desta população. Considerando a natureza do trabalho desenvolvido pelo aluno na biblioteca, o barulho é, conseqüentemente, uma dificuldade de monta, apontada por 10 alunos entre os 59 não atendidos em sua última solicitação. Ao tabular as respostas assinaladas na alternativa "Outra dificuldade" constatamos que mais três alunos apontaram "barulho e calor" como impecilho no uso da biblioteca. Dentre as outras dificuldades encontradas destacamos a não circulação do material de interesse (apontada por três alunos) e a não localização de amigo que pensava encontrar na biblioteca (apontada por outros três alunos).

36

A Universidade de São Paulo conta com numeroso conjunto de bibliotecas, ~~35~~ das quais localizadas no próprio campus. É de se esperar, portanto, que os alunos da Universidade se valham dos recursos bibliográficos, disponíveis nessas bibliotecas, na medida de seus interesses e necessidades. A própria cidade de São Paulo oferece ainda outras opções ao estudante no que diz respeito a bibliotecas públicas, municipais, particulares ou mesmo de outras universidades do Estado.

Na Tabela nº 49 apresentamos o uso que o estudante de Psicologia faz de outros tipos de bibliotecas.

TABELA Nº 49

UTILIZAÇÃO DE OUTRAS BIBLIOTECAS PELOS ALUNOS DO CURSO DE
GRADUAÇÃO DO IP/USP (N = 159)

BIBLIOTECAS	(N = 150) F
Outras bibliotecas da USP	97
Biblioteca particular própria	42 - De 150 seria 28%
Biblioteca de empresa,	9
Biblioteca pública	36
Biblioteca de outra universidade	13
Outras	19

Nota: Podia ser indicado mais de um tipo de biblioteca. T = 216

42 seria 19,4%

Notamos que o uso de outras bibliotecas da USP predomina provavelmente em função da facilidade de acesso às bibliotecas localizadas no próprio campus e dos recursos que oferecem nas áreas interdisciplinares da Psicologia. Ainda assim, julgamos pequeno o uso que fazem desses acervos, na medida em que essas bibliotecas constituem uma opção para os estudantes resolverem alguns de seus problemas na busca de materiais. Um maior uso com certeza demandaria a concessão de um registro único ao estudante da USP, que lhe facilitaria o acesso a qualquer biblioteca da Universidade, sem o cumprimento de requisitos formais que demandam providências consideradas morosas e, portanto, inadequadas aos nossos dias.

Interessante notar a opção de 42 dos estudantes pela biblioteca familiar própria que, sem dúvida, possibilita um contato mais íntimo e pessoal do aluno com o livro, que nele registra seus comentários, assinala trechos de maior interesse, enfim dele se apósa no sentido de melhor apreender suas idéias.

(não podia ter colocado %
esta foi incluída: 19,4%)

A biblioteca pública foi apontada em 36 citações, provavelmente em função do acervo e espaço que algumas podem oferecer à comunidade de estudantes. A inexistência de uma rede de bibliotecas

escolares em nosso Estado praticamente alterou a função social destas bibliotecas públicas cuja população de usuários é hoje constituída sobretudo por colegiais de 1º e 2º Graus e, em menor proporção, por estudantes universitários (MILANESI, 1983, p.54)

A tabulação da alternativa "outras bibliotecas", assinada por 19 alunos revelou que estes estudantes se valem de bibliotecas de clubes, de Bancos com os quais talvez mantenham ligação através do trabalho de familiares, biblioteca do Centro Cultural Vergueiro, Biblioteca Mario de Andrade, entre outras.

Retornando à tabela verificamos que as bibliotecas de empresa e de outras universidades são pouco utilizadas pelos estudantes (respectivamente apenas 9 e 13 citações).

Conforme comentamos anteriormente o número de bibliotecas públicas e escolares em nosso Estado é pequeno para não dizermos mínimo. Os próprios dados oficiais sobre o assunto precisam ser vistos com cautela pois para fins estatísticos denomina-se biblioteca pública tanto um prédio com acervo e serviços organizados, quanto uma pequena sala de leitura com alguns livros ou mesmo um armário na sala do prefeito. Em função disto, o ensino em nosso meio se faz em geral sem o uso de bibliotecas. Não raro, o aluno chega à universidade e, pela primeira vez, vê-se na contingência de utilizar a biblioteca. Neste sentido, consideramos relevante para o nosso estudo, indagar sobre a experiência do estudante de Psicologia do IP/USP quanto ao uso de bibliotecas no período anterior ao curso universitário.

TABELA Nº 50

USO DE BIBLIOTECAS PELOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP
NO PERÍODO ANTERIOR AO CURSO UNIVERSITÁRIO

EXPERIÊNCIA PRÉVIA NO USO DE BIBLIOTECAS	Nº DE ALUNOS	(%)
Sim	204	(72,3)
Não	78	(27,7)
TOTAL	282	(100,0)

Os resultados apontam que 72,3% de nossa população já utilizava alguma biblioteca antes de iniciar seu curso superior. Entretanto, 78 estudantes (27,7%) declararam não contar com experiência anterior ao curso universitário, no uso de bibliotecas. Acreditamos que para estes estudantes a utilização dos recursos oferecidos pelas bibliotecas universitárias apresenta maiores dificuldades, agravadas pela ausência de cursos de orientação bibliográfica de caráter introdutório ao curso.

A Tabela nº 51 mostra os tipos de bibliotecas utilizadas pelos estudantes que declararam contar com experiência anterior ao curso universitário, no uso de bibliotecas (N = 208)

TABELA Nº 51

BIBLIOTECAS UTILIZADAS PELOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DO
DO IP/USP NO PERÍODO ANTERIOR AO CURSO UNIVERSITÁRIO

TIPOS DE BIBLIOTECA	(N = 208) F
Biblioteca pública	95
Biblioteca da própria escola secundária	109
Biblioteca da USP	10
Biblioteca particular própria	60
Outra biblioteca	24

Nota: Podia ser indicada mais de uma biblioteca.

Verificamos, assim, que 109 estudantes frequentaram escolas onde utilizavam suas bibliotecas. Os demais, conforme mencionamos anteriormente, valeram-se dos serviços oferecidos pelas bibliotecas públicas, atualmente voltadas para o atendimento da população estudantil. A participação das bibliotecas da USP, aqui incluídas em função do número, cada vez maior, de estudantes do 2º Grau que as procuram, registrou, para os alunos do curso de graduação do IP/USP, um baixo número de citações (10 alunos) e, por isso, pouco significativo.

A tabela aponta ainda para um total de 60 citações de alunos cuja experiência prévia no uso de bibliotecas incluiu a utilização de coleção particular própria. É preciso analisar este item com muita cautela porquanto os dados não permitem afirmar se a experiência prévia do aluno se reduziu ao uso de biblioteca particular própria ou se esta coleção foi um apoio secundário, complementado pela utilização de um acervo mais diversificado.

A utilização de bibliotecas está relacionada, entre outros fatores, à maior ou menor facilidade de acesso aos seus recursos, bem como à qualidade dos serviços oferecidos. Isto sem falarmos da necessidade de que suas instalações se mostrem adequadas e agradáveis, considerando o tempo de permanência; às vezes prolongado, do usuário na biblioteca.

A Tabela nº 52 apresenta os dados relativos à opinião dos estudantes do curso de Psicologia sobre a biblioteca do Instituto de Psicologia, aquela de que mais se valem em sua vida acadêmica.

TABELA Nº 52

OPINIÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO SOBRE A BIBLIOTECA DO IP/USE

ITENS PARA AVALIAÇÃO	OPINIÃO DO ESTUDANTE											
	INSUFICIENTE		REGULAR		BOM		ÓTIMO		SEM OPINIÃO		TOTAL	
	F	Z	F	Z	F	Z	F	Z	F	Z	F	Z
Qualidade de atendimento	14	(5,0)	70	(24,9)	169	(60,1)	25	(8,9)	3	(1,1)	281	(100,0)
Horário de atendimento	66	(23,5)	57	(20,3)	126	(44,8)	29	(10,3)	3	(1,1)	281	(100,0)
Orientação no uso	43	(15,3)	106	(37,7)	108	(38,4)	15	(5,3)	9	(3,2)	281	(100,0)
Prazo de empréstimo	110	(39,3)	88	(31,4)	69	(24,6)	5	(1,8)	8	(2,9)	281	(100,0)
Local para estudo	118	(42,1)	112	(40,0)	44	(15,7)	5	(1,8)	1	(0,4)	281	(100,0)

Qualidade do atendimento -

A leitura da Tabela nº52 nos permite concluir que o atendimento oferecido pelo pessoal das bibliotecas em geral é bom tendo sido esta a opinião atribuída por 60,1% da população. Apenas 8,9% dos alunos o consideraram ótimo enquanto outros 24,9% o consideraram regular.

Ao manifestarem sua opinião sobre a biblioteca do IP (Questão nº 26) os alunos fizeram 55 comentários sobre a qualidade do atendimento, dos quais 30 favoráveis (54,5%). Já nas sugestões finais (Questão nº 35) o atendimento oferecido pela biblioteca gerou apenas 11 comentários, dos quais 4 foram favoráveis. Faz-se necessário acrescentar que nestas duas questões abertas os alunos apontaram para o número insuficiente de auxiliares para atender à demanda, num total de 10 comentários. (Anexos E e F)

Horário de atendimento

A opinião sobre o horário de atendimento da biblioteca se distribui de forma mais diversificada na medida em que 44,8% consideram-no bom, 20,3% regular e 23,5% insuficiente. Apenas 10,3% acharam-no ótimo. Verificamos, assim, que 55,1% da população tem opinião favorável quanto ao horário de atendimento da biblioteca (44,8% bom e 10,3% ótimo) enquanto 43,8% dos alunos têm opinião relativamente desfavorável (20,3% regular e 23,5% insuficiente).

A avaliação da biblioteca é retomada pelos alunos ao responderem a questão de nº 26 na qual solicitamos sua opinião sobre a biblioteca, desta vez, através de uma resposta livre.

O Anexo E, incluído no final deste trabalho, demonstra que o horário de atendimento foi considerado insuficiente por 45 estudantes que assim o avaliaram ao expressarem sua opinião sobre a biblioteca. O horário de atendimento foi novamente abordado pelos alu-

nos quando da redação de seus comentários finais ao questionário. Nessa ocasião 23 alunos manifestaram-se, avaliando-o como insuficiente. (Anexo F)

Cabe esclarecer que a biblioteca do Instituto de Psicologia atende ao público no período de 8:00 às 18:00 horas de 2^a a 6^a feira não contando com quadro de pessoal que permita a ampliação de seu expediente. O curso de Graduação em Psicologia exige a permanência do aluno na unidade em tempo quase integral, o que por vezes torna difícil a utilização da biblioteca. Decorre daí o fato de alguns alunos terem solicitado a ampliação de seu horário, ainda que 44,8% o tenham considerado bom.

Orientação no uso

A avaliação dos alunos quanto à orientação no uso dos recursos obteve um percentual de 43,7% entre bom e ótimo. Entretanto, 53% reputaram a orientação oferecida entre regular (37,7%) e insuficiente (15,3%). Verificamos, através das respostas e comentários livres feitos nas questões abertas (nº 26 e 35) que, a necessidade de melhor orientação no uso dos recursos foi abordada por apenas 23 alunos (Anexo G). Quando dos comentários e sugestões finais feitos pelos alunos (ANEXO F) apenas 8 alunos manifestaram-se sobre a orientação no uso da biblioteca e do material. A dificuldade maior que encontram parece estar na localização do material nas estantes. Conforme mencionamos quando de nossa descrição da biblioteca do IP, o espaço físico destinado à acomodação das coleções era bastante reduzido, por ocasião da pesquisa, impedindo um arranjo mais racional e adequado do acervo e dificultando, conseqüentemente, a localização dos livros nas estantes.

Prazo de empréstimo

O prazo para empréstimo de livros obteve um percentual de 70,7% entre insuficiente e regular e foi considerado bom por apenas 24,6% dos alunos. A insatisfação quanto ao prazo que lhes é dado para empréstimo do material pode ser melhor explicitada se observarmos o Anexo E quanto às opiniões emitidas pelo aluno em relação ao acervo. Ali verificamos que o maior número de comentários se volta para o número insuficiente de livros da bibliografia básica (opinião expressa por 45 alunos). No Anexo F observamos que este item é retomado por 23 alunos que apontam a necessidade de "maior número de exemplares dos livros indicados pelos professores".

Embora não se tenha feito ainda uma análise quantitativa dos itens indicados na bibliografia básica, quer nos parecer que o número de exemplares disponíveis desse material é escasso, sobretudo se considerarmos que as dificuldades orçamentárias dos últimos anos reduziram em muito a compra de livros, mesmo nacionais, pelas bibliotecas da universidade em geral e do Instituto de Psicologia em particular. Não foi possível, nesses últimos anos, ir além do limite de 5 a // 8 exemplares de cada item apontado na bibliografia básica. Isto é muito pouco, se considerarmos que, no segundo semestre de 1984 a média de alunos matriculados por disciplina foi de 65 estudantes. Assim, resta à biblioteca aumentar ao máximo a circulação do material existente, reduzindo o prazo para empréstimo de cada item, prazo este considerado insuficiente por 39,3% dos alunos e regular por outros 31,4% da população. O alto índice de circulação do material provoca, por sua vez, rápido desgaste das encadernações, fato apontado por cinco alunos que, em suas opiniões, abordaram o estado de conservação precário do material de maior consulta.

Local para estudo

Retomando a leitura da Tabela nº 52 verificamos que 82,1%

de nossa população avaliou a biblioteca do IP, como insuficiente (42,1%) ou regular (40,0%) no que diz respeito à sua adequação como local para estudo. Consultando os Anexos E e F, verificamos que a categoria AMBIENTE/INSTALAÇÕES/EQUIPAMENTOS reuniu o maior número de comentários feitos pelos alunos (243 no Anexo E e 85 no Anexo F). Dentre os comentários e sugestões feitos atentam sobretudo para a necessidade de salas destinadas a estudo individual e em grupo (71 comentários). O espaço acanhado onde se acha instalada a biblioteca (385 m²) recebeu 55 comentários dos alunos que consideraram a área muito pequena (40 comentários) e apontaram a necessidade de mais espaço (15 comentários). As condições ambientais, tais como barulho, iluminação deficiente e pouca ventilação também integraram de forma destacada as opiniões e sugestões apresentadas pelos alunos, gerando um total de 105 comentários, somadas as frequências registradas nos Anexos E e F. A reivindicação por melhores condições ambientais é, portanto, a tônica principal apresentada nos comentários dos alunos. Apesar dos vários aspectos comentados nas questões 26 e 35, as opiniões sobre o ambiente e as instalações da biblioteca apresentam-se de forma destacada reforçando aquelas porcentagens por nós mencionadas anteriormente quanto ao fato de 82,1% de nossa população considerar o ambiente pouco adequado enquanto local para estudo.

Questões abertas

Ao descrever os dados da Tabela nº52 procuramos apresentar também as frequências de alguns comentários feitos através das questões abertas, no sentido de melhor explicitar certos percentuais ou mesmo confrontar as sugestões e opiniões feitas em momentos diferentes do questionário.

Faz-se necessário descrever, entretanto, outros aspectos que também foram abordados por alguns alunos. A leitura dos Anexos E e F nos permite verificar a insatisfação em relação ao acervo que se expressa sobretudo na solicitação de maior quantidade de livros atuais ou nos comentários sobre a falta de atualização do acervo.

A coleção de livros foi ainda considerada insuficiente

por alguns sujeitos de nossa população (27 comentários) que apontam a falta de livros indicados na bibliografia básica e a pouca quantidade de livros de leitura extra-curricular no acervo.

Os comentários feitos pelos alunos na questão de nº 21 (Que tipos de materiais você gostaria de encontrar na biblioteca do IP?) confirmam a solicitação de maior número de livros atuais e mais livros em português (Ver Anexo B). Assinalamos também 28 indicações feitas naquela questão para a falta de livros em áreas relacionadas à Psicologia e que fazem parte do currículo. A necessidade de maior número de livros extra-curriculares foi apontada como "livros de literatura". Nesta questão os alunos reiteraram sua solicitação de "maior quantidade de exemplares dos livros indicados pelos professores ou livros muito procurados.

Foram feitos ainda 68 comentários sobre assuntos que gostariam que estivessem representados no acervo através de maior número de livros. (Anexo B)

Dentre os materiais cuja compra foi apontada como sendo de interesse destacamos filmes, fitas e slides bem como a incorporação ao acervo de trabalhos de alunos (sugestões estas apontadas nos Anexos E e F.

A compra de jornais diários, revistas noticiosas e de maior número de periódicos nacionais foi sugerida tanto nos comentários feitos na questão de nº 35 (10 indicações no Anexo F) quanto na questão de nº 21 (97 indicações no Anexo B). Esta aquisição é bastante justificável se analisarmos o Anexo F bem como a lista de periódicos que os sujeitos de nossa população declararam ler ou consultar regularmente (Anexo C). As revistas que receberam o maior número de citações são as de caráter noticioso: Veja e Isto é, entre outras.

A Tabela nº 53 nos permite analisar quantitativamente o número de periódicos lidos ou consultados regularmente pelo corpo discente no curso de graduação do IP/USP.

TABELA Nº 53

NÚMERO DE TÍTULOS DE PERIÓDICOS LIDOS OU CONSULTADOS REGULARMENTE PELOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP

Nº DE TÍTULOS DE PERIÓDICOS LIDOS	NATUREZA DO PERIÓDICO								TOTAL DE ALUNOS
	JORNAL	REVISTAS NOTICIOSAS	REVISTAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	REVISTAS FEMININAS	REVISTAS DE ESPORTE	REVISTAS DE INFORMÁTICA	REVISTAS CIENTÍFICAS	OUTRAS	
1	5	27	8	0	0	0	12	5	57
2	11	72	24	6	1	0	0	4	59
3	8	56	23	4	1	0	9	4	35
4	10	35	8	5	0	0	9	1	17
5	9	5	1	0	0	0	0	0	3
6	0	2	2	0	0	0	0	2	1
7	2	4	0	0	0	0	0	1	1
8	2	3	1	0	0	0	2	0	1
9	0	0	0	0	3	2	0	4	1

Nossa primeira constatação é que mais da metade (62,0%) dos estudantes lêem periódicos. Lêem sobretudo revistas noticiosas (204 citações) revistas de divulgação científica (67 citações) e jornais diários (27 citações). Há ainda um total de 35 citações para revistas de lazer. O percentual de estudantes que não utilizam ^{outras revistas} revistas científicas é significativo se levarmos em consideração que apenas 22 alunos declararam ler periódicos científicos. A Tabela nº 54 aponta que dentre os 32 títulos de periódicos científicos mencionados apenas 21 pertencem especificamente à área da Psicologia.

TABELA Nº 54

NÚMERO DE TÍTULOS DE REVISTAS CIENTÍFICAS CONSULTADAS PELOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP

	TÍTULOS CITADOS NA ÁREA DE PSICOLOGIA	TITULOS GERAIS OU DE OUTRAS ÁREAS	TOTAL
Nacionais	7	3	10
Estrangeiros	14	8	22
TOTAL	21	11	32

A leitura de periódicos específicos à área de estudo não parece estar muito difundida entre estes estudantes. A análise da bibliografia básica indicada nas várias disciplinas aponta um total de 474 itens dos quais apenas 10 constituem títulos de textos publicados em periódicos. A leitura de periódicos científicos, entre os alunos, parece estar sendo substituída, pelo menos em parte, pelas publicações de divulgação científica à venda nas bancas de jornal. Duas destas publicações merecem destaque considerando o número de citações que receberam entre os estudantes: Psicologia Atual e Psicologia e Comportamento.

CAPÍTULO III

DISCUSSÃO

1. EM BUSCA DE UM PERFIL DO ALUNO DO CURSO DE GRADUAÇÃO DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA

A população de nosso estudo é constituída de jovens, a maior parte na faixa etária entre 19 e 23 anos, que residem com a família e e dela dependem para o seu sustento.

Os resultados apresentados nos permitem destacar a presença majoritária da mulher entre os alunos do Curso de Graduação em Psicologia do IP/USP. Este interesse acentuado da mulher pela Psicologia enquanto área de trabalho, tem levado alguns autores a vê-la como uma profissão feminina (ROSEMBERG, 1983). Pesquisa realizada em 1981 pelo DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos), revelou que 87,6% dos psicólogos do Estado de São Paulo são mulheres. O índice de mulheres no curso de Psicologia da USP (79%) não foge, portanto, a este quadro geral ainda que esteja abaixo do percentual de 88,1% de psicólogos que, em 1981, exerciam a profissão na Grande São Paulo (SINDICATO DE PSICÓLOGOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1983).

O acesso da mulher, em nosso meio, à educação superior é recente se levarmos em consideração que até 1940 apenas 3,2% das mulheres que tiveram acesso à educação formal no Estado de São Paulo, chegaram a alcançar a Universidade (HUTCHINSON, 1960 p. 21).

Nossas estatísticas sobre educação, nos últimos anos, são omissas e incompletas quanto à informação sobre a variável sexo, o que torna difícil acompanhar a trajetória da vida escolar feminina. Entre

tanto, nesta última década testemunhamos a expansão do ensino superior, sobretudo no setor privado e uma expansão bastante significativa da matrícula feminina.

A proliferação de cursos de Psicologia acompanha esta expansão que se dá sobretudo no setor privado e através da participação marcadamente feminina. Os 28 cursos de Psicologia existentes em 1971 passam a 51 em 1977. Os 5 cursos particulares existentes em São Paulo em 1971 passam a ser 20 em 1979.

Ainda que em 1973 a escolha feminina pelo vestibular de Psicologia já estivesse presente, registrando índice de 80,5% (LEWIN, 1977) a participação do elemento feminino ascende a 86,0% em 1977. Assim, quer nos parecer que o acesso da mulher ao ensino superior, se concentrou, até certo ponto, em certas carreiras consideradas "femininas". Esta dicotomia entre profissões femininas e masculinas no mercado de trabalho "corresponde, também a carreiras consideradas mais privilegiadas (engenharia, por exemplo) e menos privilegiadas (ramos da filosofia, enfermagem e... psicologia)" (ROSEMBERG, 1983 p. 34-5).

Não queremos dizer que o acesso da mulher ao ensino superior não tenha ocorrido de maneira diversificada mas esta diversificação é ainda muito pequena, se comparada ao leque de escolhas masculino.

Considerando o modelo tradicional de educação da mulher em nosso meio, voltado sobretudo para a formação da família, torna-se bastante compreensível a procura, pela jovem, de uma profissão "feminina". As obrigações familiares, sobretudo a guarda e proteção dos filhos, que cedo assume através do casamento, colocam em risco constante a continuidade de sua formação ou mesmo a própria carreira profissional. Em nossa pesquisa pudemos constatar que 50,4% dos pais têm escolaridade de nível superior enquanto entre as mães este percentual é de apenas 30%. Predomina, entre as mães, a escolaridade de nível médio (68,2% têm até o colegial). Estudos realizados por LEWIN (1977) e BONITATIBUS (1977) informam que, segundo declaração de mulheres questionadas sobre as razões que as levaram a "escolher" as carreiras frequentadas, o motivo "aumentar a cultura geral" foi dado com preferência. Neste sentido, entretanto, nossa pesquisa revelou que do total de alunos pesquisados, apenas 24 almejam, através do curso, aprimoramento pessoal.

Esta "cultura geral", pode ser entendida tanto no sentido de reunir conhecimentos que possam ser úteis ao desempenho profissional e ao desenvolvimento pessoal, quanto no sentido de ser esta "cultura geral" passível de ser reconvertida à vida em família, enquanto mãe, esposa, ou seja, enquanto num papel não-profissional. Assim, a escolha de uma profissão que atenda, ainda que parcialmente, a esta ambivalência de sua condição, parece não só compensar a mulher de uma expectativa de carreira que poderá ser frustrada mas igualmente revela, de sua parte, "o exercício de um poderoso senso de realidade" (ROSEMBERG, 1983 p. 37).

Esta escolha diferenciada, por parte da mulher, em relação a certos cursos, considerados femininos, parece ocorrer em função de fatores que provêm tanto do meio social quanto da própria representação que a mulher tem de seu papel social ainda bastante presa a padrões tradicionais.

Os resultados apresentados nos permitiram verificar que, dentre as áreas em que pretendem atuar, a Psicologia Clínica se apresenta como a mais atraente. Considerando as colocações feitas anteriormente sobre a expansão do número de cursos de graduação em Psicologia, a conseqüente inserção no mercado de trabalho de maior número de profissionais e as várias áreas e modalidades de atuação existentes, era de se esperar uma distribuição das preferências mais diversificadas entre os estudantes de nossa população. Por outro lado, parece surpreendente essa maior opção pela Psicologia Clínica quando é esta a área que já apresenta indícios de saturação, sensível através de baixas remunerações e expressa entre os estudantes muitas vezes, de forma até jocosa.

A convivência diária com os sujeitos de nossa pesquisa nos permite inferir que esta preferência acentuada pela atuação na área clínica é determinada, entre outros fatores, por um interesse maior pelo aspecto liberal da profissão diante da expectativa de um trabalho autônomo, com horário e honorários estipulados pelo próprio profissional.

A pesquisa realizada pelo DIEESE através de solicitação do Sindicato de Psicólogos do Estado de São Paulo, à qual já nos referimos anteriormente, revela que ao informarem sobre o nível de autonomia que têm no exercício da profissão, os psicólogos com atuação na área clínica foram aqueles que "reuniram os maiores percentuais de "grande autonomia". Esta mesma pesquisa revela que na área de Clínica, a jornada de trabalho tende a ser sensivelmente inferior. Na região da Grande São Paulo... "68,5% dos profissionais que apontam a clínica como a área de atividade profissional, trabalham até 20 horas semanais" (SPESP, 1984 p. 52). Esta afirmação é significativa se levarmos em consideração o "caráter feminino" da profissão. O compromisso profissional de tempo parcial e bastante maleável oferecido pela clínica vai muito de encontro àquela condição ambivalente da mulher em nosso meio, dividida entre a maternidade e o trabalho profissional. A baixa remuneração, que servirá apenas de complemento à renda familiar, seria compensada, até certo ponto, por alguma realização pessoal além das fronteiras do lar.

Há que se considerar ainda que a imagem "conservadora" da profissão é a clínica, à qual o estudante tem acesso anterior ou independentemente do curso. Uma das justificativas mais freqüentes para a opção clínica no início do curso é "o desconhecimento de qualquer outra área de atuação" (CARVALHO, 1982 p. 15). A representação social da profissão faz com que o aluno já traga para o curso uma imagem da Psicologia que, num certo sentido, lhe servirá de guia orientando-o no decorrer do curso. Por outro lado, "os próprios professores, que freqüentemente são também profissionais, levam para os cursos basicamente a sua imagem e a sua prática da profissão, que nem sempre estão atualizados com as transformações que vêm ocorrendo no mercado e nas necessidades sociais" (CARVALHO, op. cit., p. 11).

É preciso levar em consideração que se a atuação na área clínica significa baixa remuneração, em função de algumas ponderações que fizemos anteriormente, ela exige, em contrapartida investimento alto, sobretudo para o psicólogo recém-formado. Isto, entretanto, parece não constituir uma barreira para boa parte dos estudantes por nós pesquisados, na medida em que 47% da população pertence a famílias com renda mensal de 11 a 20 salários mínimos. A média da renda

familiar mensal dos estudantes por nós pesquisados foi de 22,5 SM e a mediana 18 SM. Entre aqueles que optaram por atuar unicamente em clínica, verificamos que 39% provêm de famílias com renda mensal superior a 20 SM. Esta população, predominantemente feminina e de origem sócio-econômica média ou média-alta, teria possibilidade, assim, de investir para trabalhar de forma independente sem necessitar um retorno imediato ou a curto prazo deste investimento. Verificamos, entretanto, que a opção única pela área clínica apresenta maiores percentuais também entre os estudantes de nossa pesquisa que pertencem a famílias com renda mensal de um a dez salários mínimos (Ver Tabela nº 14).

Para Mello, a atração dos estudantes e profissionais pela Psicologia Clínica não é tanto pelo campo de atuação em si mas pela "similaridade que ela evoca, e às vezes se procura acentuar, com a figura e as atividades do médico, padrão de profissional liberal bem sucedido" (MELLO, 1978 p. 7). Assim, a partir da imitação do modelo médico, a Psicologia Clínica atrairia para si, o prestígio social conquistado por aquela profissão. Ou seja, a idealização do liberal é feita pela prática clínica. Este modelo seria suficientemente forte para atrair estudantes e profissionais independentemente de condições econômicas favoráveis ou não. Entre os estudantes por nós pesquisados o percentual daqueles que almejam prestígio (status) através do curso universitário foi inexpressivo (1,1%).

Pesquisa realizada por CARVALHO & KAVANO revela que as justificativas apresentadas pelos sujeitos quanto à opção por clínica prendem-se sobretudo à natureza da atividade exercida, que se caracteriza, nesta área, pela gratificação proporcionada por uma "relação direta e íntima com pessoas, e de relação de ajuda" (CARVALHO & KAVANO, 1982 p. 17).

Esta característica predominante da Psicologia, enquanto "profissão de ajuda" e de trabalho, que proporciona sobretudo realização pessoal atrai a mulher na medida em que vai muito de encontro ao este reótipo tradicional de que o trabalho assistencial, de benemerência é adequado à mulher, não está ligado à produção e constitui praticamente uma extensão do trabalho junto à família.

A Psicologia Escolar e a Psicologia Social também foram apontadas como áreas de escolha para futura atuação embora com percentuais de preferência bem abaixo daqueles alcançados pela área clínica. Verificamos que a área da Psicologia Escolar apresentou-se mais atraente entre as mulheres enquanto a Psicologia Social destacou-se entre os homens. Esperávamos um percentual de atração maior nesta área ante a expectativa predominante demonstrada pelos alunos de participação profissional e social através da profissão (Ver Tabela nº 5). Tanto estudantes quanto profissionais parecem atribuir maior relevância social a estas duas áreas embora do ponto de vista econômico nem sempre se apresentem como as mais compensadoras (CARVALHO & KAVANO, 1982). É possível constatar, então, que a satisfação pessoal constitui também um elemento de ponderação na escolha destas áreas quando o fator econômico pesa menos e a opção pode ser feita, então, em função da realização pessoal.

A Psicologia do Trabalho ou Organizacional obteve a preferência de apenas 9,9% de nossa população. O percentual de sujeitos que apontaram esta área com preferência exclusiva, foi de 4,7%. Não encontramos nenhum, entre estes alunos, com renda familiar mensal inferior a 10 salários mínimos embora 3,5% se localizam na faixa de 11 a 15 salários. Considerando a pequena representação de estudantes com opção nesta área, não nos parece significativo fazer interpretações quanto a uma possível preferência pela Psicologia do Trabalho, em função de uma necessidade econômica maior que levaria o estudante a priorizar, na sua opção, as condições de obtenção de trabalho e remuneração em detrimento da realização pessoal. Fazemos estas considerações em função das afirmações apontadas na literatura de que a Psicologia do Trabalho tem sua opção entre profissionais justificada em função de melhor remuneração e mercado de trabalho mais promissor (CARVALHO, 1982 p. 17). Atrairia, por isso, maior número de profissionais do sexo masculino que, em sua maioria (82,9% na Grande São Paulo) trabalha 40 horas ou mais por semana (SPESP, 1982 p. 43 e 51).

Constatamos, assim, que a opção por área entre os estudantes de nossa população manifestou-se de forma semelhante àquela apontada em outros estudos, aqui mencionados.

Complementando o perfil do aluno do Curso de Graduação do IP/USP identificamos, entre estes jovens, um interesse bastante diversificado por vários temas da área das Ciências Humanas. Depreendemos este interesse através dos vários cursos que realizam, boa parte deles voltados para o conhecimento do humano, do mundo das idéias e da comunicação. Não podemos extrapolar este interesse para toda a população pesquisada mas é possível detectá-lo em parcela expressiva do universo de alunos.

No sentido de reunir os comentários aqui apresentados e integrá-los ao perfil de nossa população poderíamos dizer que os jovens por nós pesquisados têm idade média de 22 anos, provêm de famílias onde o pai tem escolaridade de nível superior e a mãe de nível médio; são predominantemente do sexo feminino, moram com os pais e pretendem, através do curso, maior participação profissional e social. Provenientes de famílias com renda média mensal de 22,5 SM, pretendem atuar sobretudo na área clínica em função do aspecto liberal da profissão ou da gratificação pessoal proporcionada pelo contato íntimo com pessoas numa relação de ajuda. Os temas em que procura obter conhecimentos são variados mas centrados na área das Ciências Humanas.

Esperamos, até o final deste trabalho, enriquecer este perfil de forma a alcançar um melhor conhecimento sobre a população por nós estudada, e compreender de maneira mais abrangente sua maneira de encarar o estudo e a leitura dentro de um contexto de expectativas de papéis profissionais já tão bem definidos.

2 A LEITURA NAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS ESTUDANTES

2.1 Leitura e estudo

Ao falarmos em leitura pode nos vir à mente alguém lendo jornal, revista, quadrinhos mas, o mais comum é pensarmos em leitura de livros. E quando se diz que uma pessoa gosta de ler, vive rodeada de livros ou passa bom tempo debruçada sobre eles, é comum associar este comportamento ao estudo. Neste sentido é, usualmente relacionada à escrita e o leitor visto como um decodificador, numa situação de estudo. Esta imagem vincula o ato de ler à escola, conferindo-lhe, muitas vezes, um caráter obrigatório, de requisito escolar que deve ser cumprido e desprovido de um elemento fundamental: o interesse, o prazer. Nesta imagem, a leitura é reduzida no seu significado e valor social, e a sua prática limitada à escola e à utilização preponderante do livro didático ou livro-texto. Passa a ser, via de regra uma "lei-dura" à qual o aluno deve se submeter para cumprir um requisito escolar, em geral as fichas de leitura ou os resumos. O cumprimento desta lei, longe de incentivar a leitura, sobretudo a inibe ou, o mais comum, provoca verdadeira aversão pelo gosto de ler.

Esta situação da leitura no contexto escolar é mencionada por vários autores que apontam para o fato de que "o que é considerado matéria de leitura na escola, está longe de propiciar aprendizagem tão viva e duradoura (seja de que espécie for) como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação de massa, enfim, pelo contexto geral em que os leitores se inserem. Contexto esse permanentemente aberto às inúmeras leituras. Não é de admirar, pois, a preferência pela leitura de coisas bem diferentes daquelas impostas na sala de aula..." (MARTINS, 1984, p.28)

Este emprego, essencialmente pragmático e imediatista do livro na escola, tem sido apontado como um dos fatores que o convertem no avesso da leitura, ou seja, "acaba por exercer um efeito que embacia a imagem que a prática da leitura almeja alcançar." (ZILBERMAN, 1982, p.21),

O assunto é da maior relevância e esta situação vem despertando a atenção de educadores e pedagogos que têm se voltado para o estudo não só da metodologia da leitura mas também para a análise do material apresentado às crianças e aos jovens nas atividades de leitura. O tema merece ser investigado mas não nos cabe aqui tratá-lo.

A leitura não constitui um mero processo de decodificação mecânica de signos linguísticos cuja compreensão exigiria apenas o domínio da linguagem escrita, num nível considerado satisfatório.

Ela é uma experiência individual na medida em que diante dela cada um de nós apresenta uma resposta diferenciada. E todos nós dela participamos na medida de nossa própria vivência colocando, no diálogo com o texto, nosso prazer diante do novo, do recém-descoberto, nossas expectativas e necessidades e, não raro, o reconhecimento de nossa própria vivência. Neste sentido a leitura é, antes de tudo, um ato social. Para estudá-la é necessário compreendê-la como um processo abrangente no qual se integram fatores tanto de ordem cognitiva quanto de ordem econômica, cultural e política.

Neste sentido vamos procurar compreender como a leitura ocorre entre os estudantes pesquisados, através de uma abordagem despretenciosa mas que permita avaliar o espaço que o estudante confere à leitura, esteja esta voltada para o estudo e feita em função do curso que ora realizam, seja enquanto prática cultivada no lazer. Este espaço ocupado pela leitura será analisado segundo alguns fatores que julgamos de interesse destacar.

Um primeiro fato, que nos parece de fundamental importância para a leitura, é a questão do tempo, ou seja, a disponibilidade para o ler. A leitura ainda é vista entre nós como uma prática sofisticada e o leitor é alguém que tem tempo para ler. Aparece, assim, ligada a atividades que demandam tempo para ler, tal como o estudo, e também está relacionada às horas de lazer que se opõem àquelas voltadas para o conjunto das obrigações cotidianas.

Entre os estudantes que participaram de nossa pesquisa verificamos que o tempo médio semanal dedicado ao estudo, à leitura e

ã elaboração de trabalhos para o curso é de 11 horas semanais. O tempo disponível, ainda que aqui colocádo em termos de média, permitiu que apenas 32,3% da população consultasse a bibliografia complementar, indo além, portanto, dos itens obrigatórios, ou seja, considerados de leitura indispensável na indicação feita pelos professores. A maior parte da população leu apenas os itens obrigatórios. Não podemos deixar de apontar que 11,3% dos alunos não leram integralmente nem mesmo os itens obrigatórios, informando, que a leitura desses itens foi feita em função dos textos considerados essenciais ou daqueles que consideraram mais interessantes. Parece aqui estarmos diante do fato de que para estes alunos a leitura seria de caráter sobretudo obrigatório não despertando interesse suficiente para que a privilegiem.

A constatação, feita por alguns autores (LEMONS, 1979; MEDINA, 1976), de que o hábito de leitura, em nosso país, é marcadamente escolar e obrigatório, parece encontrar acolhida entre parcela significativa de nossa população.

Entretanto, ao indagarmos dos alunos qual a leitura feita com preferência nas horas de lazer, 13,5% declararam ler livros de Psicologia e 4% destes alunos mencionaram que estes livros não foram indicados no curso, mas selecionados em função de interesse pessoal.

Este interesse é apontado de forma mais significativa quando constatamos que 66% declararam ler livros não indicados pelos professores para complementar seus estudos (ver Tabela nº 23). Aqui, nos parece estar presente um maior envolvimento do aluno com a leitura, trazendo-a para o contexto da aprendizagem através de um ato volitivo uma vez que, espontaneamente, procura outras leituras para ampliar o seu conhecimento, numa prática que tende a se tornar constante e consequente. Dizemos prática porque a leitura enquanto atividade passível de rotina, hábito mecânico, repetitivo, não tem qualquer sentido dentro de um contexto universitário, voltado para a reflexão e a crítica. O hábito de ler, enquanto associado a uma leitura de caráter quantitativo, não sensibiliza nem tão pouco contribui para a formação do estudante.

É importante ainda observar que a leitura de textos complementares se torna mais frequente entre os alunos, na medida em que o tempo dedicado ao estudo e à própria leitura se ampliam.

O estágio de desenvolvimento dos alunos no curso parece ter alguma influência na realização destas leituras complementares na medida em que a partir do 3º ano aumenta progressivamente o percentual de alunos que fazem leituras complementares. Entre aqueles que se limitam aos itens indicados pelo professor, o maior percentual é para os alunos de 1º e 2º anos. Para que esta influência dos cursos pudesse ser avaliada seria necessário verificar se, a partir do 3º ano, o aluno sente-se mais envolvido pelo curso através da frequência a disciplinas de maior interesse para sua atuação profissional futura ou se, a partir deste estágio, sente-se mais preparado para selecionar textos complementares. Os dados coletados, entretanto não nos permitem aprofundar, no momento, esta questão.

Conforme mencionamos anteriormente, 49,6% da população estudada declarou ler apenas os itens obrigatórios da bibliografia indicada. Não podemos dizer, entretanto que este seja o único espaço que conferem à leitura. Verificamos que 99,6% dos alunos afirmou dedicar habitualmente algum tempo à leitura. Entre os livros cuja leitura tinham concluído recentemente encontramos um percentual de 26,2% de livros didáticos, paradidáticos e de informação científica. Ao esclarecerem qual a razão que os levou a optar pelo livro mencionado, 33% declarou que a escolha foi feita por sugestão de amigo e 12,5% já o tinha em casa (ver Tabela nº42). Este fato nos leva a crer que a leitura destes estudantes tem, fora da escola, um circuito intermediado pelos vários tipos de relações que mantêm com diferentes pessoas. Lêem por sugestão de amigos, familiares, por terem recebido o livro como presente, por já o terem em casa ou porque ouviram comentários que recomendam a sua leitura.

A leitura voltada para os cursos não é, portanto, única e, se não a priorizam, lendo apenas os textos considerados essenciais, não podemos deixar de observar que a leitura tem um espaço conquistado entre estes alunos; embora não possamos avaliar a sua profundidade. Mas, ainda que o texto selecionado ou a interação, na di-

nâmica aluno-texto esteja aquêm do que desejaríamos, afinal que é o leitor, ele ou nós?

Ainda em relação à escolha da última leitura realizada observamos, à Tabela nº 42 que 26,5% dos alunos assinalaram a alternativa "outros". A tabulação dos dados (Tabela 43) demonstrou que as justificativas mais frequentes foram "interesse pelo autor" e "interesse pelo assunto".

"Escolhi este livro por interesse em conhecê-lo, para entender as críticas e ter condições de opinar", "Comprei-o porque há já algum tempo gosto e leio o autor" "Quis conhecer a postura do autor perante a loucura". "Li este livro por interesse pessoal no assunto." "Interesso-me por sociologia e filosofia do poder."

Quer nos parecer que o aluno lê porque aquele autor o leva a refletir sobre determinados problemas ou porque através daque a leitura forma opinião sobre o assunto ou toma conhecimento da existência de pontos de vista diferentes do seu. Inferimos, assim, que estas leituras são avaliadas pelo aluno em termos das mudanças que induzem em suas opiniões e atitudes e nas transformações que provocam na sua compreensão e visão do mundo. Daí nossa observação de que a leitura, enquanto agente de transformação vai além do texto e começa antes da relação que o aluno com ele estabelece. O leitor tem papel atuante neste processo na medida em que, tal qual um artesão "vai entrelando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, ele foi acumulando" (LAJOLO, 1984, p.5)

Nesta discussão não tivemos a intenção de configurar a leitura como algo desprezencioso, puramente subjetivo, estabelecido a partir de um processo de identificação ou empatia" A seriedade da leitura e na leitura é sempre fundamental." (FREIRE, 1982, p.4) Mas não podemos deixar de observar que, para que haja continuidade na leitura, é preciso que haja interesse em realizá-la.

Este interesse, fundamental para que a leitura se revele útil e agradável não tem, o seu despertar, na escola. É comum

atribuir-se à escola a responsabilidade na formação do leitor.

Evidentemente a escola é a instituição destinada a incentivar a leitura entre os estudantes na medida em que é durante o período escolar que a sua prática se intensifica, na busca de informações que complementem ou reforcem o conhecimento ministrado em sala da aula. Haja visto o fato de que 70% de nossa produção anual de livros, estimada em 240 milhões de exemplares, é constituída de livros didáticos destinados aos três níveis de ensino. No entanto sabemos que a escola tem levado sobretudo à leitura compulsória e, consequentemente, tem formado o leitor temporário, aquele que leu para poder se formar e, em se formando, tornou-se ^{um} ~~em~~ ex-leitor. A sociedade industrial tem favorecido, por sua vez, o surgimento de uma nova geração de leitores, a dos analfabetos-técnicos, "indivíduos que se especializam numa determinada profissão e só lêem o que se relaciona com ela." (LOPES, 1978, p.214). Tornam-se, evidentemente profissionais no mais das vezes alienados quanto aos problemas que afetam a sociedade.

Como se vê, é mais do que nunca necessário enfatizar que a leitura é uma atividade que tem o seu despertar "no núcleo de educação informal que é a família e encontra sustentação na vida comunitária." (MELO, 1982, p.13). A escola, as bibliotecas públicas e escolares podem promover e dar sustentação à leitura mas a sua frequência no ambiente familiar parece ser o fator determinante da atitude dos filhos face à leitura. Dizemos que as bibliotecas podem dar sustentação à leitura porque em nosso meio a sua influência está por se fazer sentir na medida em que

o uso elementar de uma biblioteca encontra uma série de barreiras na escola. A primeira delas é a mais óbvia e espantosa: a ausência pura e simples de bibliotecas e bibliotecários. (MILANESI, 1983, p.50)

Entretanto, a escola pública não dispõe de bibliotecas adequadas e até há um ano atrás estavam "a serviço da educação no Estado de São Paulo por volta de 200 mil professores e 36 bibliotecários." (MILANESI, 1984).

Estes dados sã fazem ressaltar ainda mais o papel da família na formação do leitor na medida em que comprovam que o apoio que as escolas e bibliotecas poderiam dar à consolidação da leitura, ainda está por se fazer cumprir.

As pesquisas empíricas vêm demonstrando a importância que a "influência pessoal" ainda conserva entre nós. Esta influência torna-se ainda mais valiosa se considerarmos o poder exercido hoje pelos meios de comunicação de massa, motivo constante de polêmicas entre especialistas e estudiosos das várias áreas do conhecimento.

A conversação do tipo tradicional na família ou em outros grupos, quer primários ou secundários, "tem uma importância que pode ser independente da cultura de massa, e pode inclusive mudar o seu conteúdo." (DUMAZEDIER, 1980, p.87)

A leitura não pode ser cultivada num meio onde não tenha valor social ou seja, não há o que trocar para quem leu um livro, fora do meio onde normalmente se lê um livro. Neste sentido, aquele que lê "não se torna melhor nem possuidor de algo que tenha valor prático, aos olhos dos outros." (ANGELO, 1980, p.7). Portanto, a atividade de leitura entre os pais influencia desde a primeira infância, a atitude dos filhos face à leitura. "Assim quando os pais lêem, sobe o nível de leitura dos filhos em todos os níveis de instrução, donde a progressão da leitura ser feita em duas gerações, quando as pessoas são pouco ou mais ou menos instruídas." (MEDINA, 1976, p.116)

Entre a população por nós estudada constatamos que, entre a maior parte das famílias, a leitura é uma atividade frequente entre seus membros. A parcela de estudantes cujas famílias têm, na leitura uma atividade de pouca frequência foi de 26,0% e a frequência rara teve índice de 5,7%. Verificamos, assim, que 31,7% de nossa população não tem na leitura um valor de troca entre os membros da família. Considerando que é normalmente entre a população escolarizada que a leitura encontra o seu público, por assim dizer, mais aficionado, procuramos relacionar a frequência da leitura com o nível de escolaridade dos pais. Constatamos que ocorreu uma estreita relação entre estas duas variáveis quanto ao fato da leitura se mostrar

mais frequente entre os membros das famílias com nível de escolaridade mais alto. Não queremos dizer com isso que onde a escolaridade de 3º grau foi atingida, a leitura tem a sua prática assegurada. Os dados mostram que isso nem sempre ocorre. O que verificamos foi uma tendência a que a prática frequente ou muito frequente da leitura apresente percentuais mais altos entre aquelas famílias em que o pai ou a mãe tem nível de escolaridade superior. Em contrapartida, os índices mais altos para a leitura de prática pouco frequente ou rara foram observados entre os pais com escolaridade de nível primário.

Constatamos também que a leitura de natureza muito frequente apresenta percentuais progressivamente maiores à medida que o nível de escolaridade materna ascende, o mesmo acontecendo com a frequência da leitura quando relacionada ao nível de escolaridade dos pais.

Para parcela significativa de nossa população (31,7%) a leitura constitui uma prática pouco frequente ou rara entre os membros da família. E aqui vale destacar que este percentual é também integrado por pais (9,6%) e mães (4,3%) que têm escolaridade de nível superior.

O nível de escolaridade parece ser um determinante fundamental na prática da leitura em nosso meio. Entretanto, os valores pessoais vêm sendo apontados como de profunda influência na leitura de livros (BECKER & CONNOR, 1982, p.13)

Assim sendo, haveria aqueles cujos valores pessoais predisporiam a uma prática maior da leitura enquanto, entre outros, estes mesmos valores predisporiam a um menor interesse por essa leitura.*

A pesquisa realizada por aqueles autores revelou que há uma forte relação positiva entre o nível educacional e a leitura de li

* Os valores são definidos por aqueles autores como "ideais abstratos, positivos ou negativos, não ligados a qualquer objeto ou situação específica, que representam as crenças das pessoas em relação a modos de conduta e modos finais ideais." (op.cit. p.14)

vros. Verificaram também que há uma estreita relação entre a idade e a leitura na medida em que aqueles entre 30 e 39 anos mostraram-se nitidamente mais predispostos à prática frequente da leitura de livros do que sujeitos mais jovens ou mais velhos.

Pesquisa realizada pelo Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais verificou que numa amostra da população de Brasília "há maior ocorrência da leitura como lazer efetivo, quanto mais alto for o nível escolar." (MEDINA, 1976, p.113). Neste estudo, o autor enfatiza que por leitura não se entendeu especificamente leitura de livros.

Tendo abordado alguns aspectos da leitura tanto no contexto universitário quanto no contexto familiar de nossa população, passaremos a discutir outros fatores que igualmente compartilham do espaço conferido pelo indivíduo à leitura.

Dentre estes fatores, destacamos o acesso ao livro e aos materiais de leitura em geral.

A despeito dos problemas financeiros que constituem a tônica da atual situação econômica, o Brasil produz livros de boa qualidade industrial. Entretanto, o fato mais comumente apontado na literatura é que, à exceção do livro didático co-editado, o livro é relativamente caro e pouco vendido (CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, 1976). O que nos parece mais grave, entretanto, é que, entre nós, o livro é buscado espontaneamente por uma minoria da população.

Assim é que "se baratearmos o livro um décimo de seu valor presente é possível que, a longo prazo — digamos dois anos — o aumento de unidades de venda não seja nem de 40%. A crise do livro, creio, é muito mais uma crise de leitores." (HOUAISS, 1980)

Tendo já apontado alguns aspectos da leitura entre os estudantes julgamos oportuno abordar agora os principais meios de acesso para obter o material de leitura recomendado nas várias disciplinas do curso. Verificamos que para a maior parte de nossa população, o acesso à bibliografia indicada se faz através da biblioteca

do IP. Esta forma de obtenção do material predomina nos cinco anos do curso e se mostra progressiva a partir do 1º ano. Esta procura é dirigida prioritariamente à biblioteca, independentemente de um maior ou menor poder aquisitivo entre as famílias dos alunos. Poderíamos inferir que, do ponto de vista da obtenção junto à biblioteca, há uma procura maior na leitura destes itens, à medida que o aluno se desenvolve no curso. Não podemos afirmar, entretanto, que esta maior procura corresponda a um maior interesse na leitura desses itens, que teria sido despertado pelo curso.

Considerando que o livro didático em português é o material mais utilizado por nossa população, esperávamos um percentual de compra maior uma vez que o livro texto, quando pessoal possibilita ao aluno maior autonomia para assinalar certas passagens, anotar comentários nas margens, enfim esmiuçar o texto no sentido de apreender ao máximo o seu conteúdo. Isto, entretanto, não parece constituir uma vantagem suficientemente relevante entre os estudantes. E depois, há sempre a possibilidade de assinalar o exemplar da própria biblioteca ...

Considerando os comentários feitos no capítulo em que procuramos traçar o perfil de nossa população, a maior parte destes alunos pertence a famílias com renda mensal de 22,5 salários mínimos. A compra de livros apresentou-se como uma segunda alternativa na obtenção da bibliografia indicada, sobretudo entre os alunos pertencentes a famílias com renda mensal superior a 11 salários mínimos. Entretanto, esta compra não ocorre de maneira isolada, isto é, aquele que adquire o material não se vale do empréstimo da biblioteca. Ao contrário, os que compram também se valem da biblioteca e, eventualmente, em prestam de colegas. Cada um destes meios de acesso parece ter um espaço definido na obtenção da leitura, atendendo a necessidades específicas dos estudantes, que tende a utilizá-los complementarmente. Num certo sentido poderíamos dizer que a compra incentiva o empréstimo e vice-versa.

O que nos chama a atenção, entretanto, é o pequeno percentual de uso de outros materiais tais como, revistas especializadas brasileiras (3,9%), dicionários e enciclopédias. O ensino parece estar centrado sobretudo no livro texto havendo pouca oportunidade pa

ra que o aluno se valha de outras publicações. A procura frequente de livros ou periódicos em outros idiomas praticamente não existe em bora parcela significativa da população tenha declarado compreender outros idiomas (especialmente o espanhol e o inglês) para a leitura de textos na área. Apesar da variedade de revistas especializadas estrangeiras existentes no acervo da biblioteca (467 títulos), a utilização frequente desse material é feita por apenas 13,2% da população. Nem mesmo as revistas nacionais são utilizadas frequentemente. O exame da bibliografia básica indicada nas várias disciplinas oferecidas no curso, confirma o uso preponderante de livros e manuais no curso de graduação havendo, portanto, pouco estímulo para o uso de outros textos: *Completo*

A consulta de publicações periódicas especializadas na área parece estar sendo substituída, em parte, pelas leituras de revistas de divulgação científica. Estas revistas, adquiridas nas bancas de jornais, foram apontadas como publicações regularmente lidas e obtiveram um total de 67 citações entre a população estudada.

Abordamos aqui alguns fatores que parecem interferir no espaço que o aluno confere à leitura, sobretudo àquela voltada para o estudo e feita em função do curso que realizam. Entretanto, é preciso também analisar esta atividade, quanto à sua prática no lazer.

Esta abordagem em dois momentos não significa que a leitura seja vivida, na sua prática, como uma atividade dicotomizada. O binômio leitura/estudo e leitura/lazer a nosso ver não nos conduziria a uma melhor compreensão do tema. No que se refere à leitura no lazer, poderia nos levar a interpretações estereotipadas ou mesmo ocultar as relações determinadas e determinantes que as atividades praticadas no lazer estabelecem, mais e mais, com as obrigações institucionais, seja para submeter-se a seu condicionamento ou para exercer sobre elas uma influência, frequentemente contestatória (DUMA ZEDIER, 1980).

Assim, esta discussão em dois momentos tem por objetivo apenas destacar alguns fatores importantes na prática da leitura

visando chegar a uma melhor e mais clara delimitação do espaço a ela conferido, não importa em que esfera das atividades estudantis se ache mais ou menos representada.

2.2 Leitura e lazer

O desenvolvimento industrial, ao captar a mão de obra disponível, e, desta forma, atrair para as cidades um grande contingente humano, transformou-as em centros de concentração urbana nos quais grande parte da população exerce atividades ligadas ao setor terciário ou de "serviços". O trabalho exercido por esta população ligada ao setor terciário é responsável pelo alcance de níveis mais altos de produção. Entretanto, este mesmo desenvolvimento industrial é responsável por um maior desgaste físico e mental do indivíduo, preso, em geral, a um trabalho rotineiro e fragmentado. Viver nos grandes centros urbanos significa conviver com a poluição, com o barulho, com os problemas de trânsito, de moradia, de educação, de lazer, sem falar na falta de contatos primários e, portanto, de vínculos apenas sociais entre os indivíduos.

Focalizando, neste ponto, o tempo livre — visto como um tempo liberado de obrigações — observamos que o seu aproveitamento em tempo de lazer, parece ser uma atitude de caráter sobretudo contestatório e na qual estaria implícita a reivindicação de toda uma época em prol de melhor qualidade de vida. Esta última corresponderia a um trabalho menos árduo e mais voltado para as aspirações da pessoa, passível de liberar um tempo maior para a vida mais próxima à natureza e à prática de atividades físicas, artísticas e intelectuais.

O lazer surge, então, como um espaço de vida, para ser usufruído fora do horário destinado ao cumprimento das obrigações cotidianas. É neste espaço que surgem novos modelos de vida que por sua vez tentam influenciar aqueles modos de vida existentes no trabalho, na família, na religião, na vida em comunidade, procurando modificá-los em favor de um viver de melhor qualidade.

- Assim é que o espaço conferido ao lazer se consolida em função de um abrandamento do controle, imposto ao indivíduo pelas instituições de base, aliado a um novo "espírito do tempo", voltado para a pessoa humana enquanto ser que aspira à expressão e realização de si mesmo.

A despeito da extraordinária expansão da matrícula escolar nestes últimos decênios, a escola, enquanto instituição, parece atender apenas a uma pequena parte dos interesses manifestos por essa população, dentre os quais destacamos os interesses físicos, artísticos, práticos, intelectuais e sociais.

Considerando os fatos aqui apontados e os objetivos estabelecidos em nosso trabalho, julgamos necessário abordar alguns aspectos relativos à prática do lazer entre nossa população e os diversos interesses que os estudantes manifestam nesta prática.

Conforme mencionamos anteriormente, o lazer existe em função do aproveitamento dado ao tempo livre. Este aproveitamento é feito em função de um único ou de vários interesses ou ainda entre alguns desses vários interesses. Por interesses no lazer, entenda-se "o conhecimento que está enraizado na sensibilidade, na cultura vivida" (DUMAZEDIER, 1980, p.110).

Os dados demonstraram que o tempo médio utilizado livremente pelos estudantes pesquisados, na prática de atividades de lazer é de 15 horas semanais. Nestas horas de lazer os interesses sociais — representados no questionário por aqueles alunos que assinaram preferir a prática de atividades sociais — foram apontados por parcela significativa da população (39,1%), ainda que não majoritária.

É bastante compreensível esta maior opção pelas atividades sociais representadas por reuniões, visitas, bate-papos, se levarmos em consideração a média de 21 anos de idade de nossa população.

22

Conforme mencionamos anteriormente, observamos nos

dias de hoje uma mudança das várias funções das instituições mais diretamente ligadas ao processo de socialização do indivíduo. Referimo-nos à família, à igreja, à escola e a certos grupos primários, cuja atuação tradicionalmente é mais intensa em comunidades ou centros urbanos menores. Através de movimentos sociais, o jovem conquistou para si uma maior autonomia no que diz respeito à utilização do seu tempo e do seu dinheiro, constituindo uma vida própria muito semelhante àquela do adulto e que, como este, também requer o lazer. Constatamos que, a despeito do curso de Psicologia se desenvolver em período integral, 68 estudantes exercem atividade profissional remunerada e 58 fazem trabalhos eventuais contribuindo, ainda que com pequena parcela, para reduzir as despesas familiares, podendo também dispor de alguma independência em seus gastos.

Aceitam, cada vez menos, que o seu tempo e as suas atividades sejam controlados pela escola ou pela família. Ao contrário, procuram dar a esse tempo livre uma orientação voltada para a satisfação de necessidades individuais ou sociais, sem utilidade social direta. Em pleno impulso de libertação e individualização, procuram o convívio com outros jovens, com modo de vida semelhante e que partilhem os mesmos interesses e ideais. Este apoio mútuo, configurado numa convivência em grupos, não só o auxilia na construção de sua própria autonomia interior como tem igualmente um papel socializante.

Assim, as festas, reuniões, bate-papos, os jogos de salão, enquanto atividades e relações desenvolvidas no lazer, exercem um papel importante na sua socialização. Esta nos parece ser a razão dessa preferência manifesta pelos estudantes pesquisados quanto à prática de atividades sociais no lazer.

Um outro componente do lazer no qual os estudantes parecem estar ligados diz respeito ao interesse que manifestaram pela cultura esportiva representada aqui tanto pela prática da atividade como pela assistência ao espetáculo. Observamos que "a ascensão dos valores do lazer que mudam as relações do homem com a natureza, dos homens entre si, do homem consigo mesmo, tendem a mudar os valores do esporte (DUMAZEDIER, 1980) Assim é que observamos uma tendência pa-

ra a prática cada vez maior das atividades esportivas, sobretudo ao ar livre, em oposição à vida que se desenvolve em circuitos fechados nos grandes centros urbanos.

Acreditamos que a atividade esportiva entre os estudantes venha de encontro não só a esta aspiração de melhor qualidade de vida, porquanto vivem numa cidade onde o espaço habitacional é cada vez menor, como também pelo fato da cultura esportiva também se oferecer como uma oportunidade de socialização e aprimoramento pessoal. Vale ressaltar que as atividades práticas ou manuais, por exemplo, obtiveram um porcentual pouco significativo na preferência de lazer entre os estudantes (1,8%). Supomos que este pouco interesse demonstrado pelas atividades manuais esteja associado ao fato de que se trata de um trabalho desenvolvido individualmente, de caráter utilitário ou recreativo mas de natureza mais transitória, atendendo a necessidades específicas de interação. *tal como se observa na prática das atividades esportivas ou sociais*

A prática das atividades manuais tem sido interpretada pela sociologia do lazer como uma necessidade sentida pelo homem para compensar o sentimento de frustração diante da realização de um trabalho dividido e mecanizado. Na medida em que os sujeitos de nossa pesquisa não têm ainda no trabalho, sua atividade principal, esta necessidade por assim dizer compensatória, não se faz sentir de maneira significativa. Por outro lado, quer nos parecer que a prática das atividades manuais não está muito ligada aos interesses de lazer destes estudantes tendo em vista a faixa etária de nossa população. Embora as pesquisas em nosso meio sejam quase inexistentes nesta área, uma enquete realizada em 1957 nos EUA revelou que a prática de jardinagem, por exemplo, aumenta regularmente com a idade, sendo que 42% dos que a praticam têm mais de 60 anos (apud DUMAZEDIER, 1980 p. 132).

Os interesses artísticos e intelectuais obtiveram porcentual significativo entre os estudantes, no que diz respeito à preferência no lazer. Na verdade, as fronteiras entre estes dois tipos de interesse são muito pouco nítidas e, conseqüentemente, difíceis de serem definidas. Um livro, por exemplo, pode nos levar a um maior conhecimento sobre determinado assunto e, portanto, ir de encontro a um interesse ~~esportivo~~ *cognitivo* ao mesmo tempo, pode nos levar a experimen

tar um profundo sentimento estético em relação à obra como um todo. O mesmo podemos afirmar em relação à um filme, uma peça de teatro ou a uma escultura. Permitem, desta forma, dois modos diferentes de conhecimento cuja aprendizagem é oposta, partindo-se que há, em ambos, uma parte de imaginação e outra de observação.

Para Dumazedier, os interesses intelectuais "são atividades voluntárias e, assim sendo, não incluem as atividades escolares, ou as universitárias, resultantes de uma obrigação imposta, seja pela família, ou pelo poder público. Ao contrário, estão fortemente ligadas à sensibilidade individual ou coletiva." (DUMAZEDIER, 1980 p.151). A mãe, por exemplo, que faz um curso sobre nutrição infantil revela estar preocupada com o desenvolvimento físico de seus filhos. O estudante que procura ampliar seu conhecimento sobre a profissão revela um interesse profissional, mesmo que isto ocorra em função do desejo de obter um salário mais alto ou uma posição social mais elevada. Daí dizermos que "não há atividade intelectual voluntária sem que haja, antes dela, uma inclinação, uma paixão." (op.cit.p.151). Neste sentido, o interesse, em ciência, é sempre estímulo à atitude cognitiva.

Por outro lado, a aquisição de conhecimentos não se limita, em nossos dias, ao ambiente escolar ou, em nosso caso específico, ao meio universitário. Ao contrário, há necessidade de que esse conhecimento seja aplicado, experienciado, enfim vivido, a fim de que possa, inclusive revelar o que tem de verdadeiro e de falso.

Tendo em vista estas considerações faz-se necessário esclarecer que nosso objetivo ao fazermos a distinção entre atividades artísticas e atividades intelectuais foi verificar uma possível preferência, entre os estudantes, por atividades mais voltadas para um conhecimento de tipo cognitivo ou de conteúdo estético. Assim, por atividades intelectuais, distinguimos a participação voluntária do aluno a cursos, círculos de estudos e estágios, frequentados com preferência no lazer. Tínhamos por intenção indagar sobre um possível interesse num processo de autoformação através do lazer; verificar o desejo de aquisição e de modificação dos conhecimentos. Em relação às atividades artísticas, enfatizamos a preferência, no lazer, pela

prática das artes plásticas, a frequência ao cinema e ao teatro dos quais não retiramos absolutamente o conteúdo informativo, que igualmente revelam, embora reconheçamos que este conteúdo informativo é um produto secundário, uma vez que o principal é de natureza estética.

Verificamos, assim, que entre os estudantes estas atividades se apresentaram de forma equilibrada quanto à preferência. As atividades artísticas foram apontadas por 18,5% da população e as atividades intelectuais receberam a preferência de 15,3%.

Constatamos, assim, que apenas uma parcela da população analisada mostrou-se mais inclinada à prática das atividades intelectuais no lazer. Nossa preocupação em verificar este interesse prende-se ao fato de encontrarmos na literatura, ou mesmo ouvirmos nas reuniões e conversas com professores, comentários sobre o pouco interesse que o estudante manifesta pela frequência à cursos, na participação em círculos de estudos e mesmo na realização de estágios. Enfim, haveria pouco interesse numa autoformação além daquela necessária à obtenção do grau superior. Verificamos que este desinteresse não se verifica, pelo menos no que diz respeito à população como um todo, sobretudo se considerarmos que os estudantes que manifestaram interesse pelas atividades intelectuais o fizeram como prática a ser realizada no lazer, deixando claro um caráter volitivo e espontâneo nessa prática. O que nos parece significativo é que estes estudantes revelaram dispor de menos tempo para lazer que os demais. Enquanto a maior parte daqueles que apontaram as atividades artísticas e sociais dispõem de 15 a 22 ou mais horas de lazer, os estudantes voltados para a prática das atividades intelectuais contam com menos de 14 horas semanais para o lazer.

Não podemos deixar de mencionar, a propósito, a preocupação que vem sendo apontada por estudiosos no assunto que consideram o sistema escolar como totalmente inadequado à cultura geral, vivida no lazer dos jovens ou dos adultos (DUMAZEDIER, 1980, p.105)

Conforme mencionamos o lazer surge, nas sociedades industriais, integrado a um amplo movimento de contestação social. Es

te movimento, embora tenha trazido muitas consequências benéficas gerou "como subproduto indesejável, o desprezo pelo bom senso disciplinado, pelo planejamento, pelas atitudes racionais e colocou a juventude em situação de ambivalência emocional perante a ciência." (FROTA-PESSOA, 1985, p.1133).

Assim, ensinar, numa era de contestação exige uma análise aprofundada do contexto e da cultura social vividos pelo estudante, para que a aprendizagem e a leitura se mostrem estimulantes e significativas, deixando um campo aberto para a autoformação.

Verificamos ainda que diante da leitura voltada para o curso, os alunos revelaram pouco interesse, a maior parte limitando-se à consulta da bibliografia básica. A maioria, no entanto, declarou fazer leituras não indicadas pelo professor para complementar seus estudos. Por outro lado, 92% dos estudantes afirmaram dedicar habitualmente algum tempo à leitura nas suas horas de lazer.

O problema parece se colocar não tanto em termos de uma crise de leitura entre os estudantes, mas talvez numa questão de interesses, uma vez que o aluno demonstra uma atitude ambivalente não só diante da ciência como aponta FROTA-PESSOA, mas também diante da leitura: aquela que é exigida no curso lhe é de pouco interesse, a que lhe interessa, não lhe é exigida, faz por conta própria.

Nossa observação advém do fato de que é frequente entre os alunos a leitura no lazer de jornais, revistas e também de livros. O tempo médio de lazer semanal (15 horas) é superior àquele que o aluno dedica à leitura e ao estudo (11 horas). A metade desta população adquire o material lido nas horas de lazer e aqueles que mais adquirem livros são também os que mais emprestam da biblioteca do IP.

A prática da leitura no núcleo familiar apresenta-se como frequente para a maior parte da população e a existência da leitura de lazer no próprio lar é constatada entre 17,6% da população.

O interesse na leitura está presente, as condições necessárias à sua prática também, embora a obtenção do material se dê

a nível sobretudo individual já que a participação de bibliotecas, no acesso às leituras do lazer é inexpressiva. A sociabilidade desenvolvida pela maior parte dos alunos nas horas de lazer, contribui para a obtenção do material possibilitando que 17,6% de nossa população se valha de colegas para obter as leituras feitas no lazer. Isto nos leva a inferir que a leitura, até certo ponto, integra o conteúdo das reuniões, bate-papos e outras atividades sociais cuja prática no lazer obteve a preferência dos estudantes pesquisados. Esta inferência é reforçada quando constatamos que 33% dos estudantes pesquisados fizeram sua última leitura no lazer em função de sugestão de amigo.

Assim, verificamos que o aluno lê, lê sobretudo a prosa de ficção, os romances clássicos e sobretudo os modernos, em suas traduções. Mas lê também ensaios e livros de psicologia "não indicados no curso", "por interesse no assunto", "por gostar do autor", em "decorrência de comentários feitos no curso". Enfim, lê porque a leitura parece vir de encontro a uma necessidade sentida.

Considerando que 64,7% da leitura realizada no lazer é constituída por obras de ficção, que necessidade seria esta para a maioria dos alunos?

Os etnólogos têm apontado que a ficção, quer na sua forma erudita ou popular, é a literatura mais antiga do mundo. Se o primeiro livro impresso, a Bíblia, é um livro religioso, não podemos deixar de lembrar que o segundo é um livro de aventuras onde a ficção já se mistura à realidade: "As aventuras de Marco Polo".

A literatura, sobretudo a de ficção, parece atender a uma profunda necessidade humana e seria ingênuo atribuímos sua popularidade a um interesse apenas lucrativo por parte de editores tendo em vista a posição que ocupa no mercado editorial brasileiro.*

A literatura é vista como uma necessidade de cada in-

* De um total de 12745 títulos editados em 1982, 3565, ou seja, 28% destes títulos pertencem à literatura brasileira (14,4%) e estrangeira (13,5%) (HALLEWELL, 1985, p.617).

divíduo, pois "o homem não pode viver integralmente se não tem alimentada sua necessidade de fantasia, de sonho, de ilusão, de aventura... isto é, se a parte lúdica de seu ser não é satisfeita. (COELHO, 1974, p. 164. Anexo 2).

Não podemos retirar da literatura, sobretudo a de índole humanista, a função de identificação que estabelece com o leitor, levando-o a uma liberação de sentimentos. Por outro lado, a literatura pode favorecer, enquanto forma de expressão, o desenvolvimento ou a criação entre os jovens, de novas estruturas mentais, afetivas e linguísticas. (LAUNAY, 1974, p.132).

Esta função da literatura poderia estar presente no grupo de estudantes por nós pesquisados, se procurarmos ver o interesse manifesto pela ficção um pouco além do entretenimento. É, por assim dizer, uma outra forma de conhecer, de participar de um amplo imaginário e voltar, ao seu momento particular, para percebê-lo não mais como algo isolado mas integrado a outros possíveis momentos.

Constatamos, entre os estudantes pesquisados, interesse na leitura de autobiografias, depoimentos, relatos de experiências pessoais, alguns dos quais apontados com frequência entre esta população (ver relação das leituras feitas no lazer no anexo G) Entretanto, o maior número de citações é para os romances clássicos e modernos da literatura nacional e estrangeira. Na literatura nacional apontada constatamos a presença de autores contemporâneos cujas obras têm tido uma ampla penetração no mercado livreiro: Loyola Brandão, Rubens de Paiva, Fernando Sabino, Zélia Gattai, Luís Veríssimo, entre outros. Constatamos também a presença da literatura estrangeira de origem européia na leitura de autores como Thomas Mann, Herman Hesse, M. Yourcenar, Umberto Eco, entre outros.

É predominante, entretanto, a leitura de best sellers da literatura norte americana representada por vários autores entre os quais Leon Uris, ^mJames Clavell, Sidney Sheldon, F. Forsyth, Simmel e muitos outros. //

As preferências dos estudantes sobre leitura de lazer

foram estudadas também por DAVIS que constatou, com base nas listas de livros mais vendidos nas livrarias dos campi, compilada pelo Chronicle of Higher Education (1970 a 1972), que os estudantes lêem muitos dos best sellers lidos pelo público em geral. Muitas vezes é o filme, que tem seu roteiro baseado no livro que leva o estudante à leitura do best seller. (DAVIS, 1975).

Knapp também constatou a preferência por best-sellers entre estudantes universitários concluindo que

"... a maioria dos estudantes universitários continuará a ser, como a maioria dos outros adultos, consumidora dos meios de comunicação de massa, incluindo, é claro, os livros que recebem distribuição de massa" (KNAPP, 1968, p.303).

Acreditamos que uma das razões desta preferência acentuada pela leitura de best sellers, sobretudo de ^a literatura norte americana parece estar na facilidade de acesso a esta literatura proporcionada pela indústria cultural através de centros de distribuição do livro entre os quais tem presença marcante, também no meio universitário, o Círculo do Livro, empreendimento conjunto da Editora Abril com a firma alemã Bertelsmann A.G. (HALLEWELL, 1985, p. 565). O sistema da Bertelsmann baseia-se na distribuição, através de vendedores domiciliares, de uma revista promocional mensal e gratuita, da qual pelo menos um livro deve ser encomendado para se continuar filiado ao clube. Através de consulta a essa revista, verificamos que a maior parte das traduções norte americanas lidas pelos alunos são publicações distribuídas pelo Círculo do Livro. //

A seleção feita pelo leitor fica restrita àquilo que é oferecido e divulgado na revista/catálogo.

A literatura estrangeira — sobretudo as traduções norte americanas — domina o mercado de ofertas, em função do impacto promocional de que esses lançamentos se revestem, o que pode ser constatado na consulta à própria revista.

Assim, verificamos que a prática da leitura de ficção no lazer é, até certo ponto, dirigida. Não é o aluno que vai em busca do livro, mas é o livro que vem ao seu encontro já com o selo de garantia de "mais vendido". Não nos surpreende que da lista de livros lidos no lazer não constem autores como Josué Montello, José Candido de Carvalho, Guimarães Rosa, Adonias Filho e outros grandes escritores modernos brasileiros. Os estudantes de nossa população provavelmente não os conhecem porque deles não se fazem promoções e, como pouco se valem de livrarias para escolha de livros* nem contam com bibliotecas para atendê-los prontamente nesse tipo de demanda, pelo menos no campus universitário, valem-se do serviço de livros a domicílio que, se não é o melhor, é o mais fácil. O fato bem demonstra a importância da divulgação e do acesso ao livro, sobretudo nacional, quando se fala em disseminar a prática da leitura e valorizar o autor nacional em nosso meio.

A literatura, sobretudo a de ficção, é uma necessidade que parece existir em cada um de nós, entretanto,

"a indústria cultural ocupou um espaço muito grande em nossa sociedade e esta beleceu uma espécie de 'isso me basta' no meio das possibilidades da classe média. O homem tem necessidade de sonho, mágica, de mistério, de viagem, de criação estética, de investigação ontológica, de história. E realiza esse desejo seja num romance de cordel do nordeste ou numa sofisticação tipo "Finnegans wake", de Joyce. Ou numa conversa ao pé do fogo." (ANGELO, 1980, p.7)

* Ver a Tabela nº 42 que apenas 4,7% da população declarou ter selecionado sua última leitura quando da visita a livraria e apenas 3,6% fez esta seleção em biblioteca. *de*

Se a literatura já foi considerada uma forma simbólica habitual de transmissão de valores e explicação do mundo, em nossos dias, esta sua função é compartilhada com várias outras formas dentre as quais destacamos os meios de comunicação de massa. Assim, "a prática da linguagem literária vai ficando difícil. O aluno entende pouco, dispõe de um vocabulário limitado. E não são o aluno do secundário, o universitário também. Hoje, estamos em plena crise do discurso, aplaudida por uns e pranteada por outros." (BOSI, 1974, p. 11).

Resta-nos assim indagar se a maior presença da leitura de best sellers, alguns dos quais nem são best sellers e de caráter visivelmente consumista, poderia ser explicada em função de uma dificuldade básica cultural que se expressaria sobretudo numa maior dificuldade de interpretação do texto literário.

Com índices bem próximos à prosa de ficção constatamos a preferência entre os alunos, pela leitura no lazer de revistas noticiosas tendo as revistas "Isto é" e "Veja" recebido o maior número de citações. As revistas de divulgação científica sobretudo aquelas publicadas na área da Psicologia (Psicologia Atual, Psicologia Contemporânea) também obtiveram número significativo de citações entre os alunos. (Ver Anexo E). Já as revistas de caráter científico receberam apenas 32 citações e foram apontadas como leitura frequente por apenas 22 alunos.

Verificamos, assim, que a leitura de lazer dos estudantes pesquisados, em termos de maioria, não parece se distinguir da leitura feita pelo público consumidor dos meios de comunicação de massa em geral, incluindo aqui tanto os livros quanto as revistas voltadas para uma ampla distribuição de massa.

As expectativas do professor e talvez dos colegas, não são os únicos elementos que determinam a prática da leitura entre estudantes universitários. Outros fatores se acham presentes entre os quais destacamos os recursos disponíveis, quais são e como são oferecidos. A leitura, o estudo e a elaboração de trabalhos voltados para o curso parecem ser bastante afetados pela disponibilidade e a-

acesso a esses recursos, proporcionados sobretudo pela estrutura universitária. Nessa estrutura as bibliotecas ocupam lugar de destaque sobretudo pela função social que lhes cabe e pelas contribuições que delas se espera na consolidação e disseminação da leitura. No meio universitário, destacamos seu papel de órgão de apoio às atividades de ensino e pesquisa.

Nosso objetivo, a partir desta colocação será avaliar a contribuição que a biblioteca do IP empresta a estas atividades e qual a opinião que o estudante manifesta diante de sua atuação.

2.3. A leitura vista através do uso da biblioteca do IP

Na introdução deste trabalho apontamos para o fato de que as universidades são fenômenos novíssimos em nossa cultura, por causa do nosso tipo de colonização (MIRANDA, 1980, p.19). No entanto, se estas universidades são recentes e quando de sua formação apresentavam uma estrutura simplificada, oferecendo as clássicas carreiras liberais; neste último decênio, o número de matrículas no ensino superior triplicou e o elenco de cursos oferecidos chega quase a meia centena. Quer nos parecer, entretanto, que a universidade brasileira não se achava preparada para enfrentar tal expansão, "nem possuía a flexibilidade necessária para oferecer produto universitário amplamente diversificado e capaz de satisfazer às solicitações de um mercado de trabalho cada vez mais diferenciado" (SUCUPIRA, apud LOUREIRO, s.d., p.440). Ao que parece a universidade ganhou em números mas perdeu na qualidade. Não são poucos os estudos e artigos que apontam para um novo estudante universitário: um aluno de um nível cultural insatisfatório até para redigir ou fazer uma leitura reflexiva e conseqüentemente, pouco capacitado para pensar e se expressar.*

Até que ponto tal situação estaria presente na unidade universitária na qual se desenvolveu esta pesquisa, foi uma das

* Dentre estes estudos destacamos as contribuições de ROCCO (1974, p.10; 1982); DURAN (1981); MILANESI (1983, p.66).

perguntas que nos desafiou a buscar dados que nos informassem ou permitissem fazer inferências para respondê-la. Pela nossa presença constante no Instituto de Psicologia, tivemos sempre oportunidade de muitos contatos com os docentes, cujas opiniões sobre a biblioteca sempre foram manifestadas até em conversas informais. Quanto aos estudantes, no entanto, reconhecíamos que muito nos faltava conhecer diretamente sobre suas opiniões ou atitudes sobre o assunto. E, na verdade, o conhecimento de como a biblioteca é percebida e utilizada por eles, é fundamental sob vários aspectos. Uma delas seria como aperfeiçoar os serviços prestados pela biblioteca ou para ampliá-los. Diz TAYLOR que "não basta orientar o usuário para o uso de bibliotecas mas é imprescindível orientar a biblioteca em função do usuário" (TAYLOR, 1970, p.5). O outro aspecto seria compreender as razões que levam ou não o aluno a utilizar o material bibliográfico ao seu alcance na biblioteca do IP, quer indicado pelos docentes, quer para complementar sua formação.

Noossa preocupação em verificar se os estudantes em questão já haviam tido a experiência de uso de bibliotecas antes de seu ingresso no curso superior é explicável. Realmente, grande parte deles (72,3%) já frequentaram a biblioteca de sua escola secundária, ou mesmo alguma biblioteca pública.

Embora de há muito se reconheça a importância de que a criança participe, desde cedo, de atividades que envolvam a leitura, não podemos aqui avaliar o quanto esta experiência do aluno no curso secundário foi significativa em sua vida, principalmente pela forma como geralmente é realizada.

A linguagem mais comum destes alunos traduz a necessidade de realizar algum trabalho de "pesquisa solicitado pelo professor. Ora, o que nos têm informado muitos Bibliotecários é que tais pesquisas praticamente se limitam à cópia de textos, em geral de enciclopédias, e, não raro, já selecionados (e até xerocopiados) para possível acesso ao número de alunos que procuram dadas informações, em datas históricas ou a algum assunto obrigatório do programa. Este fato não escapa ao conhecimento dos próprios docentes, e já tem sido objeto de críticas apontadas em trabalhos diversos.

A pesquisa, recomendada pela metodologia moderna de ensino se converte, na maioria das vezes em cópia. A biblioteca, por sua vez, passou a colaborar no atendimento a esta exigência escolar, contribuindo para que esta tarefa fosse cumprida com o menor esforço e aborrecimento possíveis.

Assim, não podemos esperar que a frequência do estudante à biblioteca, em período anterior ao seu ingresso na universidade, represente uma experiência positiva e enriquecedora na busca e ampliação de conhecimentos. Acreditamos, inclusive, que este aprendizado de caráter mecânico, e reprodutivo a que nos referimos se reflita na aprendizagem no nível superior.

No que diz respeito à frequência dos estudantes à biblioteca do Instituto de Psicologia, constatamos que 83,3% de nossa população a ela se dirige no mínimo uma vez por semana. Verificamos que esta frequência está bastante relacionada ao tempo que o aluno dedica ao estudo, à leitura e à elaboração de trabalhos para o curso.

Analisando a razão que alegaram para ir à biblioteca em sua última visita, constatamos que o aluno procura a biblioteca sobretudo para retirar e devolver material bibliográfico. Considerando o tempo de que dispõem para estudo e leitura (11 horas semanais em média) não nos parece satisfatória a alegação de que só tenham tão pouca disponibilidade para estudar, num curso em que há horários livres, e bastante flexibilidade na composição das matérias anuais pelo próprio aluno (com exceção das disciplinas que exigem pré-requisitos).

Quanto ao fato do aluno declarar que usa com maior frequência o livro didático em português (267 citações apontadas na Tabela nº 28) e que 83,3% dos alunos lêem no mínimo a bibliografia básica obrigatória, inferimos que sua frequência à biblioteca se faz sobretudo em função da consulta ou empréstimo desta bibliografia indicada pelos professores nas várias disciplinas do curso. Constatamos, assim, que o acervo da biblioteca é parcialmente utilizado uma vez que o empréstimo, razão maior do uso, se concentra nesta biblió-

grafia, com subutilização de parte significativa da coleção de livros. Não temos dados para generalizar para outras unidades universitárias, mas cabe aqui lembrar estudo de LIMA (1982) sobre o uso de coleções na Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco. Constatou, exatamente, que o empréstimo se concentra em parte limitada da coleção, com uso de apenas 16,5% do acervo destinado à circulação. De nossa parte, contamos com uma experiência profissional que nos permite supor que, de fato, há uma tendência acentuada nesse sentido e confirmada, sobretudo, pelas coleções em reserva.* Essas coleções são formadas a partir de livros indicados na bibliografia básica das várias disciplinas, textos estes considerados fundamentais. Estes pequenos acervos recebem o maior índice de demanda por parte dos estudantes, mostrando um comportamento não tão empenhado num aproveitamento máximo que, em termos, poderia ser tentado através dos recursos disponíveis. Encontramos, na literatura, alguns reflexos dessa prática onde se observa que

"Em algumas bibliotecas universitárias é possível, através do visual das lombadas dos livros, descobrir os espaços de livros "adotados". Onde existirem vários livros semi-destruídos pelo uso, sabe-se que são obras usadas regularmente (por vários anos seguidos) como obras para provas ou seminários. A sequência mostra livros conservados que não mereceram a atenção por estarem excluídos da categoria dos "adotados" (MLANESI, 1983, p. 68).

A análise da bibliografia recomendada nas várias disciplinas do curso nos permitiu constatar que o uso de revistas, mesmo as nacionais, entre os estudantes do curso de graduação por nós pesquisados, não existe. Dentre os itens mencionados não encontramos

↳ de 474 → M as periódicos

* O termo reserva advém do fato de que o material bibliográfico incluído nesta coleção não pode ser retirado para empréstimo ou, este empréstimo é feito por poucos dias.

referenciar

nenhuma referência a artigos de revistas ou periódicos. Esta constatação é ainda reforçada pelo fato de verificarmos que apenas 22 alunos de nossa população (7,8%) declararam consultar revistas científicas com regularidade. Dentre os 32 títulos apontados por estes estudantes apenas 21 pertencem à área da Psicologia. Ainda que o número de revistas nacionais seja pequeno, era de se esperar que o seu uso se mostrasse mais significativo.

A diversidade de materiais e coleções parece ter um efeito estimulante sobre a leitura. A leitura primordial ou mesmo exclusiva de livros didáticos ou manuais, num curso universitário, deve ser criticada por dar ao aluno uma imagem um tanto quanto simplista da diversidade de publicações de importância para o estudo e o conhecimento atualizado.

Tudo indica que o aluno tem noção deste ensino centrado no livro e parece compensar esta leitura através da consulta a revistas de divulgação científica na área da Psicologia. Constatamos que estas leituras são apontadas como de consulta regular tendo recebido número significativo de citações entre a população. (Ver Anexo D). Na tabulação das questões abertas comprovamos mais uma vez este interesse por parte dos alunos que o expressaram por meio de sugestões como: aquisição de mais periódicos em língua portuguesa, aquisição de maior variedade de materiais, mais revistas nacionais, aquisição de maior quantidade de livros não-didáticos ou extra-curriculares.

Pesquisa realizada entre estudantes de pós-graduação em ciências biológicas e humanas da USP constatou que 31,4% destes estudantes não tinham o hábito de consultar periódicos embora estas publicações constituam instrumentos imprescindíveis à pesquisa universitária e ao conhecimento atualizado (MACEDO, 1980).

Tínhamos a preocupação de aferir o grau de satisfação do estudante quando de sua última visita à biblioteca. Foi possível constatar que 80% de nossa população declarou ter sido atendido em sua solicitação. Dentre as dificuldades encontradas pelos alunos que não tiveram sua solicitação atendida constatamos que essa insatisfação recaí sobre a coleção considerada insuficiente (o material de

seu interesse estava emprestado) ou incompleta (a biblioteca não possui o material que desejava).

Estes resultados se mostraram bastante semelhantes àqueles encontrados por LIMA e LEITE (1982, p.39) em que as autoras identificaram um alto grau de satisfação na obtenção do material necessário pelos estudantes. As causas mais comuns de insatisfação foram material emprestado ou desaparecido.

Outro motivo de insatisfação apontado pelos estudantes quando de sua última visita à biblioteca foi o barulho. A natureza do trabalho desenvolvido nas bibliotecas requer um ambiente agradável que atraia as pessoas e isto deve ser levado em consideração quando do planejamento de áreas destinadas a bibliotecas.

Sommer, tendo realizado estudos sobre o uso de áreas de leitura em bibliotecas universitárias e as várias estratégias de que o estudante se vale para organizar o espaço pessoal, nos diz que

"A conexão entre barulho que atrapalha e áreas públicas não é tão simples como parece à primeira vista. Há evidência, não só através de nosso estudo, mas também de outros, realizados em outros ambientes, que o barulho é mais percebido e atrapalha mais contra um fundo silencioso do que contra um ambiente com atividade normal" (SOMMER, 1979, p.246)

Quando da tabulação das questões abertas verificamos que a queixa dos estudantes se referia ao barulho causado pela proximidade existente, por ocasião desta pesquisa, entre o balcão de empréstimo e a sala de leitura.

Neste sentido BASKER & BRETTELL (1982) estudaram o uso de assentos na Frewen Library of Portsmouth Polytechnic e verificaram sua interdependência com outros serviços prestados pela biblioteca, principalmente empréstimos.

Procuramos indagar se o uso de bibliotecas pelos estudantes estava restrito à biblioteca do IP ou se consultavam outros acervos, dentro ou fora do campus. Constatamos que a maior parte das citações se referiu ao uso de outras bibliotecas da própria USP. Verificamos ainda número significativo de citações em relação à opção por "biblioteca particular própria".

Constatamos, mais uma vez, a importância do acesso na obtenção do material ou da informação de interesse. LINE e TIDMARSH (1966) realizaram pesquisa buscando determinar o comportamento dos estudantes no uso da biblioteca de Southampton University e constataram igualmente um declínio no índice de utilização de bibliotecas fora da universidade.

Observamos entre nossa população um uso relativamente pequeno de outras bibliotecas, mesmo em relação àquelas existentes no próprio campus. Acreditamos que esta forma de utilização se deva, em parte, à ausência de medidas de caráter geral e uniforme por parte do conjunto das bibliotecas da própria universidade, visando agilizar os procedimentos relativos ao empréstimo de publicações pelos alunos, independentemente da unidade à qual estejam matriculados. É possível constatar no Anexo F a solicitação dos alunos para que o empréstimo entre bibliotecas se torne mais fácil e rápido.

Mostra-se, portanto, oportuno conhecer a opinião do aluno sobre a biblioteca do IP por ser aquela de que mais se servem e com a qual mantêm o que chamaríamos até de intimidade com a literatura pertinente ao curso, tão decisiva no desempenho acadêmico e, certamente, na sua formação mais completa para o seu futuro profissional.

Nosso objetivo era obter estas opiniões principalmente quanto a: 1) qualidade do atendimento; 2) horário de atendimento; 3) orientação no uso; 4) prazo de empréstimo; 5) local para estudo. Por outro lado, queríamos que o aluno se sentisse livre para opinar sobre quaisquer outros aspectos que lhe parecessem relevantes e merecedores de destaque. Neste sentido, incluímos uma questão aberta (a de nº 26) para que esta opinião se fizesse sem qualquer restrição.

Constatamos que o aluno se valeu não só deste mas também de outros expaços para opinar sobre a biblioteca. Por exemplo, a questão de nº35 em que solicitamos ao aluno que fizesse seus comentários finais e sugestões, foi por ele utilizada para introduzir ou reiterar sugestões, opiniões e reivindicações para a biblioteca.

Assim sendo, nossa discussão sobre a opinião do aluno em relação à biblioteca do IP procurará enfeixar todos estes comentários feitos em diversos pontos do questionário.

A qualidade do atendimento oferecido pelo pessoal da biblioteca foi considerada por 69% dos estudantes como, no mínimo, boa. As restrições quanto a esse atendimento recaíram sobre o número de atendentes, considerado insuficiente o que nos parece ser avaliado pelo aluno em função do tempo que aguarda para ser atendido nos horários de maior movimento. Alguns estudantes declararam que a qualidade do atendimento varia, dependendo do funcionário que os atende.

O uso dos recursos bibliográficos depende em muito do conhecimento que o estudante tem sobre como explorar estes recursos. Dentre os fatores que determinam a pouca utilização das bibliotecas, destacamos a "falta de noções de uso de bibliotecas por parte dos estudantes, e mesmo também por parte dos professores" (KREMER, 1984, p. 35).

Constatamos, em nossa pesquisa, que o aluno tem consciência deste seu despreparo e de quanto isto o limita em suas buscas bibliográficas e no desenvolvimento de seus trabalhos. Embora 43,7% de nossa população tenha considerado a orientação no uso entre bom e ótimo, verificamos que parcela significativa destes alunos sente necessidade de melhor orientação no uso dos recursos. Neste sentido ressaltamos mais uma vez a pouca tradição de uso de bibliotecas em nosso meio tendo esta pesquisa constatado que 27,7% dos estudantes pesquisados não se utilizaram de bibliotecas no período anterior ao curso universitário. Desta forma, torna-se ainda mais necessária esta orientação para que o aluno não se sinta perdido e desmotivado diante do esforço que sente ser necessário dispender para através de um penoso caminho de ensaio e erro alcançar o objetivo pretendido.

As bibliotecas das escolas secundárias, quando existem, se concentram no fornecimento da literatura de cunho didático e não estimulam a formação de grupos de estudos ou outras atividades adequadas às condições específicas da escola. Assim, os estudantes que ingressam na universidade encontram dificuldades para realizar um estudo de caráter independente. As fontes de informação lhes são pouco familiares e as suas técnicas de investigação quase sempre não vão além da consulta a dicionários e pequenos catálogos alfabéticos. Assim, estes alunos atravessam um período de adaptação relativamente difícil e que tem um efeito inibidor. Pudemos comprovar esta situação quando apontamos para o fato de que é menor o número de alunos que fazem leituras complementares ao curso no 1º e 2º anos do curso. A partir do 3º ano este percentual aumenta significativamente. Acreditamos que a realização destas leituras esteja relacionada a um maior domínio no uso da biblioteca. Cabe ressaltar que a orientação prestada aos alunos pela biblioteca do IP é de caráter individual e feita através do serviço de referência*. Este serviço é destinado a todos os usuários e o seu desempenho junto ao corpo docente e aos estudantes ligados à pesquisa tem gerado um alto nível de satisfação. Considerando, entretanto, o conjunto numeroso de alunos no curso de graduação faz-se necessário que esta orientação seja feita de uma forma coletiva, obedeça a um conteúdo programático pré-estabelecido e se faça em função de uma prática que só pode ser justificada se realizada junto a uma ou várias disciplinas. A esse respeito GELFAND afirma que "o uso da biblioteca se torna um método educacional por si só, tanto quanto o curso tradicional e as discussões de grupo" (1968, p.27). Assim, para que os recursos bibliográficos sejam utilizados em nível satisfatório é necessário que haja uma interação biblioteca/ensino no sistema universitário de forma a colocar o estudante no centro do processo de comunicação educacional.

Há que considerar um pouco mais detidamente alguns dos pontos abordados e confirmados pelas opiniões dos alunos. A barreira linguística — ao que parece inaceitável, em regra, para estudantes universitários — apresenta-se como um fator de destaque na utiliza-

* Serviço de Referência, em princípio, "é a assistência pessoal, especializada, dada pelo bibliotecário ao usuário que deseja obter uma informação específica para propósitos que envolvem, entre outra coisa, estudo e pesquisa (MACEDO, 1985).

ção dos recursos disponíveis. Essa barreira é apontada na solicitação de "mais livros nacionais", na "aquisição de mais periódicos em língua portuguesa". E na verdade, o livro didático em português foi apontado como o mais utilizado, não obstante seja ainda muito pobre o acervo de traduções em nosso meio.

O alto índice de consulta à bibliografia básica e o prazo considerado insuficiente para o empréstimo de livros está representado nas opiniões através de número significativo de citações relativas à "aquisição de maior número de exemplares dos livros indicados pelos professores" na medida em que "consideram o número de exemplares desses livros insuficiente".

Podemos constatar que, a despeito do atendimento ser considerado bom, a tônica em relação à coleção é ser esta insuficiente e incompleta ("faltam livros indicados na bibliografia básica, livros de leitura extra-curricular, livros atuais, livros importantes para a formação"). Ainda que o maior número de citações esteja voltado para a bibliografia de leitura obrigatória, revelando o seu caráter primordial, os demais aspectos apontados indicam que pelo menos uma parcela destes alunos vai além desta bibliografia e procura explorar os seus recursos, não encontrando talvez a estimulação que seria necessária. Neste sentido verificamos que solicitam muitas vezes, maior número de livros sobre assuntos já existentes no acervo mas que apresentam pouca variedade no material. Observamos, no Anexo B, os assuntos que foram objeto de menção nas citações para aquisição de maior número de livros. Constatamos que há alguma relação entre os assuntos mencionados e os cursos que realizam fora do ambiente universitário sobretudo no que diz respeito a Arte, Filosofia, Religião, Astrologia, Mitologia, entre outros. Por outro lado, vale ressaltar a solicitação para livros da literatura representada pelos autores: Dostoiévsky, Kafka, Proust, Machado de Assis, Mario de Andrade, entre outros. A expectativa de que a biblioteca inclua em seu acervo aquelas leituras feitas no lazer também se expressa na sugestão para aquisição de jornais, revistas de atualidades e revistas de divulgação científica na área.

Problemas estruturais, bastante ligados à própria situação econômica vivida pelo país impediram que as bibliotecas da

universidade como um todo e a do Instituto de Psicologia em particular recebessem dotação orçamentária capaz de permitir uma atualização permanente e a ampliação do acervo bibliográfico, principalmente em termos do rápido desenvolvimento da Psicologia.

Apontamos para a importância do acesso ao material de interesse na leitura, o papel da orientação no uso dos recursos e alguns outros fatores que têm influência direta na prática da leitura e no uso de bibliotecas em geral mas que aqui circunscrevemos à prática realizada pelos estudantes por nós pesquisados.

Cabe-nos abordar, entretanto, que a biblioteca deve ser também um local agradável, que convide o estudante a nela permanecer pois "o ambiente de leitura pode exercer uma influência importante, embora esta influência não possa ser detectada de um dia para outro" (STOICA, 1977, p.331). Em nossos dias, colocar qualquer obstáculo entre os leitores e os documentos e mesmo adotar procedimentos rígidos, morosos e burocráticos, é reduzir, ou mesmo anular, o papel essencialmente formativo da biblioteca.

A presença de condições favoráveis à leitura constitui um elemento situacional relevante para o estudante. Compreende-se o fraco incentivo para se permanecer numa biblioteca pouco iluminada, abafada, insegura até, que nos abrigou por 13 anos. Por esse motivo não podemos deixar de manifestar o entusiasmo que sentimos ao ver se completar o novo prédio do Instituto de Psicologia, destinado à biblioteca, eliminando os problemas ambientais apontados. No entanto, muitos são os fatores que, além desses, concorrem para facilitar ou dificultar as funções básicas previstas para o bom aproveitamento dos recursos da biblioteca do Instituto de Psicologia, ao alcance dos estudantes.

CAPÍTULO IV

SÚMULA DAS CONCLUSÕES

Procuramos estudar a natureza do aluno/leitor do curso de graduação do Instituto de Psicologia da USP através de uma análise envolvendo uma série de variáveis interrelacionadas que, em conjunto, nos permitiram conhecer um pouco mais sobre este estudante nos seus hábitos de leitura.

Buscamos, para tanto, três momentos que nos pareceram significativos na experiência do estudante universitário como leitor: a leitura enquanto prática acadêmica; a leitura como lazer e, por fim, os possíveis reflexos de tais experiências no uso da biblioteca do IP e, quem sabe até, de outras bibliotecas.

Visando ainda conhecer melhor o estudante de Psicologia, não poderíamos perder de vista seu contexto sócio-cultural. Isto nos levou a considerar diversas variáveis, possivelmente necessárias para o levantamento de algumas características dos alunos e não apenas seu comportamento frente à biblioteca do IPUSP, como algo independente.

Destacaremos, a seguir, as principais conclusões a que chegamos, segundo os dados coletados através das respostas aos questionários e de observações pessoais

- A população estudada é predominantemente feminina, tem idade média de 22 anos; provêm, na sua maior parte, de famílias onde a escolaridade paterna é de nível superior e a materna de nível médio. Pretendem, através do curso, maior participação social e profissional. Declaram ter, na Psicologia Clínica, a área de interesse

principal para atuação. Na aquisição de conhecimentos demonstraram interesses diversificados porém centrados na área das ciências humanas.

- A leitura integra o conjunto das atividades habitualmente desenvolvidas pelos alunos. No entanto, constatamos que, neste conjunto, o aluno não prioriza, em geral, a leitura voltada para o curso em função, ao que parece, do pouco interesse pelos textos indicados.
- A maior parte dos alunos lê apenas a bibliografia básica indicada nas várias disciplinas do curso. Este fato parece ser em parte determinado pelo tempo médio semanal que dedicam ao estudo, à leitura e à elaboração de trabalhos.
- A leitura de livros não indicados no curso é feita pela maior parte dos estudantes e também se mostrou relacionada ao tempo dedicado pelo aluno ao estudo e à leitura. Essa leitura apresentou-se mais frequente a partir do 3º ano e parece estar igualmente relacionada a um maior uso da biblioteca, este último menor entre os alunos dos primeiros anos do curso.
- A maior parte dos alunos dedica habitualmente algum tempo à leitura, no seu lazer. Manifestaram acentuada preferência pela prosa de ficção, representada pelos romances da literatura clássica e moderna e principalmente, pela leitura de best sellers da literatura norte americana. As revistas noticiosas e de divulgação científica foram apontadas, logo após a ficção, ^{a leitura de jornais} como leituras preferidas no lazer.

A leitura de livros didáticos, paradidáticos e de informação científica nas horas de lazer, é feita por pequena parcela da população: (26,2%)

- A leitura feita por livre vontade e em função de interesse próprio tem um circuito intermediado pelos vários tipos de relações que estes estudantes mantêm com diferentes pessoas. As atividades sociais (reuniões, visitas, jogos) exercem influência na eleição

das leituras que passam a fazer. Ficou patente que as leituras realizadas no lazer são em parte determinadas pela facilidade de acesso ao material de ampla divulgação para consumo.

- A prática da leitura no núcleo familiar mostra-se frequente. Comprovou-se uma estreita relação entre a frequência da leitura entre os membros da família e o nível de escolaridade dos pais. São poucos os alunos que não dispõem de condições favoráveis à leitura no lar ou no ambiente de residência.
- A maior parte dos estudantes que participaram da pesquisa teve oportunidade de utilizar alguma biblioteca no período anterior ao ingresso na universidade. Destacou-se a frequência à biblioteca da escola secundária e à biblioteca pública. Ainda que menos citada, foi significativa a presença da "biblioteca particular própria" entre os alunos pesquisados.
- A participação da biblioteca do IP nas atividades de estudo e leitura dos alunos se faz sobretudo em função da didática adotada em cada uma das disciplinas, nem sempre similar. A maior parte dos estudantes pesquisados frequenta a biblioteca do IP e nela obtém o material de leitura indicado. O acesso ao material por compra é feito por parcela mínima da população. A participação de outras bibliotecas do campus tanto na obtenção do material referente aos cursos, ou mesmo ao lazer, não é significativa do ponto de vista quantitativo.
- Dentre os recursos bibliográficos disponíveis na biblioteca do IP — pouco utilizados pela maioria dos alunos — o livro didático em português é o material procurado com maior frequência. O uso de outros materiais tais como revistas, dicionários, enciclopédias é feito por pequena parcela de estudantes. O material bibliográfico estrangeiro é pouco utilizado evidenciando a existência de barreira linguística na leitura de textos na área da Psicologia.
- Quanto à opinião dos estudantes sobre a biblioteca do IP concluímos que:

- . A maior parte da população considera bom o atendimento oferecido pela biblioteca mas declarou necessitar de maior orientação para se utilizar com maior benefício dos recursos disponíveis.
- . O horário de atendimento ao público leitor não corresponde à expectativa de parcela significativa da população que sugere a sua extensão.
- . Os principais comentários feitos em relação às coleções apontam para a necessidade de maior atualização do acervo, para a aquisição de maior número de exemplares dos livros indicados na bibliografia básica. O acervo foi ainda considerado incompleto quanto à bibliografia recomendada nos cursos e quanto à inexistência de livros de leitura extra-curricular.
- . As condições ambientais mostraram-se extremamente inadequadas ao uso frequente da biblioteca pelos estudantes. O barulho, o espaço físico reduzido, a má ventilação e a ausência de salas para estudo individual e em grupo foram os aspectos que receberam o maior número de críticas por parte dos alunos pesquisados. Lembramos que esta pesquisa foi realizada antes da mudança para as novas instalações da biblioteca do Instituto de Psicologia, em 25 de junho de 1985.

As conclusões aqui apontadas nos permitem acreditar que este estudo tornou possível ampliar, ainda que modestamente, nossa percepção e conhecimento do aluno do curso de graduação do Instituto de Psicologia. Foi possível também avaliar o espaço que a leitura ocupa na vida da população por nós estudada e constatar a presença de fatores provenientes não só do meio universitário mas de contextos vários vividos pelo estudante. A análise de diversas variáveis levou-nos a confirmar que se o aluno faz da leitura um ato individual e livre não quer isto dizer que este ato exista de forma isolada ou independente. O estudante por nós focalizado mostrou-se bastante influenciado por fatores psicossociais que determinam a maior ou menor presença da leitura nos vários contextos de que tem participado durante a sua vida: o familiar, o escolar, o universitário especialmente, e outros grupos sociais.

Devemos lembrar contudo que a realização de estudos similares a este em outras unidades ou universidades viria permitir um levantamento mais significativo do conhecimento sobre a leitura do estudante universitário. Por exemplo, seria de interesse que estudos semelhantes fossem realizados com estudantes de outros cursos, inclusive para fins comparativos.

Em suma, concluímos que a leitura do aluno do curso por nós focalizado é um fato que ocorre como resultante de uma série de variáveis interrelacionadas.

ANEXOS

ANEXO A .

QUESTIONÁRIO UTILIZADO COMO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

NÃO
PREENCHER
ESTA COLUNA

REGISTRO 1

<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
1	2	3
1		
4		

Questionário nº

DADOS PESSOAIS:

SEXO: M F

IDADE (em anos)

Em que ano você está do curso de psicologia?
Considere a maioria das disciplinas do currículo em que
está matriculado(a). Indique ~~o ano em que está matriculado(a)~~.

- 1º ano _____
- 2º ano _____
- 3º ano _____
- 4º ano _____
- 5º ano _____

5

6 7

8

1. De acordo com seus planos para o futuro, qual o benefício principal que o curso de psicologia poderá oferecer-lhe? Escolha ~~o benefício que você deseja~~.

"Status" Social _____

Bons rendimentos _____

Aprimoramento pessoal _____

Condições para atuar como profissional e como cidadão na sociedade à qual pertence _____

Outros. Especifique: _____

9

2. Em que área da psicologia você pretende atuar profissionalmente? Assinale a(s) alternativa(s) referente(s) à sua escolha.

- 2.1 Psicologia clínica _____
- 2.2 Psicologia organizacional _____
- 2.3 Psicologia escolar _____
- 2.4 Psicologia social _____
- 2.5 Ensino de psicologia _____
- 2.6 Outro. Especifique: _____

- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15

3. De quanto tempo em média você dispõe para estudo individual, elaboração de trabalhos e leitura para o seu curso universitário, ~~em geral~~? (Considere a semana de 07 dias)

- Menos de 1 hora _____
- De 1 a 5 horas _____
- De 6 a 10 horas _____
- De 11 a 15 horas _____
- De 16 horas ou mais _____

- 16

4. Quantas horas de lazer você tem, em média, ~~em geral~~? (Considere apenas as horas que dispõe para utilizar livremente em atividades de seu próprio interesse).

- Menos de 1 hora _____
- De 1 a 7 horas _____
- De 8 a 14 horas _____
- De 15 a 21 horas _____
- De 22 a 28 horas _____
- Mais de 28 horas _____

- 17

5. Dentre os tipos de atividades abaixo mencionadas assinale ~~o tipo de atividade~~, aquela que você costuma praticar ~~em suas horas de lazer~~ nas suas horas de lazer. *lazer eletivo e não obrigatório*

- Atividades esportivas _____
- Atividades manuais (trabalhos manuais, jardinagem, etc.) _____
- Atividades intelectuais (estágios, cursos, círculos de estudos) _____
- Atividades artísticas (artes plásticas, cinema, teatro) _____
- Atividades sociais (reuniões, visitas, conversas, jogos de salão) _____
- Descansar _____
- Ver TV _____
- Outra. Especifique: _____

18

6. Você dedica habitualmente algum tempo à leitura de lazer? (Considere leitura de lazer aquela que você faz por livre vontade em função de interesses pessoais)

- NÃO _____
- SIM _____

92% sim

19

Caso sua resposta seja afirmativa, assinale o tipo de leitura que faz ~~o tipo de leitura~~. Indique mais de uma resposta, se necessário.

- 6.1 Jornais _____
- 6.2 Revistas de atualidades _____
- 6.3 Revistas em quadrinhos _____
- 6.4 Revistas de esportes _____
- 6.5 Livros de ficção _____
- 6.6 Livros policiais _____
- 6.7 Poesias _____
- 6.8 Outro. Especifique _____

20

21

22

23

24

25

26

27

7. Em relação à leitura de lazer, como você obtém a do material que lê? Assinale .

- Compra _____
- Empresta de amigos _____
- Você possui em casa _____
- Empresta de bibliotecas _____
- Lê apenas o que encontra por acaso _____
- Outro. Especifique: _____
- _____

28

8. Qual o último livro cuja leitura fez por livre vontade em função de interesse pessoal? Identifique-o, se possível, e indique quando terminou sua leitura.

AUTOR: _____

TÍTULO: _____

TERMINEI A LEITURA EM: _____

9. O que o (a) levou a escolher para ler? Indique .

- Sugestão de amigo _____
- Recomendação de professor _____
- Sugestão de membro da família _____
- Divulgação em jornal _____
- Propaganda na TV _____
- Seleção ao acaso em livraria _____
- Seleção em biblioteca _____
- Já o tinha em casa _____
- Outro. Especifique: _____
- _____

29

10. Você dispõe no seu ambiente familiar ou de residência de condições favoráveis à leitura? (Considere a existência ou não de privacidade, silêncio, iluminação adequada).

NÃO _____

SIM _____

30

11. Entre os membros de sua família a leitura é uma atividade:

Frequente _____

Muito frequente _____

Pouco frequente _____

Rara _____

31

12. Em relação à bibliografia indicada pelos professores das disciplinas que você cursou no [semestral/semestral], qual foi a sua posição? Indique [apenas uma resposta].

Li/consultei a bibliografia básica e alguns itens complementares _____

Li/consultei todos os itens _____

Li/consultei apenas os itens obrigatórios _____

Pretendo ler nas férias _____

Outros. Especifique: _____

32

13. Como você obteve a maioria desse material utilizado?
(Indique ~~alguns~~ ~~questões~~).

- Por compra _____
- Na biblioteca do IP _____
- Em outra biblioteca da USP _____
- Através de empréstimo de professores _____
- Através de empréstimo de colega _____
- Outros. Especifique: _____
- _____

33

14. As publicações destinadas a estudo/consulta para seu curso são por vezes encontradas em vários idiomas. Assinale o(s) idioma(s) que, além do português, você compreende para a leitura de textos específicos de sua área.

- 14.1 Inglês _____
- 14.2 Alemão _____
- 14.3 Espanhol _____
- 14.4 Francês _____
- 14.5 Outros _____

34

35

36

37

38

15. Você costuma ler livros não indicados pelos professores para complementar seus estudos, preparar trabalhos ou realizar seminários?

- NÃO _____
- SIM _____

60' / ✓

39

Procure lembrar-se da última vez que esteve na biblioteca do Instituto de Psicologia. Assinale a (s) alternativa(s) que se relaciona(m) ao motivo de sua visita.

- 16.1 Consultar material na biblioteca _____
- 16.2 Retirar ou devolver material por empréstimo _____
- 16.3 Tirar xerox _____
- 16.4 Verificar material novo da biblioteca _____
- 16.5 Estudar com material próprio _____
- 16.6 Estudar com colega(s) _____
- 16.7 Fazer trabalho em grupo _____
- 16.8 Encontrar amigo(s) _____
- 16.9 Outro motivo. Especifique: _____

- 40
- 41
- 42
- 43
- 44
- 45
- 46
- 47
- 48

17. Você conseguiu o que desejava durante essa última visita?

- NÃO _____
- SIM _____

- 49

Caso sua resposta seja negativa, mencione qual a dificuldade que encontrou (Indique ~~todas as respostas possíveis~~)

- 17.1 Barulho _____
- 17.2 Não encontrou lugar para sentar _____
- 17.3 Material que queria estava emprestado _____
- 17.4 Biblioteca não possui o material que desejava _____
- 17.5 Pessoal da biblioteca não atendeu bem _____
- 17.6 Horário de funcionamento não é conveniente _____
- 17.7 Outra dificuldade. Especifique: _____

- 50
- 51
- 52
- 53
- 54
- 55
- 56

18. Com que frequência você costuma ir à Biblioteca do Instituto de Psicologia, no período escolar? Assinale ~~apenas uma das opções~~.

Diariamente _____

Mais de uma vez por semana _____

Semanalmente _____

Mensalmente _____

Quinzenalmente _____

Raramente ou nunca. Especifique o motivo: _____

57

19. Você é inscrito na biblioteca do Instituto de Psicologia?

NÃO _____

SIM _____

58

20. Do tipo de material abaixo relacionado assinale ~~apenas~~ os que você utilizou com maior frequência durante o curso.

20.1 Dicionários _____

20.2 Enciclopédias _____

20.3 Livros didáticos em português _____

20.4 Livros didáticos estrangeiros _____

20.5 Revistas especializadas brasileiras _____

20.6 Revistas especializadas estrangeiras _____

20.7 Teses, dissertações _____

20.8 "Abstracts" _____

20.9 Outros. Especifique: _____

59

60

61

62

63

64

65

66

67

21. Que tipos de material você gostaria de encontrar na biblioteca do Instituto de Psicologia?

22. Relacione, por favor, os títulos de revistas (periódicos) que você costuma ler ou consultar regularmente (~~pertencentes à~~
~~área do curso~~).

23. Você costuma utilizar outras bibliotecas, além da biblioteca do Instituto de Psicologia?

NÃO _____

SIM _____

68

Caso sua resposta seja ~~afirmativa~~, especifique qual(is):

23.1 Outras bibliotecas da USP _____

69

23.2 Biblioteca particular própria _____

70

23.3 Biblioteca de empresa _____

71

23.4 Biblioteca pública _____

72

23.5 Biblioteca de outra universidade _____

73

23.6 Outras. Especifique: _____

74

24. Você utilizava alguma biblioteca antes de iniciar seu curso superior?

NÃO _____

SIM _____

Caso sua resposta seja ~~afirmativa~~, especifique qual(is) era(m).

24.1 Biblioteca pública (municipal, etc.) _____

24.2 Biblioteca da própria escola secundária _____

24.3 Biblioteca da USP _____

24.4 Biblioteca particular própria _____

24.5 Outra biblioteca. Especifique: _____

75

76

77

78

79

REGISTRO 2

1 2 3

2
4

5

25. Assinale sua opinião sobre a biblioteca do Instituto de Psicologia em relação à :

Sem opinião
Insuficiente
Regular
Bom
Ótimo

25.1 Qualidade do atendimento _____

25.2 Horário de atendimento _____

25.3 Orientação no uso _____

25.4 Prazo de empréstimo _____

25.5 Local para estudo _____

6

7

8

9

10

6. Gostaríamos de saber sua opinião sobre a biblioteca do Instituto de Psicologia.

7. Você é Graduado em outro curso superior?

NÃO _____

SIM _____

Caso sua resposta seja afirmativa, especifique:

CURSO	INSTITUIÇÃO

11

28. Você está fazendo outro curso em nível superior?


NÃO _____

SIM _____

Caso sua resposta seja afirmativa, especifique:

CURSO	INSTITUIÇÃO

12

29. Você faz algum curso 

NÃO _____

SIM _____

Caso sua resposta seja , especifique o(s) curso(s)

13

NECESSITAMOS DE ALGUMAS INFORMAÇÕES PESSOAIS PARA
COMPLETAR O QUESTIONÁRIO. POR GENTILEZA RESPONDA
TAMBÉM ÀS SEGUINTE PERGUNTAS FINAIS:

30. Você reside:

- Com seus pais _____
- Em casa de parentes _____
- Em alojamento para estudantes _____
- Outro. Especifique: _____
- _____

14

33.

34.

31. Indique o grau de instrução de seu pai.

- Nenhum _____
- Primário incompleto _____
- Primário completo _____
- Ginásio ou 1º Grau incompleto _____
- Ginásio ou 1º Grau completo _____
- Colegial ou 2º Grau incompleto _____
- Colegial ou 2º Grau completo _____
- Superior incompleto _____
- Superior completo _____

15

35.

32. Baseando-se nas afirmativas da pergunta 31 indique o grau de instrução de sua mãe:

16

3. Qual é a sua renda familiar mensal?

- De Cr\$ 98.000 a Cr\$ 490.000 1 a 5m
- De Cr\$ 490.001 a Cr\$ 980.000 6 a 10
- De Cr\$ 980.001 a Cr\$ 1.470.000 11 a 15
- De Cr\$ 1.470.001 a Cr\$ 1.960.000 16 a 20
- Mais de Cr\$ 1.960.000 + de 20

 17

4. Para sua manutenção pessoal, você depende de:
(Assinale mais de uma resposta, se necessário)

- 35.1 Recursos do pai/responsável
- 35.2 Bolsa de estudos
- 35.3 Atividade profissional remunerada
- 35.4 Recursos próprios (rendimentos, aluguéis, etc.)
- 35.5 Trabalhos eventuais
- 35.6 Outro. Especifique:
- _____

 18

 19

 20

 21

 22

 23

5. Faça, por favor, seus comentários finais e sugestões.

AGRADECEMOS SUA ATENÇÃO

Nota: Algumas perguntas deste questionário foram baseadas no estudo de Kremer mencionado na lista de referências bibliográficas deste estudo.

ANEXO B

TIPOS DE MATERIAL SUGERIDOS PARA O ACERVO DA BIBLIOTECA

TIPOS DE MATERIAL SUGERIDOS PARA O ACERVO DA BIBLIOTECA

(N=282)
Frequência

Existe o necessário, encontra tudo o que deseja 16

LIVROS

Livros de Psicologia mais atuais 48

Livros didáticos mais atuais 9

Livros de outras áreas relacionadas à Psicologia,
que fazem parte do currículo 28

Maior quantidade de exemplares dos livros indicados
pelos professores ou livros muito procurados 36

Todos os livros indicados pelos professores 18

Maior número de livros sobre os assuntos mencionados* 68

Mais livros em português 6

Livros de literatura** 41

Maior quantidade de livros 7

Livros estrangeiros atuais 5

REVISTAS E PERIÓDICOS

Revistas de atualidades 38

Revistas de divulgação científica relacionadas à Psi-
cologia ou áreas afins 8

Maior quantidade de revistas de Psicologia em português 7

Jornais diários 44

Recortes de jornais 6

OUTROS MATERIAIS

Audiovisuais (filmes, fitas, slides) 30

Testes (maior quantidade) 6

Trabalhos de alunos 12

Equipamento xerox instalado na própria biblioteca 7

OUTROS 16

* Ver lista dos assuntos mencionados à página seguinte

** Ver lista dos gêneros e autores sugeridos à página seguinte

ASSUNTOS QUE DEMANDAM MAIOR NÚMERO DE LIVROS

	(N=282) Frequência
LINGUÍSTICA	02
ESTÉTICA	01
ARTE	04
FILOSOFIA	10
PARAPSIKOLOGIA	03
RELIGIÃO	01
PSICANÁLISE	04
MITOLOGIA	03
ASTROLOGIA	04
MISTICISMO	02
ALQUIMIA	01
PSICOLOGIA SOCIAL	06
PSICOLOGIA CLÍNICA	02
PSICOLOGIA JUNGUIANA	07
PSICOLOGIA INDUSTRIAL	02
PSICOLOGIA COMUNITÁRIA E INSTITUCIONAL	02
PSICOLOGIA ALTERNATIVA	04
PSICOLOGIA ORIENTAL	01
PSICOLOGIA NO BRASIL	01
PSICOLOGIA DA ARTE	01
ADMINISTRAÇÃO	01
EDUCAÇÃO	01
DESENVOLVIMENTO INFANTIL	01
AUTISMO	01
TERAPIA CORPORAL	01
YOGA	01
BIOENERGÉTICA	01

ASSUNTOS QUE DEMANDAM MAIOR NÚMERO DE LIVROS

	(N=282) Frequência
LINGUÍSTICA	02
ESTÉTICA	01
ARTE	04
FILOSOFIA	10
PARAPSICOLOGIA	03
RELIGIÃO	01
PSICANÁLISE	04
MITOLOGIA	03
ASTROLOGIA	04
MISTICISMO	02
ALQUIMIA	01
PSICOLOGIA SOCIAL	06
PSICOLOGIA CLÍNICA	02
PSICOLOGIA JUNGUIANA	07
PSICOLOGIA INDUSTRIAL	02
PSICOLOGIA COMUNITÁRIA E INSTITUCIONAL	02
PSICOLOGIA ALTERNATIVA	04
PSICOLOGIA ORIENTAL	01
PSICOLOGIA NO BRASIL	01
PSICOLOGIA DA ARTE	01
ADMINISTRAÇÃO	01
EDUCAÇÃO	01
DESENVOLVIMENTO INFANTIL	01
AUTISMO	01
TERAPIA CORPORAL	01
YOGA	01
BIOENERGÉTICA	01

LIVROS DE LITERATURA: GÊNEROS E AUTORES SUGERIDOS

	(N=282)
	Frequência
Romances	16
Literatura de lazer	07
Literatura nacional	03
Literatura universal	02
Literatura clássica	02
Literatura Latino-Americana	01
Best-Sellers	01
Policiais	01
Poesia	02
Obras do Premio Nobel	01
Proust	01
Kafka	01
Dostoievsky	01
Machado de Assis	01
Mário de Andrade	01

ANEXO C

PERIÓDICOS LIDOS REGULARMENTE PELOS ALUNOS DO CURSO
DE GRADUAÇÃO DO IP/USP

PERIÓDICOS LIDOS PELOS ALUNOS DO
CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP

Nº DE CITAÇÕES	TÍTULO
110	VEJA
62	ISTO É
38	PSICOLOGIA ATUAL
25	FOLHA DE SÃO PAULO
13	PSICOLOGIA E COMPORTAMENTO
10	MANCHETE
09	CLAUDIA
08	PLANETA
09	JORNAL DA TARDE
07	SENHOR
06	O ESTADO DE SÃO PAULO
06	GEOGRÁFICA UNIVERSAL
02	PSICOLOGIA
04	VISÃO
03	EXAME
03	FOLHA DA TARDE
03	PSYCHOLOGY TODAY
03	SCIENTIFIC AMERICAN
03	SELEÇÕES
02	AFINAL
03	CADERNOS DE PESQUISA
02	CIÊNCIA HOJE
02	CIÊNCIA ILUSTRADA
02	CORREIO DA UNESCO
02	DUAS RODAS
02	INTERNATIONAL JOURNAL OF PSYCHOANALYSIS
02	LOTUS
02	NIÑOS
02	SCIENCE
02	TIME
01	AMERICAN JOURNAL OF PSYCHOLOGY
01	AMIGA
01	A ARTE DE DANÇAR
01	BIOCHEMISTRY
01	BOLETIM DE PSIQUIATRIA
01	BRITISH JOURNAL OF PSYCHIATRY
01	CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO
01	CIÊNCIA

PERIÓDICOS LIDOS PELOS ALUNOS DO
CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP

Nº DE CITAÇÕES	TÍTULO
01	CIÊNCIA E CULTURA
01	CLÁSSICOS DA LITERATURA NACIONAL
01	COZINHA
01	DESFILE
01	DIÁRIO OFICIAL
01	EDUCAÇÃO E SOCIEDADE
01	FATOS E FOTOS
01	GENIOS DA PINTURA
01	GRANDES FATOS ABRIL
01	O GLÓBO
01	INFO (Revista Brasileira de Informática)
01	INTER
01	JORNAL DOS CONCURSOS
01	JOURNAL OF BIOLOGICAL CHEMISTRY
01	JOURNAL OF EXPERIMENTAL ANALYSIS OF BEHAVIOR
01	JOURNAL OF MUSIC THERAPY
01	JOURNAL OF PSYCHIATRY
01	JOURNAL OF SOCIAL PSYCHOLOGY
01	JUNGUIANA: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica
01	LEIA LIVROS
01	MÃO NA RODA
01	METAL
01	MICRO SISTEMAS
01	MOTO
01	MOTOSHOW
01	NATURE
01	NOVA
01	PAIS & FILHOS
01	PLACAR
01	PLAYBOY
01	PSYCHOANALYTIC STUDY OF THE CHILD
01	QUINTESSÊNCIA
01	ROLL
01	REVISTA DA APCD
01	REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
01	SAÚDE
01	SOMTRÊS
01	VIDA INTEGRAL

ANEXO D

PERIÓDICOS LIDOS REGULARMENTE PELOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO
DO IP/USP, SEGUNDO A NATUREZA DA PUBLICAÇÃO

REVISTAS CIENTÍFICAS

AMERICAN J. OF PSYCHOLOGY	01
BIOCHEMISTRY	01
BOLETIM DE PSIQUIATRIA	01
BRITISH J. OF PSYCHIATRY	01
CADERNOS DE PESQUISA	03
CIÊNCIA E CULTURA	01
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	01
INTERNAT. J. OF PSYCHOANALYSIS	02
J. OF BIOLOGICAL CHEMISTRY	01
J. OF EXP. ANALYSIS OF BEHAVIOR	01
J. OF MUSIC THERAPY	01
J. OF PSYCHIATRY	01
J. OF SOCIAL PSYCHOLOGY	01
JUNGUIANA	01
NATURE	01
NIÑOS	02
PSICOLOGIA	02
PSYCHOANALYTIC ST. CHILD	01
PSYCHOLOGY TODAY	03
REVISTA BRAS. PSICANALISE	01
SCIENCE	02
SCIENTIFIC AMERICAN	03

REVISTAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

PSICOLOGIA ATUAL	38
PSICOLOGIA E COMPORTAMENTO	13
GEOGRÁFICA UNIVERSAL	06
CIÊNCIA HOJE	02
CIÊNCIA ILUSTRADA	02
CORREIO DA UNESCO	02
CIÊNCIA	01
PAIS & FILHOS	01
SAÚDE	01
VIDA INTEGRAL	01

REVISTAS NOTICIOSAS (de Atualidades)

VEJA	110
ISTO É	62
MANCHETE	10
SENHOR	07
VISÃO	04
EXAME	03
TIME	02
AFINAL	02
CADERNOS DO 3º MUNDO	01
FATOS & FOTOS	01
GRANDES FATOS ABRIL	01
PLAY BOY	01

JORNAIS

FOLHA DE SÃO PAULO	25
JORNAL DA TARDE	09
O ESTADO DE SÃO PAULO	06
FOLHA DA TARDE	03
DIARIO OFICIAL	01
O GLOBO	01
JORNAL DOS CONCURSOS	01
LEIA LIVROS	01

REVISTAS FEMININAS

CLAUDIA	09
AMIGA	01
COZINHA	01
DESFILÉ	01
NOVA	01

13

REVISTAS DE ESPORTE

DUAS RODAS	02
MOTO	01
MOTO SHOW	01
PLACAR	01

05

35

REVISTAS DE INFORMÁTICA

INFO	01
MICRO SISTEMAS	01

2

OUTRAS

A ARTE DE DANÇAR	01
CLÁSSICOS DA LITERATURA	01
GÊNIO DA PINTURA	01
INTER	01
LOTUS	01
MÃO NA RODA	01
METAL	01
PLANETA	01
QUINTESSÊNCIA	01
REVISTA DA APCD	01
ROLL	01
SOMTRÊS	01
SELEÇÕES	03

15

ANEXO E

OPINIÃO DO CORPO DISCENTE DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
SOBRE A BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP

OPINIÃO DO CORPO DISCENTE DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA SOBRE A BIBLIOTECA DO IP/USP

	(N=282) FREQUENCIA
1. OPINIÕES RELATIVAS À AVALIAÇÃO DA BIBLIOTECA EM GERAL	
Consideram-na uma boa biblioteca	41
Consideram-na razoável	19
Consideram-na bem organizada	17
Consideram-na bem completa	07
Gostam muito da biblioteca	04
Permite liberdade de escolha ao aluno através do livre acesso às estantes	04
Está entre as melhores bibliotecas que conhece	04
Não atende a todas as necessidades	04
2. OPINIÕES RELATIVAS AO ACERVO DA BIBLIOTECA	
Consideram o número de exemplares de livros da bibliografia básica insuficiente	45
Consideram o acervo desatualizado	30
Consideram o acervo de livros insuficiente	27
Consideram o acervo bom	21
Faltam livros indicados na bibliografia básica	10
Faltam livros de leitura extra-curricular	07
A conservação do material de maior consulta é precária	06
Consideram o acervo pequeno	05
Há livros importantes para a formação que não constam do acervo	04
Faltam jornais e mais revistas nacionais	02
Consideram o acervo de periódicos bom	01
3. OPINIÕES RELATIVAS AO ATENDIMENTO PRESTADO	
3.1 HORÁRIO	
Consideram o horário de atendimento restrito	29
Consideram necessário o atendimento aos sábados	09
O horário deveria ser extensivo ao período noturno	05
Consideram o horário razoável	02
3.2 ATENDIMENTO AO PÚBLICO	
O atendimento ao público é bom	26
É preciso melhorar a qualidade do atendimento	13
O número de atendentes é insuficiente	07
A qualidade do atendimento depende do funcionário que atende	05
O atendimento ao público é de alto nível	04
3.3 ORIENTAÇÃO	
É preciso melhorar a orientação no que se refere à localização do material nas estantes	12
Há necessidade de melhor orientação no uso da biblioteca e do material	11
Consideram boa a orientação prestada ao aluno	04
4. OPINIÕES RELATIVAS AOS SERVIÇOS OFERECIDOS	
O empréstimo de Teses deveria ser facilitado	02
É preciso melhorar a divulgação dos livros novos	01
O uso de micros agilizaria o acesso à informação contida nos livros	01
A qualidade das fichas deveria ser melhorada	01
5. OPINIÕES RELATIVAS AO AMBIENTE/INSTALAÇÕES	
Opinam sobre as condições ambientais como deficientes, desagradáveis e precárias	55
Reclamam do barulho	48
Apontam a falta de salas para estudo isolado e em grupo	47
Consideram a área muito pequena	40
Consideram o ambiente abafado	20
Apontam a má iluminação do ambiente	14
Consideram o mobiliário (mesas e cadeiras) inadequado	07
Consideram o ambiente agradável para estudo	05
Apontam a necessidade de aparelhos condicionadores de ar de maior capacidade	03
Sugerem a determinação de área reservada para fumantes	02
Indicam a necessidade de equipamento xerox instalado na biblioteca	02

ANEXO F

SUGESTÕES E COMENTÁRIOS FINAIS FEITOS PELOS ALUNOS DO CURSO DE
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO IP/USP

SUGESTÕES E COMENTÁRIOS FINAIS FEITOS PELOS ALUNOS
DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO IP/USP:

I. COMENTÁRIOS E SUGESTÕES RELATIVOS À BIBLIOTECA DO IP

(N=282)
FREQUÊNCIA DE
RESPOSTAS

1. QUANTO AO ACERVO

1.1 LIVROS

Aquisição de maior quantidade de livros atuais	16
Aquisição de maior número de exemplares dos livros indicados pelos professores	23
Aquisição dos livros das disciplinas ministradas em outras unidades	03
Aquisição de mais livros de autores nacionais	02
Melhor conservação dos livros	02
Aquisição de maior número de livros estrangeiros	01
Aquisição de maior quantidade de livros não-didáticos	01

1.2 PERIÓDICOS

Aquisição de jornais diários	05
Aquisição de revistas noticiosas	04
Aquisição de mais periódicos em língua portuguesa	01

1.3 OUTROS MATERIAIS

Organização de uma pequena filmoteca	02
Formação de coleção de slides na área	02
Organização de arquivo com trabalhos de alunos	02
Aquisição de maior variedade de materiais	01

2. QUANTO AO ATENDIMENTO PRESTADO

2.1 HORÁRIO

Consideram o horário de atendimento restrito	12
Solicitam abertura da Biblioteca aos sábados	08
Solicitam funcionamento da Biblioteca à noite	03

2.2 EMPRÉSTIMO

Consideram insuficiente o prazo para empréstimo de material	12
Solicitam empréstimo entre Bibliotecas mais fácil e rápido	03

2.3 ATENDIMENTO AO PÚBLICO

Consideram insuficiente o número de atendentes	03
Sugerem melhor atendimento ao público	04
Satisfeitos com o atendimento prestado	04

2.4 ORIENTAÇÃO

Desejam melhor orientação na localização do material nas estantes	03
Solicitam melhor orientação no uso da Biblioteca e do material	04
Solicitam maior interação Biblioteca-aluno	01

3. QUANTO AOS SERVIÇOS OFERECIDOS

Solicitam maior divulgação dos livros novos	05
Solicitam maior divulgação do acervo	03
Sugerem a promoção de eventos e debates	02
Solicitam renovação e reserva de livros por telefone	02
Sugerem o uso de micro-computadores com acesso on-line	01

4. QUANTO AO AMBIENTE/INSTALAÇÕES/EQUIPAMENTOS

Solicitam salas para estudo individual e em grupo	24
Apontam necessidade de mais espaço	15
Consideram insuficiente a ventilação no ambiente	07
Reclamam de barulho	07
Requerem maior iluminação no ambiente	06
Solicitam salas de estudo longe do balcão de empréstimos	05
Reivindicam melhores condições ambientais	08
Solicitam serviço de xerox próximo à Biblioteca	03
Sugerem a construção de prédio novo	02
Solicitam maior número de mesas individuais	02
Solicitam maior segurança no ambiente	02
Sugerem salas para estudo com material próprio	01
Sugerem guarda-volumes mais eficiente	01
Reivindicam maior número de máquinas de datilografia para uso dos alunos	01
Solicitam área reservada para fumantes	01

II. COMENTÁRIOS E SUGESTÕES RELATIVOS À PESQUISA

Consideram a pesquisa oportuna e louvável	46
Gostariam de conhecer os resultados	05

ANEXO G

LEITURAS REALIZADAS NAS HORAS DE LAZER PELOS ALUNOS DO CURSO DE
GRADUAÇÃO DO IP/USP

LEITURAS REALIZADAS NAS HORAS DE LAZER PELOS
ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DO IP/USP

I. Literatura Brasileira

1. Autobiografias. Depoimentos.

- BRANDÃO, Ignácio de Loyola — O verde violentou o muro.
GABEIRA, Fernando — Sinais de vida no planeta Minas.
GATTAI, Zelia — Anarquistas, graças a Deus.
MACIEL, Eliane — Com licença eu vou à luta.
PAIVA, Marcelo Rubens — Feliz ano velho. (12)*
PECCI, João Carlos — Minha profissão é andar.

2. Ficção

- ALENCAR, José de — O moço loiro.
AMADO, Jorge — Tereza Batista cansada de guerra.
ALVAREZ DE AZEVEDO, Manoel Antônio — Noite na taverna/Macário.
ANDRADE, Mario — Amar, verbo intransitivo.
ANDRADE, Mario — Macunaíma. (2)*
BRANDÃO, Ignácio de Loyola — Não verás país nenhum. (2)*
CALADO, Antônio — Quarup.
DIAFÉRIA, Lourenço — Circo dos cavalões.
FONSECA, Rubens — A grande arte.
FREIRE, Roberto — Cleo e Daniel.
LESSA, Orígenes — O escritor proibido.
LISPECTOR, Clarice — Água viva.
MACHADO DE ASSIS — Quincas Borba.
NAMORA, Fernando — O homem disfarçado.

* O número citado acima e após o título corresponde ao número de vezes em que o livro foi citado pela população.

SABINO, Fernando — Encontro marcado.
SABINO, Fernando — O grande mentecapto.
SALINGER, J. D. — Pra cima com a viga moçada.
SOUZA, Marcio — Mad Maria.

3. Poesia

MORAES, Vinicius de — Para viver um grande amor.
PRADO, Adelia — Bagagem.

4. Teatro

MELLO NETTO, João Cabral de — Morte e vida Severina.

5. Outros

Nota: Nesta categoria foram incluídos 3 títulos.

II. Literatura Estrangeira

1. Romance

ARCHER, Jeffrey — Caim e Abel.
AUSTIN, Jane — Jane Eyre.
BACH, Richard — Aventuras de um Messias indeciso.
BACH, Richard — Ilusões. (2)*
BUKOWSKY, Charles — Cartas na rua.
CAMUS, Albert — O estrangeiro.
CASTELO BRANCO, Camilo — Amor de perdição.
CLAVELL, James — Xogum. (4)*
DANTE — A divina comédia.
DOSTOIEVSKY, Fiodor — O jogador: romance
ECO, Umberto — O nome da rosa. (9)*

* O número citado acima e após o título corresponde ao número de vezes em que o livro foi citado pela população.

ENDO, Shusahu — O silêncio.
 FORSYTH, Frederich — O quarto protocolo.
 GARCIA MARQUEZ, Gabriel — Cem anos de solidão. (9)*
 GARCIA MARQUEZ, Gabriel — O enterro do diabo.
 GENET, Jean — Nossa senhora das flores.
 GORKI, Máximo — Os vagabundos.
 GREEN, Hannal — Nunca lhe prometi um jardim de rosas. (4)*
 GREENE, Graham — Monsenhor Quixote.
 HESSE, Herman — Demian. (2)*
 HESSE, Herman — O lobo da estepe.
 HESSE, Herman — Narciso e Goldmund.
 HESSE, Herman — Sidarta.
 HUXLEY, Aldous — Admirável mundo novo.
 HUXLEY, Aldous — A ilha.
 JONG, Erika — Medo de voar.
 KAFKA, Franz — Metamorfose.
 KAFKA, Franz — O processo.
 KAZANTZAKIS, Nikos — Zorba, o grego.
 KERONAC, J. — On the road. (2)*
 KRANTZ, Judith — Princesa Margarida.
 LESSING, Doris — O quarto 19.
 LUDLUM, Robert — Gêmeos não se amam.
 MANN, Thomas — Os Brondenbook.
 MANN, Thomas — A montanha mágica.
 MANN, Thomas — Tônio Kroeger.
 MCCULLOUGH, Colleen — Pássaros feridos. (2)*
 MCCULLOUGH, Colleen — Tim.
 MAUGHAM, William Somerset — The razor's edge.
 MEYRINK, G. — O Golem.
 MITCHEL, M. — E o vento levou.
 NABOKOV, Vladimir — Lolita.
 ORWELL, George — 1984. (3)*
 PROUST, Marcel — O caminho de Guermantes.
 PROUST, Marcel — O caminho de Swann.
 PUIG, Manoel — O beijo da mulher aranha. (2)*

* O número citado acima e após o título corresponde ao número de vezes em que o livro foi citado pela população.

SABATO, Ernesto — El tunel.
SALINGER, J. D. — O apanhador no campo de centeio.
SARTRE, Jean-Paul — Os caminhos da liberdade: Com a morte na alma.
SARTRE, Jean-Paul — A idade da razão.
SARTRE, Jean-Paul — O muro. (4)*
SHELDON, Sidney — Laços de sangue.
SHELDON, Sidney — A outra face.
SHELDON, Sidney — O outro lado da meia noite.
SIMMELL, J. M. — O amor é só uma palavra.
SIMMELL, J. M. — Nem só de caviar vive o homem.
SIMMELL, J. M. — Só o vento sabe a resposta.
STEEL, Danielle — Agora e sempre.
STEINBECK, J. — As vinhas da ira.
SCHREIBER, Flora Rheta — Sybil
URIS, Leon — Colinas da ira.
URIS, Leon — OB VII.
YOURCENAR, Marguerite — Memórias de Adriano.
WALLACE, Irving — A segunda dama.
WEST, Morris — Um mundo transparente. (4)*
WOLFF, Virginia Adeline — Orlando: a biography. (2)*
WOLFF, Virginia Adeline — O quarto de Jacob.

2. Contos

DOYLE, Conan — The adventures of Sherlock Holmes.
GARCIA MARQUEZ, Gabriel — A incrível e triste história de Erêndida e de sua avó desalmada.
LESSING, Doris — Contos (Five).
LOVERCRAFT, H. P. — Nas montanhas da loucura
MAUGHAN, William Somerset — The hite & other stories.
MAUPASSANT, Guy de — Bola de sebo

* O número citado acima e após o título corresponde ao número de vezes em que o livro foi citado pela população.

3. Autobiografias

NERUDA, Pablo — Confesso que vivi.

STEIN, Gertrudé — Autobiografia de Alice B. Toklas.

4. Crônicas

BACH, Richard — O paraíso é uma questão pessoal.

5. Poesia

BAUDELAIRE, Charles — Les fleurs du mal.

PESSOA, Fernando — O eu profundo e os outros eus. (3)*

PESSOA, Fernando — Ficções do interlúdio.

6. Teatro

SARTRE, Jean-Paul — Mãos sujas.

SÓFOCLES — Édipo Rei.

7. Ficção Policial

CHRISTIE, Agatha — O cavalo amarelo.

8. Ficção Científica

ASSIMOV, Isaac — Primeira fundação.

ASSIMOV, Isaac — Segunda fundação.

CLARK, Arthur — 2001, uma odisséia no espaço.

9. Outros

Nota: Nesta categoria foram incluídos 11 títulos.

* O número citado acima e após o título corresponde ao número de vezes em que o livro foi citado pela população.

III. Ensaios

1. Autobiografias, Depoimentos. Memórias

- AMARA LUCIA — A difícil vida fácil: A prostituta e sua condição.
BERLITZ, Charles — O triângulo das Bermudas.
ULLMAN, Liv — Mutações. (2)*

2. Filosofia

- HERRIGEL, Eugen — A arte cavalheiresca do arqueiro Zen.
RAJNEESH, Bhagwan Shree — Do sexo à supra consciência.

3. Psicologia

- DOWLING, Colette — Complexo de Cinderela. (3)*
LEITE, Dante Moreira — Psicologia e literatura.
STEVENS, Barry — Não apresse o rio, ele corre sozinho.

4. Religião

- BOFF, Leonardo — Carisma e poder.
BOFF, Leonardo — Mestre Eckart.
LAO TSE — Tao Tê Ching: o livro do caminho perfeito.
LINDSEY, Hal — Deus sabe que sofremos.
SADDAHATISSA, Hammalawa — O caminho de Buda.
PIRES, J. Herculano — Agonia das religiões.

5. Espiritismo

- XAVIER, Francisco Candido — Nosso lar.
XAVIER, Francisco Candido — Renúncia.

* O número citado acima e após o título corresponde ao número de vezes em que o livro foi citado pela população.

6. Humor

HENFIL — Diretas já.

VERÍSSIMO, Luís Fernando — O gigolô das palavras.

VERÍSSIMO, Luís Fernando — A velhinha de Taubaté.

7. Outros

Nota: Nesta categoria foram incluídos 2 títulos.

IV. Obras didáticas, paradidáticas e de informação científica

1. Educação e Ensino

FREIRE, Paulo — Pedagogia do oprimido.

NEILL, A. — Liberdade sem medo.

2. Filosofia e Ciências Sociais

BOCHENSKI, J. M. — Diretrizes do pensamento filosófico.

CHAUÍ, Marilena — Repressão sexual. (4)*

FOUCAULT, Michel — Doença mental e psicologia.

FOUCAULT, Michel — Microfísica do poder.

GUENON, R. — A crise do mundo moderno.

LAYMERT — Alienação e capitalismo.

LOWY, Michael — Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários.

MARX, Karl & ENGELS, F. — O manifesto comunista.

MOOG, Viana — Bandeirantes e pioneiros.

PETER — Sociologia atual.

3. Psicologia. Psicanálise.

ABRAMOVICH, Fanny — O mito da infância feliz.

ANGERAMI, Waldemar Augusto — Psicologia hospitalar.

* O número citado acima e após o título corresponde ao número de vezes em que o livro foi citado pela população.

- AXLINE, Virginia Mae — Dibs: em busca de si mesmo. (10)*
- BARNES, Mary & BERKE, Joseph — Viagem através da loucura.
- BECKER, Raymond de — O significado dos sonhos.
- BETTELHEIM, Bruno — A psicanálise dos contos de fadas.
- CHAPMAN, A. H. — A criança é o melhor psicólogo.
- CHIAROTTINO, Zélia Ramozzi — Em busca do sentido da obra de Jean Piaget:
Pequena contribuição para a história das idéias e para a ação do psicólogo num país de contrastes.
- FROMM, Erich — Ser ou não ser.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo — Freud e o inconsciente.
- GIKOVATE, Flávio — Sexo e amor.
- JAPIASSU, Hilton — Epistemologia da psicologia.
- JUNG, Carl Gustav — Memórias, sonhos e reflexões.
- JUNG, Carl Gustav — Fundamentos da psicologia analítica.
- JUNG, Carl Gustav — O homem e seus símbolos. (4)*
- JUNG, Carl Gustav — A prática psicoterápica.
- JUNG, Carl Gustav — O segredo da flor de ouro.
- KIESLER, Charles Adolphus — Conformismo.
- KRINSKY, Stanislaw — A deficiência mental.
- LAING, Ronald D. — O eu dividido: estudo existencial da sanidade e da loucura.
- LAING, Ronald D. — O eu e os outros: o relacionamento interpessoal.
- MACEDO, Heitor O'Dwyer — Ana K ou a conjugação do corpo.
- MEYER, Luiz — Dinâmica familiar.
- MILLON, Theodore — Teorias de psicopatologia e da personalidade.
- MOFFATT, Alfredo — Terapia de crise: teoria temporal do psiquismo.
- OUSPENSKY, P. D. — Psicologia da evolução possível ao homem.
- POMPEU, Renato Ribeiro — Memórias de loucura.
- ROGERS, Carl — Terapia centrada na pessoa.
- ROGERS, Carl — Tornar-se pessoa. (4)*
- SKINNER, Burrhus Frederic — Walden II. (2)*
- STEIN, Robert — Incesto e amor humano: a traição da alma na psicoterapia.
- TOMPAKAN, R. — O corpo fala.

* O número citado acima e após o título corresponde ao número de vezes em que o livro foi citado pela população.

4. Artes

BARTHES, Roland — A câmara clara.

COLI, J. — O que é arte.

5. Outros

Nota: Nesta categoria foram incluídos 7 títulos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFAYA, R. - Estudar; para poucos um prazer, para muitos um castigo. Perspectiva Universitária, 11 nov. 1981.
- ANGELINI, A.L. - Análise psicológica de três cartilhas em uso nas nossas escolas. Revista de Pedagogia 1(1):101-109, 1955.
- ANGELINI, A.L. - Aspectos atuais da profissão de psicólogo no Brasil. Boletim de Psicologia, São Paulo, 26(69):31-39, 1975.
- ANGELO, I. - O problema do livro no Brasil. O Estado de São Paulo, São Paulo, 17 ago. 1980. Suplemento Cultura, 1(10):5.
- ANTONIO CANDIDO - A biblioteca de cada um: depoimento do Prof. Antonio Candido de Melo e Sousa à revista Palavra-Chave (1):6, 1982.
- BALAY, R. & ANDREW, C. - Use of the reference service in a large academic library. College & Research Libraries 36(1):9-26, 1975.
- BARDIN, L. - Análise de conteúdo. Lisboa, Edições 70, 1979.
- BASKER, J. & BRETTEL, S. - Monitoring the demand for the services of academic libraries: the survey as a library management tool for capital services. Aslib Proceedings 34(1):173-82, 1982.
- BMDP - Centro de Computação Eletrônica da Universidade de São Paulo. BMDP Statistical Software. Berkeley, University of California Press, 1981.
- BECKER, B.W. & CONNOR, P.E. - The influence of personal values on book reading behavior. Journal of Library Administration 3(1):13-23, 1982.
- BOSI, A. - Entrevista à professora Maria Thereza Fraga. In: FRAGA, M.T. - Literatura/Ensino: uma problemática. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação da USP. 1974. Anexo 2: Fontes vivas de informação: documentos inéditos. p.3-32.

- O BRASILEIRO não gosta de ler (nem tem dinheiro para livros). Jornal da Tarde, São Paulo, 02 junho, 1976.
- CABRAL, A.C.M. - A psicologia no Brasil. Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (Série Psicologia, 3), São Paulo, (119):11-51, 1950.
- CARVALHO, A.M.A. - A profissão em perspectiva. Psicologia 8(2):5-17, julho, 1982.
- CARVALHO, A.M.A. & KAVANO, E.A. - Justificativas de opção por área de trabalho em psicologia: uma análise da imagem da profissão em psicólogos recém-formados. Psicologia 8(3):1-18, nov., 1982.
- COELHO, N.N. - Entrevista à professora Maria Thereza Fraga. In: FRAGA, M.T. - Literatura/Ensino: uma problemática. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação da USP, 1974. Anexo 2: Fontes vivas de informação: documentos inéditos, p.163-179.
- DAVIS, J.R. - The new students: what they read. College & Research Libraries, 36(3):216-21, 1975. -
- DECHANT, E. - Reading improvement in the secondary school. Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice Hall, 1973.
- DUMAZEDIER, J. - Valores e conteúdos culturais do lazer. São Paulo, SESC, 1980.
- DURAN, A.P. - Padrões de comunicação oral e compreensão da comunicação escrita na universidade: estudos no nordeste. São Paulo, 1981. Tese (doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- ESCARPIT, R. & BAKER, R. - A fome de ler. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1975.
- EVANS, I.M. & SMITH, P.A. - Psychology for a changing world. New York, John Wiley, 1970.

- FERREIRA GULAR - A biblioteca de cada um: depoimento do autor à revista Palavra-Chave (4):23, 1984.
- FREIRE, P. & SILVA, E.T. - Da leitura do mundo à leitura da palavra. Entrevista depoimento. Leitura: teoria & prática 1(0):3-9, 1982.
- FREIRE - A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 7.ed. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1984.
- PROTA-PESSOA, Oswaldo - Como ensinar na era da contestação. Ciência e Cultura. 37(7):1125-1137, julho, 1985.
- GARCIA, M.L.A. - O leitor e a biblioteca pública. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Belo Horizonte, 4(2):186-87, 1975.
- GELFAND, M.A. - Las bibliotecas universitarias de los países en vías de desarrollo. Paris, UNESCO, 1968.
- GOODE, W.J. & HATT, P.K. - Métodos em pesquisa social. São Paulo. Ed. Nacional, 1975.
- GOUVEIA, A.J. - A pesquisa educacional no Brasil. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, (1):1-48, 1971.
- GOUVEIA, A.J. - A pesquisa sobre educação no Brasil: de 1970 para cá. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, (19):75-87, 1976.
- GREANEY, V. - Factors related to amount and type of leisure time reading. Reading Research Quarterly, 15(3):307-357, 1980.
- GUTHRIE, T.T. - Why people (say they) read. Reading Teacher 32(6): 752-755, 1979.
- HALLEWELL, L. - O livro no Brasil: sua história. São Paulo, T. A. Queiroz/EDUSP, 1985.
- HIMMELWEIT, H.T. & SWIFT, B. - Continuities and discontinuities in media usage and taste: a longitudinal study. Journal of Social Issues, 32:133-156, 1976.

- HOUAISS, A. - O problema do livro no Brasil, O Estado de São Paulo, São Paulo, 17 ago. 1980. Suplemento Cultura 1(10):5.
- HUTCHINSON, B. - Mobilidade e trabalho: um estudo na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais/Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.
- A INDÚSTRIA das apostilas. In: UMA política integrada do livro para um país em processo de desenvolvimento. São Paulo, Câmara Brasileira do Livro. Rio de Janeiro, Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 1976, vol.I p.45-46.
- JAIN, A.K. - Sampling and short-period usage in the Purdue Library. College & Research Libraries, 27(3):211-218, 1966.
- KATZENSTEIN, B. & FREITAS, B. - Algo do que as crianças gostam de ler. Revista do Arquivo, São Paulo, 7(77):5-94, 1941.
- KNAPP, P.B. - The reading of college students. The Library Quarterly, 38(4):301, October, 1968.
- KREMER, J.M. - Estudo de usuários das bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1984.
- LAJOLO, M. - Tecendo a leitura. Leitura: teoria e prática. 3(3):3-6. 1984.
- LARSON, T. - Values identified: research on reading interests. RQ. 12(4): 367-8, Summer, 1973.
- LAUNAY, M. - Entrevista à professora Maria Thereza Fraga. In: FRAGA, M.T. - Literatura/Ensino: uma problemática. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação da USP. 1974. Anexo 2: Fontes vivas de informação: documentos inéditos. p.117-162.
- LeGRAND-BRODSKY, K. - Hope for reading in America: practically everyone reads. Reading Teacher 32(8):947-949, 1979.

- LEITE, D.M. - Conceitos morais em seis livros didáticos brasileiros. Boletim de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo. (Série Psicologia, 3), São Paulo, (119):175-206, 1950(a)
- LEITE, D.M. - Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos brasileiros. Boletim de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. (Série Psicologia, 3) São Paulo, (119):207-231, 1950.
- LEMOS, A.A.B. - A função da biblioteca pública. O Estado de São Paulo, 7 jan., 1979. Suplemento Cultural 9(114):6-7.
- LEWIN, H. - Diversificação da demanda ao ensino superior: o comportamento feminino diante da carreira universitária. Rio de Janeiro, Fundação CESGRANRIO, 1977.
- LEWIS, R. & TEALE, W.H. - Another look at secondary school students attitudes toward reading. Journal of Reading Behavior 7(3):187-201. 1980.
- LIMA, L.H.P. & LEITE, M.P.F. - A biblioteca universitária especializada no processo de educação formal: estudo para avaliação do hábito de leitura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11. João Pessoa, 1982. Anais. João Pessoa, Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982. v.1, p.39.
- LIMA, M.L.A. - Usuários de uma biblioteca universitária; estudo realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco. Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 3(1):51-56, 1974.
- LINE, M.B. - Student attitudes to the university library: a survey at Southampton University. Journal of Documentation 19(3):100-117, 1963.
- LINE, M.B. & TIDMARSH, M. - Student attitudes to the university library: a second survey at Southampton University. Journal of Documentation, 22(2):134, 1966.
- LINS, O. - O verdadeiro preço das apostilas. In: Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros. São Paulo, Summus, 1977. p.95-98.

- LOPES, M.M.L. - O hábito de leitura em escolares do 2º grau: frequentadores e não frequentadores da biblioteca pública. Paraíba, 1981. Dissertação (mestrado) Universidade Federal da Paraíba.
- LOPES, M.C. - A situação do escritor e do livro no Brasil. Rio de Janeiro, Cátedra, 1978.
- LOUREIRO, M.A.S. (coord.) - História das universidades. São Paulo, Estuda Alfa, s.d.p.
- McDAVID, J.W. & HARARI, H. - Psicologia e comportamento social. Rio de Janeiro, Interciência, 1980
- MACEDO, N.D. - A biblioteca universitária: o estudante e o trabalho de pesquisa. São Paulo, 1980. Tese (doutorado) Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.
- MANN, P.H. - Students and books. London, Routledge & Kegan Paul, 1974.
- MARTINS, M.A. - O que é leitura. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- MAXWELL, J. - Reading progress from 8 to 15. Slough, Bucks, National Foundation for Educational Research, 1977.
- MEDINA, C.A. de - A função social do livro na atual realidade brasileira. In: UMA POLÍTICA integrada do livro para um país em processo de desenvolvimento. São Paulo, Câmara Brasileira do Livro; Rio de Janeiro, Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 1976. p.87-162.
- MEDINA, C.A. de & ALMEIDA, M.L.R. de - Hábitos de leitura: uma abordagem sociológica. Rio de Janeiro, Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. 1976.
- MELLO, S.L. de - Psicologia e profissão em São Paulo. São Paulo, Ática, 1978.

- MELO, L.G.C. - Hábitos e interesses dos usuários da Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1978. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Biblioteconomia.
- MELO, J.M. de - Os meios de comunicação de massa e o hábito de leitura. Leitura: teoria e prática. São Paulo, 2(2):17-30, out. 1983.
- MELO, J.M. - Uso dos meios de comunicação na Universidade de São Paulo São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 1971 (Série "Pesquisa em Comunicação").
- MILANESI, L. - Biblioteca, artigo supérfluo? Leia: livros. São Paulo, 5(49):26-27, 1982.
- _____. - Política cultural, informação e biblioteca. Shopping News/City News. 7/10/84.
- _____. - O que é biblioteca. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- MIRANDA, A. - Biblioteca universitária no Brasil: reflexões sobre a problemática. In: _____, Estruturas de informação e análise conjuntural: ensaios. Brasília, Thesaurus, 1980. p.17-21.
- MOLINA, O. - Avaliação da inteligibilidade de livros didáticos de 1º e 2º graus por meio da técnica de Cloze. São Paulo, 1979. Tese (Doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- MOSS, G.D. & GREEN, A.M.W. - Student opinion of the services of a university library. Aslib Proceedings. 32(4):161-166, 1980.
- MUCCHIELLI, R. - O questionário na pesquisa psicossocial. São Paulo, Martins Fontes, 1979.
- NATIONAL Assessment of Educational Progress - Literature: a survey of reading habits. Washington, U.S. Government Printing Office, 1973.

- OBERHOFER, C.M.A. & SILVA, P.A.L. - Caracterização de usuários e adequação dos serviços de biblioteca: uma abordagem preliminar das bibliotecas da PUC/RJ. Ciência e Informação, 7(1):13-24, 1978.
- OLIVEIRA, P.T. - Livros didáticos de leitura e interesses de escolares em leitura. São Paulo, 1972. Tese (Doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- OPPENHEIM, A.N. - Reading habits of students. Journal of Documentation. 18(2):42-57, june, 1962.
- ORTON, L & WISEMAN, J. - Library service to part-time students. Canadian Library Journal, 34(1):23-27, Feb. 1977.
- PEREIRA, M.L.M. - Uma análise das dificuldades de compreensão de textos entre estudantes universitários. São Paulo, 1983. Dissertação (mestrado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- PFROMM NETTO, S. - Alguns aspectos da psicologia da leitura. Comunicações e Artes, São Paulo, (11):151-174, 1982.
- _____.; DIB, G.Z.; ROSAMILHA, N. - O livro na educação. Rio de Janeiro, Primor/Ministério da Educação e Cultura, 1974.
- _____. - A psicologia no Brasil. In: FERRI, M.G. & MOTOYAMA, S., coord. - História das ciências no Brasil. São Paulo, EPU/EDUSP, 1981. vol.3, cap.7, p.236-276.
- _____. - Tecnologia da educação e comunicação de massa. São Paulo, Pioneira, 1976.
- UMA POLÍTICA integrada do livro para um país em processo de desenvolvimento. São Paulo, Câmara Brasileira do Livro; Rio de Janeiro, Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 1976, 2v.
- POMPEU DE TOLEDÔ, M.P. - Estudo psicanalítico quantificado de dez contos infantis tradicionais. Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (Série Psicologia, 5) São Paulo.(181):1-79, 1957.
- POR QUE o jovem não lê? City News, São Paulo, 9 dez. 1974.

PROJECT for evaluating the benefits from university libraries: final report. OSTI 5056, 1969.

ROCCO, M.T.F. - Crise na Linguagem: a redação no vestibular. São Paulo Mestre Jou, 1981.

ROSEMBERG, Fúlvia - Psicologia, profissão feminina. Cadernos de Pesquisa (49):32-37, nov. 1983.

SANTOS, O.B. - Ligeira avaliação dos trabalhos científicos do Congresso. In: ANGELINI, A.L., ed. - CONGRESSO INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA, 14º, São Paulo, 14-19 abril, 1973. Anais. São Paulo, Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo, 1973. p. 801-803.

SHARON, A.T. - What do adults read? Reading Research Quarterly, 9: 148-169, 1973/74.

SILVA, E.T. - O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1981.

SILVA, E.T. da - A biblioteca de cada um: depoimento do autor à revista Palavra-Chave (1):5, 1982.

_____. - Leitura e realidade brasileira. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

SINDICATO DOS PSICÓLOGOS NO ESTADO DE SÃO PAULO. Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região - O perfil do psicólogo no Estado de São Paulo. São Paulo, Cortez, 1984.

SMITHIES, M. - Reading habits at a third world technological university. Reading in a Foreign Language 1(2):111-118, 1983.

SOMMER, R. - The ecology of privacy. Library Quarterly 36(3):234-248, 1966.

SORIANO, M. - A crise da leitura dos jovens e da literatura para a juventude: suas causas e possibilidades de solução. In: SEMINÁRIO DE LITERATURA INFANTIL, São Paulo, 1972. Anais. Rio de Janeiro, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, 1973.

- STOICA, I. - The place and role of the library within the university system. LIBRI, 27(4):325-40, 1977.
- STREHLNEK, O. - Estudo comparativo de seis cartilhas em uso nas escolas primárias. Revista do Arquivo, São Paulo, 7(74):83-216, 1941.
- _____. - A psicologia da leitura e suas conseqüências educacionais. Educação, São Paulo, 32(44/45):104-118, 1944.
- STUTMAN, R. & CASSADY, D. - Heavy readers not always better writers, study shows. Journalism Educator 38(3):11-14, 1983.
- TAYLOR, R.S. - Orienting the library to the user. In: _____. Use, mis-use and non-use of academic libraries. New York, Library Association/College and University Library Section, 1970. p. 5-19.
- TUCKER, P.E. - The sources of books for undergraduates: a survey at Leeds University Library. Journal of Documentation 17(2):77-95, 1961.
- UUNILA, E.H. - Are college students becoming banal readers? Publishers Weekly, (5):15-16, march, 1982.
- WHITEHEAD, F.; CAPEY, A.C. & MADDREN, W. - Children's reading interests London, Evans and Methuen, 1975.
- WILLIAMS, G.J. - African university libraries: a consumer viewpoint. Library Review 28:239-246, 1979.
- YARLOTT, G. & HARPIN, W.S. - 1000 responses to English literature. 2- Educational Research, 1971 13:87-97.
- ZILBERMAN, R., org. - Leitura em crise na escola; as alternativas do professor, 2ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

APÊNDICE

APÊNDICE 1

ORIGENS DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ORIGENS INSTITUTO DE PSICOLOGIA

